



# COTRIJORNAL

ANO 5 — IJUI, JULHO DE 1977 — Nº 43

## COTRIJUI AOS VINTE ANOS

Suplemento Histórico  
Com Esta Edição



Com Esta Edição:

**ESTRADA IJUI-TRÊS PASSOS  
É NOSSO MAIOR PROBLEMA**

**MINISTRO QUER RÁDIO E TV  
MAIS BRASILEIROS**

**É POSSÍVEL CONTABILIZAR  
O CUSTO DA GUERRA?**

**FESTIVIDADES DO COLONO  
NO ALTO DA UNIÃO**

**A PREVENÇÃO DAS DOENÇAS  
SEGUNDO A MEDICINA**

**JUVENTUDE IJUIENSE ESTÁ  
PROTEGENDO A ECOLOGIA**

**GOVÊRO DECRETOU: 1977 É  
O ANO DA ÁRVORE**

**OS ALEMÃES NA ORIGEM DO  
CINEMA NO ESTADO**

**UMA ANÁLISE DA ECONOMIA  
AGRÍCOLA FRANCESA**

**CORAL MUNICIPAL DE IJUI  
FESTEJOU CINCO ANOS**

# PORTUGAL QUER LER O COTRIJORNAL

Amigos da COTRIJUI:

Através dos Boletins da O.I.T. (Organização Internacional do Trabalho), tive conhecimento da vossa organização. Fiquei curioso em conhecer maiores detalhes dessa grande cooperativa. Tive conhecimento também que editam um jornal de bom conteúdo - Cotrijornal - o qual gostaria de receber. Será possível que me ofereçam? Dessa forma teria oportunidade de obter maiores conhecimentos do mundo cooperativo brasileiro.

Junto envio um Boletim da RIOCOOP e autocolantes. Trata-se de uma cooperativa de consumo a qual sou elemento ativo. Grato pela atenção que estou certo não dispensar, aproveito o ensejo para endereçar saudações cooperativistas. José Esteves, rua do Areal 80 - Rio Tinto - Portugal.

N. da R. - Temos o maior prazer de remeter-lhe o COTRIJORNAL. Agradecemos a remessa de seu boletim e decalcos.

## QUEM É O PATRONO DA TRADIÇÃO?

Senhor diretor:  
Pela presente comunicamos que nos dias 6 e 7 de maio esta Região Tradicionalista esteve reunida na cidade de Campo Novo, onde por proposição de uma das delegações presentes comentou-se que o COTRIJORNAL divulga matéria sobre tradicionalismo, o que é de muita valia para a tradição do Rio Grande que tanto merece divulgação.

Contudo, causou-nos estranheza que na edição de abril, página 8, o COTRIJORNAL tenha divulgado que o Patrono do Tradicionalismo seja Simões Lopes Neto ao invés de Cezimbra Jacques.

Certos de merecermos sua atenção com a permanência do COTRIJORNAL na divulgação de tudo o que de bom tem o glorioso Rio Grande do Sul, apresentamos nossas saudações tradicionalistas. Centro de Tradições Gaúchas "Sentinela das Coxilhas", da 20a. Região Tradicionalista. Pedro Alexandre dos Santos, coordenador; Odilon Gomes de Oliveira, secretário.

N. da R. - Agradecemos os conceitos elogiosos ao COTRIJORNAL. Quanto a dúvida sobre João Simões Lopes Neto ou João Cezimbra Jacques, pensamos ser o primeiro, Patrono da Tradição e o segundo, Patrono dos Clubes Tradicionalistas. Esperamos que os amigos tenham recebido correspondência endereçada pelo redator responsável sobre o importante assunto.

## DE UBERLÂNDIA MINAS GERAIS

Senhor Diretor:  
Por sugestão de meu filho, que se encontra na França, Cândido Grzybowski, eu gosta-

ria de fazer uma assinatura do COTRIJORNAL. Desejo ser orientado como proceder para efetuar o pagamento e o valor da assinatura. Atenciosamente, Claro Grzybowski, av. Afonso Pena, 2.306 - Uberlândia, Minas Gerais.

N. da R. - Está providenciada a remessa. Quanto a pagamento, não se preocupe. A COTRIJUI tem o prazer de oferecer-lhe o COTRIJORNAL a título de relações públicas.

## UNIVERSIDADE DE VIÇOSA

Senhor Diretor:  
O COTRIJORNAL está tendo grande repercussão nesta Universidade. Inclusive, é grande o número de interessados em sua assinatura, devido a variedade de assuntos focalizados, principalmente aqueles sobre a sócio-economia nacional. Atenciosamente, Weber Rodrigues Castro, Viçosa, maio de 1977.

## GALENO G. ALVES BELO HORIZONTE

Senhor Diretor:  
Solicito anotar meu novo endereço, pois tenho muito interesse em continuar recebendo esse maravilhoso COTRIJORNAL. Galeno Germano Alves, rua Francisco de Paula Castro, 10 - Cidade Nova - Belo Horizonte, Minas Gerais.

## AURILIO SOUZA BRASÍLIA

Senhor Diretor:  
Solicito o grande obséquio de determinar a remessa do COTRIJORNAL para o seguinte endereço: Aurilio dos Santos Souza, Banco do Brasil S.A. - 12º andar (DINOR), Brasília - DF. 70.000.

## MARIA DA SILVA SÃO PAULO

Senhor Diretor:  
Tendo lido o COTRIJORNAL na firma onde trabalho e julgando esse jornal de

ótima qualidade geral, gostaria, se possível, de recebê-lo regularmente. Agradecendo antecipadamente, subscrevo-me atenciosamente. Maria Aparecida da Silva, rua Natalino Caripe, 93 - Centro, Jundiá, estado de São Paulo.

## EUGÊNIO GIOVENARDI BNCC - BRASÍLIA

Informado via-COTRIJORNAL balanço da COTRIJUI em 1976, exalto magnífico desempenho econômico. Saudações, Eugênio Pedro Giovenardi, coordenador de cooperativismo, Banco Nacional de Crédito Cooperativo, BNCC, Brasília, DF.

## EMIDIA PEREIRA BRASÍLIA

Senhor Diretor:  
Sendo da maior importância para mim o recebimento do COTRIJORNAL, comunico-lhes meu novo endereço na Capital Federal ao mesmo tempo que cumprimento toda a equipe pelo elevado gabarito técnico e científico de que é dotado esse conceituado jornal. Atenciosamente, Emidia Coelho Pereira - SQS 108 - B-205 tel. 44-5376 - 70.000 - Brasília, DF.

## INSTITUTO DO GÁS - IBG

Senhor Diretor:  
Por oportuno, manifestamos o propósito de receber o COTRIJORNAL em nosso escritório em São Paulo, sito a av. Brigadeiro Faria Lima nº 1651, 4º andar.

## COBACELAN BAGÉ

Prezados Senhores:  
Cumprimentamos V. S. pela magnífica publicação que é o COTRIJORNAL, e manifestamos o desejo de continuarmos recebendo suas futuras edições. Cordialmente, Cooperativa Bageense Mista de Lãs, rua João Telles, 844, Bagé.

## FUNDAÇÃO PADRE LANDELL DE MOURA

Prezados Senhores:  
Solicitamos que, em virtude de modificações em nosso setor especializado, as remessas do COTRIJORNAL passem a ser endereçadas como especificamos abaixo:

Professor Eduardo Cortez Balreira, coordenador do DEPRO-FEPLAM, Av. Bastian, 285 - Menino Deus, Porto Alegre.

## DE DOURADOS MATO GROSSO

Prezado Redator:  
Agradeço a vinda do COTRIJORNAL, através do Correio, o que me deixa muito bem informado e também muito animado também, pois em matéria do jornal aqui no Mato Grosso devem estar no mínimo muitos anos atrasados. Eles só querem saber de propaganda e matéria de cultura praticamente nada. Aproveito para remeter recorte do jornal "O

Progresso", editado aqui em Dourados, que é uma das coisas boas. Referido recorte fala do divórcio, uma das coisas boas que nosso Congresso aprovou. Ainda bem, não era sem tempo. O magnífico artigo é de autoria do rev. Scilla Franco, supervisor do Plano de Promoção Social da Igreja Metodista de Dourados. Ass. Valmir A. Botega Sobrinho, Dourados, Mato Grosso.

N. da R. Agradecemos as referências ao COTRIJORNAL. Concordamos com o bom e esclarecedor artigo do culto rev. Scilla Franco, da Igreja Metodista.

## MAIS ASSUNTOS SOBRE AGROPECUÁRIA

Prezados Senhores:  
Queremos parabenizar a todos que participam da feita do COTRIJORNAL. Nossos cumprimentos pela beleza de impressão. Como sugestão, se nos permitem, acreditamos que deveria existir mais assuntos sobre matérias técnicas e agropecuária. Cordialmente, Julio Brasileiro Junior, diretor-superintendente de Diretiva - Consultoria de Administração - rua André Puente, 344, Porto Alegre.

## ARNILDOMIGUEL CRESPLAN FREDERICO WESTPHALEN

Prezados Senhores:  
Desejo externar meus cumprimentos pelo envio do bom COTRIJORNAL, o qual veio preencher uma lacuna existente neste campo de ação. Reiteramos aqui nosso desejo

de recebê-lo sempre. Atenciosamente, eng. agr. Arnildo Miguel Crespan, diretor do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen.

## DIRETORIA DOS ARQUITETOS

Foi empossada recentemente em Porto Alegre, a atual diretoria do Sindicato dos Arquitetos do Estado do Rio Grande do Sul, cuja nominata é a seguinte:

Presidente, arquiteto Clóvis Ilgenfritz da Silva. Vice-presidente, Newton Burmeister e secretários, Claudio Casaccia, Moacir José Felin; tesoureiros, José Guilherme Piccoli e Cesar Dorfmann. Os suplentes são, Edenor Antonio Buchholz, Helena Machado, Lenora de Alencastro, Newton Paulo Baggio, Gerd Frederico Zander e Sérgio Amílcar Corvello Rodrigues.

## ARNILDO SCHONARDIE TRES DE MAIO

Prezado Diretor:  
Tomo a liberdade de comunicar meu novo endereço para continuar recebendo o COTRIJORNAL. Atenciosamente, técnico agrícola Arnildo Gerto Schonardie, rua Santo Angelo, 455 - CEP 98.910, Tres de Maio.

## CINTIA PERELMUTER SÃO PAULO

Agradeço a atenção de V. S. em remeter-me o COTRIJORNAL, que me é de grande utilidade. Cintia Peralmuter, rua Torquato Tasso, 138, Vila Prudente, São Paulo.



**FLORESTA É VIDA  
FLORESTA É SAÚDE  
AJUDE À PRESERVÁ-LA**



Rua das Chácaras, esquina  
Av. Porto Alegre,  
Caixa Postal, 111

IJUÍ - RS  
CGC ICM - 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF - 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,  
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar  
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nancy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarro, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

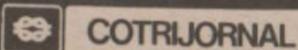
José Cláudio Koehler, Edmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUÍ (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da



Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Alegre, Caixa Postal, 111.

98.700 - IJUÍ - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776 de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176, matrícula no SJPPA n. 550, sócio da Associação Riograndense de Imprensa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

## EDITORIAIS

# COTRIJUI: LUTA DE 20 ANOS

Neste mês de julho comemora-se a data dedicada ao Colono, o forte, o audacioso, o destemido desbravador das lonjuras que se constituem no interior brasileiro, hoje cobertas durante seus variados ciclos, de trigo, de soja, de milho, de café, de cana-de-açúcar e de quantas riquezas agrícolas se produzam neste imenso e fértil País. No Rio Grande do Sul, Estado da Federação onde fez-se mais acentuada a colonização via-imigração européia, a data que transcorre no próximo dia 25, assume proporções de festas comemorativas.

Para a COTRIJUI, este julho é mais significativo ainda. É que, além das comemorações que tem por inspiração o tradicional Dia do Colono, que transcorre no dia 25 juntamente com o Dia do Motorista, marca também a passagem dos 20 anos de trabalho e lutas da cooperativa em busca de um futuro maior e melhor.

Esta edição do COTRIJORNAL, que vem com o dobro do espaço através de Suplemento Especial dedicado aos 20 anos da cooperativa, pretende ser uma homenagem - mesmo que modesta - aos ideais cooperativistas que foram acrescentados aos ideais de trabalho e fé na prosperidade, característica marcante da personalidade do colono, esse herói do progresso nacional.

Quanto a COTRIJUI, que comemora seu 20º aniversário no dia 20, ela vê na figura vertical e máscula do colono, o reflexo de sua própria imagem. E analisando sua trajetória durante esse espaço de tempo, constata que o próprio crescimento que marcou sua atuação e expansão no concerto da economia cooperativista nacional, o foi segundo um realismo e comedimento que se identifica

com a própria razão de ser do colono. O trabalho árduo, desempenhado com toda a vitalidade de seu vigor físico, o equilíbrio no desempenho do próprio crescimento e a preocupação constante com o futuro, que se baseia na poupança; no guardar hoje para ter no dia de amanhã.

Um olhar para o passado desses 20 anos, mostrará ao longo do caminho percorrido, trechos de acentuada aspreza; aclives de cumes elevados. Mas vencidos sempre, graças a pertinácia empenhada na luta e a renovada disposição para enfrentamentos subsequentes.

Assim foi quando se precisou espaço físico para guardar o resultado das colheitas, foi quando se precisou aumentar o nível dos transportes para os locais de consumo, foi quando se precisou povoar de armazéns graneleiros a região de produção e quando se precisou enfrentar o próprio mar na implantação do Terminal Portuário. E assim continua sendo quando a expansão da cooperativa abre o caminho para novos empreendimentos, hoje inclusive em áreas mais sofisticadas da produção e do aproveitamento a nível industrial dessa produção.

Esta edição do COTRIJORNAL é uma síntese desses 20 anos. Fatos e coisas importantes devem ter ficado sem citação, apesar da intenção da Editoria em focalizá-los no seu todo.

Agradecemos neste Editorial todos aqueles que colaboraram conosco: diretores e altos funcionários que nos forneceram dados importantes incluídos na edição, como também nos aconselharam sobre a melhor maneira de pesquisá-los. Agradecemos, de modo especial, a equipe de colaboradores da redação.

## CONSCIÊNCIA COOPERATIVISTA

O presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos, determinou há tempos que seus assessores estudem a possibilidade de se formar uma cooperativa mundial para a produção e distribuição racional de energia nuclear, "para dar a todas as nações igual acesso aquela fonte de energia, para fins pacíficos".

O assunto não é novo, pois transpirou no fim de março, através da Agência Telenoticias AP-Dow Jones e esclarecia que o conceito de cooperativismo dado à idéia do presidente norte-americano devia-se à intenção de "auxiliar o desenvolvimento energético de nações pobres ou em vias de desenvolvimento", sem necessidade destas investirem de forma isolada num recurso de interesse comum da humanidade.

Consideramos relevante o fato do presidente da maior e mais poderosa Nação do Ocidente, manifestar um ideal cooperativista. Independente ou não da viabilidade de se criar uma ou mais usinas de processamento atômico, a nível cooperativo, chamou-nos a atenção a mensagem de cunho cooperativista inerente na manifestação do chefe do grande Estado.

Somente o fato de ser arguida tal probabilidade ou possibilidade pelo citado líder mundial, chefe supremo do País da mais sólida economia capitalista, atesta a eficácia do sistema cooperativo como elemento catalizador de recursos e propulsor de bens destinados ao conjunto da coletividade como um todo.

Por mera coincidência, a intenção do presidente norte-americano foi veiculada quando organismos comerciais

brasileiros, ou para sermos mais precisos, lideranças comerciais localizadas no Rio Grande do Sul, tentaram levantar a opinião pública e conflitar as autoridades econômicas do País contra o sistema cooperativista. Felizmente, dada a elevada conscientização existente no País sobre a importância do cooperativismo no concerto de nossa economia, a investida dos comerciantes foi anulada.

Da intenção manifestada pelo sr. Jimmy Carter e o "affaire" Federação das Associações Comerciais-cooperativismo, dá para se tirar lições que nos parecem válidas para a filosofia do sistema. Nos Estados Unidos subsistem, lado a lado, produzindo, transportando, comercializando, fabricando, dois sistemas válidos e portanto aceitos integralmente pela economia do grande País. Se em alguma ocasião tiveram problemas e conflitaram em áreas de interesses recíprocos, resolveram-os dentro das linhas mestras do paralelismo da economia de mercado aberto, sem apelos à ingerência de forças extra-economia. Pois é sabido que o produtor norte-americano, que é absolutamente exigente e rigoroso no cumprimento da Lei quando essa Lei lhe é benéfica, aceita-a, democraticamente, quando ela lhe é contrária. A essa exigência da Lei em benefício próprio e aceitação irrestrita da Lei mesmo contra interesses pessoais, chama-se espírito de Democracia. Pois foi, lamentavelmente, esse espírito de Democracia que faltou às lideranças comerciais do Rio Grande do Sul no caso lembrado aqui. Que nossos produtores julguem os fatos e deles tirem o necessário proveito. Está na hora do agricultor descobrir onde estão seus inimigos.

## É POSSÍVEL CONTABILIZAR O CUSTO DA GUERRA?

O embaixador norte-americano na ONU, Andrew Young, disse que o custo para por fim à fome no mundo em 10 anos seria inferior ao que os Estados Unidos gastaram na guerra do Vietnã. A soma oficial gasta pelos Estados Unidos na guerra foi de 150 bilhões de dólares, e segundo os especialistas em economia alimentar, bastam 125 bilhões de dólares para manter a humanidade alimentada pelo prazo de 10 anos, conforme relato de Andrew Young.

Baseados nas considerações de Young, os economistas começaram a desenvolver teorias no sentido de aferir o montante aproximado, pelo menos, do quanto se consumiu naquela guerra.

É que no montante confessado dos gastos — 150 bilhões de dólares — declara-se apenas os gastos líquidos dos Estados Unidos na guerra. Nessa computação não estão considerados os gastos brutos, ou seja, a economia de escala que foi seguida para a obtenção dos produtos bélicos destruídos na guerra e os preparativos físicos da execução da própria guerra. De outro lado, e já que o argumento ocorreu em termos de fome mundial, os economistas questionam-se também quanto teria dispendido com a guerra a outra facção em luta. É também questionado o fato da estatística de gasto em guerra. Qual é o índice de base para a estatística? Quando se analisa a guerra em termos de gastos, computa-se o que se deixou de produzir em outros campos ou áreas industriais, por consequência da própria guerra? Os soldados colocados à disposição da máquina bélica não se constituem em força de trabalho deslocados de áreas produtivas? A conclusão parece ser fácil: é humanamente impossível a aferição real de gastos com a guerra.

No passado, impérios fortes e aparentemente indestrutíveis desapareceram do concerto da geografia política, dizimados não por inimigos visíveis, mais fortes e poderosos, mas pela escassez de alimentos. No período de maior poder bélico de Roma, começou a debácle do poderoso Império. É que os romanos, guerreiros por excelência, não sabiam viver sem guerra. Ninguém trabalhava, ninguém produzia. Por volta do ano 1000, após o término das Guerras Púnicas, os campos estavam crestados pelas intempéries erosivas e cobertos por ervas daninhas. Milhares de soldados não produziam, apenas consumiam riquezas guerreando e os restantes não produziam porque, em razão do natural instinto de conservação, precisavam defender-se daqueles. Viviam nossos entepassados no eterno círculo vicioso de matar ou defender-se da morte; guerrear ou fugir da guerra.

Quando os esbeltos e valentes Centuriões deram-se conta, o mundo não possuía pão. De nada adiantou aos romanos os enormes territórios conquistados, pois tudo era desolação e ruínas.

Agora, quando um ilustre embaixador norte-americano declara com impacto verbal os gastos de seu País na última guerra em que tomou parte, é o caso de nos questionarmos se o homem tem tirado proveito da História. Parece que não. E a prova é a "contabilidade" simplista da guerra, conforme a interpretação e exposição feita na ONU pelo sr. Andrew Young.



## A PREVISÃO É DE MENOS TRIGO NO MUNDO EM 77

Ao planejar a safra 1977/78, o Conselho Internacional de Trigo previu uma produção de 390 a 400 milhões de toneladas do produto, o que significa uma baixa de 4 a 6% em relação a colheita recorde de 417 milhões de toneladas, da safra de 1976/77.

Ao dar a informação, o Conselho Internacional adverte no entanto que essa redução reflete a diminuição de cultivo que acontecerá nos países exportadores de trigo da América do Norte. A se confirmar o que preconiza o órgão internacional os excedentes dos cinco gran-

des produtores de trigo alcançarão entre 108,4 e 126,2 milhões de toneladas. Na safra agrícola 76/77, o excedente de trigo foi de 114 milhões de toneladas, segundo a mesma fonte. A instabilidade das safras agrícolas tem se constituído no grande problema.

## PARAGUAI: O NOVO ELDORADO DA SOJA

Enviado especial do Jornal Gazeta Mercantil a Assunção afirmou que, se forem mantidos os índices de crescimento da lavoura de soja do Paraguai, já em 1980 o pequeno país sul-americano poderá influir decisivamente na oferta de grão e farelo, pondo em risco as cotações que o Brasil e a Argentina têm desfrutado no mercado internacional.

Ronaldo Navarro, expert

no assunto soja e dono de uma das maiores "trading" paraguaias que operam com o produto, disse que na próxima safra a produção deverá atingir as 500 mil toneladas. Contribuem para esse crescimento o fato de os brasileiros continuarem avançando em território Paraguai, atraídos pelos baixos preços da terra e porque lá não há confisco. Na margem direita do rio Paraná, o preço da terra é

60 por cento mais barato que no Paraná ou Rio Grande do Sul. Em contrapartida ao confisco existente em nosso país, lá o Governo vem fazendo tudo para ampliar os lucros dos lavradores, responsáveis por mais de 100 milhões de dólares na balança comercial paraguaia. Com essas vantagens todas, o pequeno País sul-americano tem tudo para transformar-se em verdadeiro eldorado.

## "SAFRA MARAVILHOSA" DE SOJA NA ARGENTINA

Ao conceder uma entrevista ao "The Journal of Commerce" o ministro da Economia da província de Corrientes, Alejandro F. Reynal, afirmou que a soja foi considerada a "safra maravilhosa" de ano passado e sua produção, diante dos altos preços mundiais, expandiu-se de 800 mil toneladas métricas

no ano passado para 1,4 milhão na atual safra. Segundo Reynal, os preços podem ser determinados livremente, de acordo com as condições do mercado.

Ainda segundo o especialista, a safra recorde de trigo do ano agrícola 1976/77 (11,6 milhões de toneladas) não se repetirá na seguinte, 1977/78. Para

esta a estimativa é de 10 milhões de toneladas, tendo em vista a probabilidade de uma maior produção de soja, mais lucrativa. É que na Argentina, continua crescente entre os agricultores a tendência de plantar o trigo e a soja na mesma área, o que diminui os ciclos de cultura.

## SAFRA AMERICANA DE SOJA ATINGE PLANTIO RECORDE

Segundo anúncio do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o plantio de soja norte-americana para esta safra atingiu, o recorde de 59 milhões de acres, isto

é, 17% a mais do que a área plantada no ano passado. Esta estimativa é superior em 6% as intenções de plantio anunciadas pelos produtores em 1º de abril.

Fonte do USDA acrescenta que os agricultores plantaram, em relação ao ano anterior, mais soja e menos milho e trigo.

## FAO OTIMISTA COM RESERVA DE GRÃOS

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), prevê a existência de um estoque de 163 milhões de toneladas de cereais em todo o mundo ao findar o ano agrícola 1976/77. Se confirmada a previsão, isso significará a existência de esto-

ques de reserva equivalente a 18% do consumo anual de cereais em todo o mundo. Os especialistas da FAO afirmaram também no início deste mês, que caso persistam as boas condições de cultivo reinantes este ano há possibilidade de esses estoques serem ainda maiores.

Nem por isso a organização deixou de afirmar que alguns países em desenvolvimento encontrarão dificuldades devido a seca que prejudicou as plantações como ocorreu no Oriente Médio e no norte da África.

É bastante pobre a capacidade humana em alimentar-se.

O ACINTOSO TRAVESTI

SÃO PAULO MAIO 77

ENGLISH SECTION ON YELLOW PAGES

WHAT TO DO WHERE WHEN IN THE CITY

RESTAURANTES ESPETÁCULOS CURIOSIDADES PASSEIOS TEATROS COMPRAS BOITES HOTEIS MUSEUS ARTES MAPAS



Um jornalista mineiro radicado há anos no Rio de Janeiro, Dêlcio Monteiro de Lima, escreveu O Comportamento Sexual do Brasileiro, um compêndio analítico do comportamento do brasileiro (homem ou mulher) em relação ao próprio sexo. O livro, segundo os críticos, traz algumas revelações até certo ponto surpreendentes. Por exemplo, a maior concentração de travesti é, pela ordem, São Paulo e em seguida Porto Alegre, e não, como seria de esperar, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador, que são centros maiores que a Capital gaúcha. Mas em São Paulo, é surpreendente o número de travesti, aliás estimulados por uma propaganda crescente e elitista, como por exemplo revistas especializadas e de bom nível gráfico, de que damos exemplo na ilustração deste texto. O clichê mostra redução da revista "Este mês em São Paulo", correspondente a maio último. A aparente "moça" que é focalizada, coberta de plumas e laquê, não é nada menos do que o travesti "Valéria". No sul, ainda não se publicam revistas para ressaltar o travesti. Em compensação, dois bairros de Porto Alegre — Independência e Moinhos de Vento — já foram tomados pelos afeminados. Decididamente, é triste o espetáculo proporcionando ao público, diariamente, por esses elementos, que transformaram a Capital gaúcha na segunda concentração nacional de travesti. E que dizer de uma revista que ostenta em foto artística de capa, um travesti?

COOPERATIVISMO COM DOIS NOVOS JORNAIS

Segundo vem de publicar o jornal "O Interior", de Carazinho, numa de suas últimas edições, acabam de ser lançados dois novos jornais de cooperativa. Trata-se de o "Choque", da Cooperativa Rural Teutônia Ltda. — CERTEL — de Estrela e "A Ponte", órgão de divulgação da Cooperativa Agropecuária Nova Petrópolis, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Prefeitura Municipal, Associação de Agrônomos e Inspetoria Veterinária. O "Choque", da CERTEL, tem como responsável a jornalista Lilian Dreyer.

MINISTRO QUER RÁDIO E TV MAIS BRASILEIROS

Durante a recente realização do IV Congresso Brasileiro de Radialistas, em Brasília, o ministro das comunicações Euclides Quandt de Oliveira foi enérgico ao afirmar: "o anteprojeto da nova lei Postal e de Telecomunicações exigirá que 20 por cento da programação das emissoras de rádio e televisão sejam idealizados, realizados e produzidos por equipe brasilei-

ra, com sons e imagens gerados no Brasil, e sobre temática nacional".

Falando sobre a responsabilidade dos radialistas e dos profissionais de televisão na preservação dos valores da cultura nacional, Quandt afirmou que "o governo está interessado na melhoria do nível da programação das emissoras de rádio e televisão". Como exemplo disso, lembrou os estágios e cursos de aperfeiçoamento ofe-

recidos aos radialistas pelos convênios firmados pelo Ministério das comunicações com a Fundação Padre Anchieta e com a Escola de Engenharia de São Carlos, para especialização de técnicos de iluminação, câmara, vídeo e radiodifusão. Acrescentou que outro convênio, com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, vai também possibilitar a especialização de profissionais do setor.

RÁDIO UPACARAI: 15 ANOS NO AR EM DOM PEDRITO

No dia 20 de junho a Rádio Upacarái, de Dom Pedrito, completou 15 anos de atividades. A data, como não poderia deixar de ser, se constituiu em motivo de orgulho para a comunidade pedritense e região de alcance da emissora.

Sua fundação, em 1962, foi reflexo do trabalho de homens idealistas e comprometidos com o progresso da Capital da Paz, dentre os quais sempre se destacou a figura do saudoso Jesus Jordi Vicente, desaparecido tragicamente em outubro do ano passado.

Além da luta comum às empresas de radiodifusão, a Rádio Upacarái enfrentava a cada passo o desafio de um município crescente, mas hoje se pode dizer que evoluiu junto. Programação diversificada, com informativos bem distribuídos, é um veículo em constante atualização. No seu décimo quinto ano de existência, com a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris Ltda. pela COTRIJUI, a Rádio Upacarái acrescentou a sua programação o Informativo COTRIJUI, espaço destinado a veicular assuntos de interesse dos produtores. A primeira edição do programa em Dom Pedrito aconteceu a 1º de maio deste ano — data universal do trabalho — e teve a palavra do diretor-presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva.

Ao registrarmos os 15 anos de existência da Rádio Upacarái, reforçamos o que disse o dr. Ruben naquela data. Que todos devemos pautar nossa existência pelo trabalho. Este foi o início, e continua sendo a finalidade primordial dos que integram os quadros diretivo e funcional da Upacarái.

DA BAYER PARA A DU PONT

O jornalista Sérgio Malta Cardoso, que desempenhou as funções de responsável pelo Setor de Comunicações da Divisão de Defensivos Agrícolas da Bayer do Brasil, após um período de cinco anos, passou a ocupar as funções de

assessor de imprensa da Du Pont do Brasil S.A. — Indústrias Químicas. O jornalista, que esteve na região nos primeiros dias do mês, teve a gentileza de fazer uma visita a redação do COTRIJORNAL, trazendo cumprimentos da Du Pont.

AJOCOOP QUER DEBATER TESES COOPERATIVISTA

Em cada reunião da Associação dos Jornais de Cooperativa (AJOCOOP) será discutido um assunto relacionado com o sistema cooperativista. Esta decisão aprovada no último encontro da diretoria (início de julho), a partir de uma sugestão do jornalista Valdir Heck, do Jornal "O Interior", visa um melhor conhecimento e abordagem de assuntos que serão desenvolvidos nos jornais e revistas das cooperativas.

Nesta última reunião já foi discutido o tema "a colonização da Amazônia pelos gaúchos". Mas este assunto, por ser bastante complexo, terá continuidade no próximo dia 5 de agosto, em Cruz Alta, e contará com a presença de dirigentes e técnicos do projeto de colonização da Amazônia.

UM DIÁRIO QUE É SEMANAL

A cidade de Passo Fundo tem dois jornais diários. Um deles lançou um suplemento agrícola semanal, por sinal, bem diagramado e com bom conteúdo redatorial. Ocorre que, provavelmente por um cochilo de criatividade, o suplemento, um hebdomadário, ostenta como logotipo nominal indicativo, um possante "Diário". Sem dúvida, deve-se constituir no único diário semanal do mundo.

CONSUMO DE PAPEL-JORNAL

O consumo brasileiro de papel para jornal, neste ano, deverá ser em torno de 260 mil toneladas — apenas 4 mil toneladas acima da marca de 1976.

Este cálculo é o resultado de uma revisão recente nas projeções do início do ano, que apontavam uma absorção de 292 mil toneladas no exercício em curso. O reajuste dos cálculos se fez necessário depois que o ritmo da demanda pelos jor-

nais despencou a partir do segundo mês de 1977. O principal motivo: a queda da centimetragem ocupada pelos anúncios publicitários, particularmente da construção civil, das imobiliárias e de toda a indústria e comércio de bens de consumo.

Por região, o escoamento das 260 mil toneladas de papel para jornais mantém primazia no Eixo Rio — São Paulo.

# BOATES

Luis Fernando VERISSIMO

As pessoas se queixam que as boates, hoje, são muito barulhentas, e fazem uma injustiça. Em primeiro lugar porque uma boate bem aparelhada só é barulhenta na pista de dança. Onde, afinal, ninguém mais quer trocar confidências ou puxar conversa do tipo "Você vem aqui seguido?". Em segundo lugar porque, mesmo se o barulho for ensurdecedor em toda a boate, o barulho ainda é preferível ao tipo de conversa que se ouvia neste lugares, antigamente. Houve um tempo em que você ia à boate para ouvir tristes mulheres de preto cantando com as adenóides e para curtir angústia. Cedo ou tarde você virava para a sua (ou o seu) acompanhante e dizia uma daquelas frases das quais se arrependeria no dia seguinte mas que na hora, depois de tres uisques ou cinco cuba-libres, pareciam de uma profundidade antológica. Alguma coisa como:

— O amor, para ser verdadeiro, tem que ser infiel. O pior tipo de traição é a fidelidade.

A (ou o) acompanhante sorria misteriosamente, o que significava que tanto podia estar deslumbrada(o) com a sua inteligência ou mais bebida(o) que você. Se você tivesse sorte, a frase seria ouvida por mais duas ou tres mesas ao redor, com aprovação. Não é que nós fossemos mais filosóficos ou infelizes então, é que as boates eram mais quietas. Experimente dizer a mesma frase numa boate de hoje.

— Meu bem!

Ela não ouve. Estão tocando um disco que tem até castanholas elétricas. Você grita mais alto:

— MEU BEM!

— O quê?!

— O amor, para ser . . .

— Como é?

— O amor . . .

— Sim?

— Para ser verdadeiro . . .

— Sim?

— Tem que ser infiel.

— Hein?

— Infiel!

— Eu?

— Nada, nada.

— O que foi que eu fiz?

— Esquece!

O único perigo numa dessas deciboates é a súbita interrupção do som. Pode pegar quem está gritando para ser ouvido no meio da frase. De repente, faz-se silêncio e uma única voz está dizendo, em altos brados:

— . . . e eu respondi que não me opunha ao sexo grupal mas ao que estavam fazendo com o meu carpete!

Todos viram-se para a dona da voz que, silenciosamente, desliza para baixo da mesa.

As boates, antigamente, eram mais escuras também. Geralmente você era guiado através do breu até a sua mesa pela lanterna do garçom e levava uma hora para se acostumar com o escuro e descobrir que a mulher que estava sentada todo este tempo com você na mesa não era a mesma com quem você tinha entrado na boate. Você e ela se desculpavam mutuamente, se desenlaçavam as mãos e saíam cada um para um lado. Ela para procurar o seu acompanhante e você a sua. Pelo tato. Acabava apalpando um rosto que parecia conhecido, localizando o ouvido e sussurando:

— Querida, parece que nos perdemos.

— Cavalheiro, por favor! Eu sou o pianista.

O único lugar das boates antigas onde o barulho interferia com as frases era ao lado do baterista. E havia o perigo de, na escuridão, o baterista errar o prato e estilhaçar o seu copo. E você não podia reagir, pois interrompia o seu solo.

— Olha o que você fez no meu copo!

— Não segura o meu braço! Não segura o meu braço!

Não existiam, também, essas danças comunitárias de hoje, em que, em vez de pares, formam-se batalhões. O máximo que podia acontecer era dois casais se juntarem no meio da pista num momento de maior arrebatamento. Se aparecesse uma quinta pessoa era geralmente o gerente para reclamar da promiscuidade. Naquele período histórico que vai do fim da linha de conga ao princípio do cha-cha-chá, não se concebia outro modo de dançar que não fosse o um a um ortodoxo heterossexual.

Mais de dois juntos na pista era briga.

# EXCELENCIA! O BARRO É NOSSO

Raul QUEVEDO

Chovia ainda quando aqueles altos funcionários chegaram em Ijuí. Em pleno calçamento da cidade, o motorista, por prudente (e calejado pelos muitos atolamentos enfrentados em sua vida de funcionário modesto), teria advertido suas senhorias: "os jornais deram que a estrada tá braba . . . e são 12 quilômetros até o Hotel da Fonte . . ."

"Conversa de jornal", retorquiu uma das senhorias. "Esses jornais são acostumados a pintar as coisas de negro. Uns sensacionalistas é que eles são. E não tem conversa, vamos para a Fonte Ijuí".

O motorista — que conhecia a estrada de tempo bom, bem raciocinava como ela poderia estar após três dias de chuva, acumulada pelo intenso tráfego de caminhões pesados. Lembrou que na cidade tem um hotel de boa categoria, e previu a salvação:

— Excelência! Agora tem um hotel novo aqui, categoria de primeira. Parece que o nome é Vera Cruz . . .

— Nada de veras nem de cruces — troçou sua senhoria. Vamos é pra Fonte mesmo, pois quero apresentar aquela beleza de lugar aos meus amigos. Quanto ao que disseram os jornais, não

se amofine. Eles tem por hábito multiplicar o dramático, ampliar o trágico. É . . . São mesmo uns anarquistas. E porque não dizer outros "istas. . ."

O motorista ainda pensou, contendo a raiva: "É, mas se der bode — e só pode dar — quem vai atolá o pé no barro sou eu. . . E pisou no acelerador, vencendo as últimas quadras de paralelepípedo antes de penetrar na verdadeira via crucis da RS-155.

Não se sabe quantos quilômetros o veículo conseguiu rodar — ou navegar. . . — sobre o lamaçal. A perícia do motorista, que sabia usar todos os recursos da máquina possante, levou-a além dos limites do possível, do humanamente possível. Mas não houve como evitar. Deu o bode previsto e mentalizado pelo coitado do motorista cumpridor de ordens.

. . . Uma curva em declive, uma redução mais brusca no motor, uma guinada além do necessário, e o carro atolou até ao diferencial.

Horas depois, arrastados por um trator, chegavam sua excelência e seus amigos na Fonte Ijuí . . . quem sabe, talvez acreditando um pouco mais nas advertências veiculadas pela imprensa.

Excelência! O barro é nosso. . .

# MÁQUINAS AGRÁRIAS

Esta é uma perspectiva das mais animadoras. Segundo foi noticiado, o Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul encomendou à empresa especializada um estudo sobre as possibilidades de ser organizado um "pool" no Estado, visando a exportação de máquinas agrárias aqui produzidas. Os resultados do levantamento foram francamente favoráveis à viabilidade da iniciativa, mesmo porque, isoladamente, diversas fábricas rio-grandenses de maquinaria agrícola já vem exportando parte de sua produção. Estas exportações foram de ordem de 2 milhões e 500 mil dólares, em 1975, e de 2 milhões e 400 mil dólares, em 1976. Tudo concorre para que se alimente a expectativa de que estas exportações, responsáveis pela conquista de alguns mercados externos, venham a ser o ponto de partida para a formação do projeto "pool". Aliás, assegurada a viabilidade do empreendimento, deverão ter início, em seguida, os trabalhos de organização. Como se sabe, o Rio Grande participa com cerca de 70 por cento do parque brasileiro de máquinas e implementos agrários, com a grande maioria das empresas, que são em número de 27, sendo de ca-

ráter nacional, tanto pela origem dos respectivos investimentos, como, em alguns casos, pela própria tecnologia desenvolvida. Apenas no setor de tratores de maior porte, o parque rio-grandense está inferiorizado em relação ao que se produz em outros pontos do País. Mas esta situação tende a alterar-se, a médio prazo, pois estão em vias de implantação duas novas fábricas de tratores no Estado. Como tem sido divulgado, o parque rio-grandense de máquinas e implementos agrários vem atravessando um momento de dificuldades financeiras, havendo estoques nos pátios das fábricas e dos seus revendedores, assim como capacidade ociosa nas respectivas linhas de produção. Isto se deve às medidas de contenção de crédito, ao longo do primeiro semestre do ano em curso. Na impossibilidade do mercado interno absorver toda a produção desse parque industrial, pois as disponibilidades de crédito colocadas à disposição dos agricultores ainda não o permitem, a melhor alternativa, presenteemente, para desafogar o setor, seria o aumento das exportações de máquinas e implementos agrários. Trata-se, além do mais, de um parque industrial que não pode deixar de ser pre-

servado, mesmo porque, se sofrer baixas nas unidades que o integram, estas recairão sobre as empresas nacionais, quase todas de porte pequeno ou médio e sem apoio externo que possam assegurar-lhes a sobrevivência, num momento de dificuldade de vendas, como não aconteceria em relação às empresas multinacionais que operam no setor. Os mercados naturais para as nossas máquinas e implementos agrícolas seriam os da América Latina e, sobretudo, os da África, como, de resto, já vem acontecendo, mas ainda numa escala limitada.

Com a organização de um "pool" para desenvolver estas exportações, já então envolvendo todo o setor, as coisas ficam mais viáveis, mesmo porque não deve faltar, para esta iniciativa, completa cobertura por parte das autoridades. O fortalecimento do nosso parque de máquinas e implementos agrários é condição indispensável para o fortalecimento de nossa economia agrícola, não podendo, assim, ser encarado isoladamente, mas também em função de nossas próprias lavouras. Transcrito da Folha da Tarde, edição de 8 de julho.

## JUVENTUDE IJUIENSE QUER PROTEGER A NATUREZA

São quatro jovens: Diego da Silva Coimbra, 12 anos, filho de Gil Miller e Lara Miller; Ricardo Strauss, também 12 anos, filho de Sereno Strauss e Eda Strauss; Joni James Hiller, 13 anos, filho de Edson Hiller e Ilse Hiller e Vilsón Vladimir, 12 anos, filho de Valdir Wottrich e Walquiria Wottrich, todos estudantes na Escola Evangélica Augusto Pestana, de Ijuí. Estes jovens, ao contrário da maioria de seus colegas, após cumpridas as obrigações escolares, recolhem-se para um galpão existente nos fundos da residência de um deles, para traçar planos de ação em benefício de uma causa muito importante: a natureza, a proteção ambiental, a ecologia.



Diego, Ricardo, Joni e Vilsón, em frente ao importante "Clube da Piaçada".

Orientados por seus pais e prestigiados pelos amigos, dentre estes a família Kessler da Silva, que cedeu o local para o aconchegante "Clube da Piaçada", estudam a natureza, escrevem correspondência para órgãos de imprensa, geralmente protestando contra algum ato predatório do homem contra a natureza, como ocorreu na matança de pombos em Caxias do Sul; prestigiam a ação do ecologista José Lutzemberger e mantêm ativa correspondência com as associações protecionistas de todo o País. E ainda cultivam mudas de árvores, que doam a quem deseje plantá-las. Um deles é associado da Sociedade Brasileira de Proteção a Flora e a Fauna, com sede em São Paulo; da Associação de Preservação da Fauna do Paraná e da Associação Gaucha de Proteção à Natureza - AGAPAN - com sede em Porto Alegre, presidida por José Lutzemberger. Eles aguardam credenciais do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF - para agir com a autoridade de fiscais do organismo, nesta região.

O porta-voz e líder do grupo é Diego da Silva Coimbra que falou à reportagem do COTRIJORNAL sobre o que origi-

nou sua preocupação com a natureza.

Ele estava no Mato Grosso, onde seu pai possui uma granja, e constatou muitas matanças de pássaros nas regiões de cerrado e matas, onde os animaizinhos tem seus abrigos. Posteriormente, viu em nossa região, exatamente onde já é mínima a existência de pássaros, devido ao desmatamento, o mesmo desprezo pelas aves. Foi quando Diego começou a gestionar a fundação de um clube constituído por crianças para trabalhar em prol da preservação dos recursos ecológicos.

São quatro companheiros dedicados a uma causa nobre e altruística. É muito importante que esses jovens encontrem apoio na comunidade. Pois se eles forem ressaltados até o ponto que sua missão merece, outros jovens lhes seguirão o exemplo, dedicando-se também a nobre causa de defesa dos elementos naturais.

Guardem seus nomes e os prestígiem, cidadãos e cidadãs da região COTRIJUI: DIEGO DA SILVA COIMBRA, RICARDO STRAUSS, JONI JAMES HILLER e VILSON VLADIMIR.

## O MASSACRE DE UM JACARÉ EM PELOTAS

Um jornal de Pelotas estampou em primeira página, com foto, o massacre de um jacaré de grandes proporções que apareceu na praia do Laranjal, há poucas semanas. A notícia dizia que "um animal de dimensões enormes foi localizado e morto a 500 metros da praia do Laranjal, após terem os policiais usado inclusive uma espingarda Winchester". Na parte final da notícia, a referência que assim "que os policiais depararam-se com o enorme animal, este avançou contra seus caçadores".

A nossa opinião é que o enfoque jornalístico foi sensacionalista, não expressou a realidade. Foi, portanto, deseducativo. Ao apresentar os policiais matadores do jacaré como quase heróis de uma "batalha fantástica", vai estimular outras pessoas a que também procurem empenhar-se em semelhantes "batalhas", destruindo o pouco que nos resta ainda desse importante elemento da fauna aquática. Para tranquilidade das pessoas que porventura venham a encontrar um jacaré, saibam que esse animal fora da água é praticamente inofensivo. É desajeitado, lento e sem nenhuma disposição para o ataque. Pode se dizer que em terra é incapaz de lutar, pois anda com dificuldade.

No caso particular da notícia veiculada, e que enaltece a ação dos policiais pelotenses, há um outro fato a ser considerado. Pelotas mantém numa das praças da cidade um Mini Zoológico mantido pela Prefeitura. Chega-se a conclusão que os policiais perderam uma excelente oportunidade de presentear a sua cidade com um belo exemplar emidossáurio (segundo o jornal, tinha 2,20 centímetros de comprimento, com 70 quilos de peso), com o que teriam enriquecido o zoológico da cidade. Então sim, caso pegassem vivo o animal, o que não é difícil, pois se consegue com uma boa rede, teriam merecido uma elogiosa notícia no jornal. Porém, matando como o fizeram, prestaram um desserviço à sua cidade, a fauna aquática e à ecologia em geral.

## O 1977 É O ANO DA ÁRVORE

Em solenidade realizada no Palácio Piratini no começo do mês de maio, o ano de 1977 foi considerado o "Ano da Árvore", no Rio Grande do Sul. O ato, presidido pelo governador Sinval Guazzelli, contou com a participação dos secretários Getúlio Marcantônio e Walter Jobim Filho, da Agricultura e de Energia, Minas e Comunicações, respectivamente; do presidente do IBDF, agrônomo Paulo Azevedo Berutti, além de outras autoridades.

Abriando a cerimônia, o secretário Getúlio Marcantônio afirmou que era um momento significativo para o Rio Grande do Sul, pois após desarmarmos tanto, passava-se a fazer um esforço gigantesco para recobrar a paisagem arbórea

que foi desmatada. Marcantônio disse que essa "revolução verde" simboliza a preocupação do governador Sinval Guazzelli com os valores da ecologia. Pauli Azevedo Berutti, presidente do IBDF, ressaltou "que a posição do Governo do Estado, assumida neste instante, merece a pronta aprovação do IBDF.

Ao final da reunião, o governador Sinval Guazzelli disse que "a Secretaria da Agricultura poderá contar desde já com total apoio para que daqui para a frente possamos restaurar nossas matas". Na foto momento da solenidade, quando o governador abraçava o secretário Getúlio Marcantônio.

## PLANTE ÁRVORES NATIVAS

A proximidade dos meses mais próprios para o plantio de árvores - os meses frios - fez com que dezenas de pessoas recorressem às floriculturas, pequenos viveiros e até à Fecotriga na busca de informações mais completas sobre o plantio e, principalmente, onde conseguir mudas.

A COTRIJAL (Coop. Triticola Mista Alto Jacuí Ltda), de Não Me Toque, mantém um dos mais completos viveiros particulares do interior do estado. São aproximadamente 190 mil mudas, entre as quais se sobressaem as espécies nativas: angicos (35 mil), cedros (18 mil), louro (30 mil), além de caroba, araticum, ipês, jacarandás, entre outras.

- Todos temos nossa parcela de culpa pela degradação da natureza - diz Gilberto Appelt, responsável pelo setor de reflorestamento da

Cooperativa. Mas podemos nos redimir completamente: basta voltarmos a plantar árvores, devolver o verde e as flores, às abelhas, aos pássaros, ao homem. À natureza, enfim.

O preço das mudas vai de Cr\$ 0,40 a 5,00 - um preço relativamente barato para devolver as matas ao nosso estado, ou mesmo devolver o verde e as flores para as cidades.

A seguir damos uma relação das espécies de mudas disponíveis nos viveiros da COTRIJAL: angico, araticum, caroba, carvalho europeu cerejeira, cedro, ipe amarelo ornamental, jacarandá, louro, pinus taeda, pitanga, uva do Japão, vime chorão, uvaíias, kiri. Para encomendas de mudas de Não Me Toque, escreva para a COTRIJAL, Rua Liberato Salzano, 1 - CEP 99470 - Campo Real, RS.

**MEU CAVALO MALACARA**

Segundo JOÃO DO SUL

Cavalo para o meu uso pode ser zaino, picaço, tostado, zebruno ou gateado; pode ser preto, ser baio, tobiano, tordilho-negro, douradilho, ou até mesmo pangaré. Mas tem que ser malacara.

Meu cavalo malacara  
Que comprei ainda potrilho  
Me transforma em rei dos campos  
Tendo por trono, um lombilho.

Meu cavalo malacara  
Tem doze palmos de altura.  
Monto nele, enxergo o mundo,  
Perto do sol, perto da lua.

Meu cavalo malacara  
Da mais bela catadura.  
Não há palavra que expresse,  
Sua hípica formosura.

Meu cavalo malacara  
Tem crinas da cor do ouro;  
As quatro patas são brancas,  
E o pelo, da cor do fogo.

Meu cavalo malacara  
Tem a força do tufão,  
A velocidade do raio  
No ribombo do trovão.

Meu cavalo malacara  
De puro-sangue crioulo,  
Vale mais que o mundo inteiro  
Vale o seu peso em ouro.

Meu cavalo malacara  
É um flete de bela estampa.  
No cotejo com a manada,  
É a flor de toda a estância.

Meu cavalo malacara  
É meu amigo, é meu irmão.  
Dou-lhe carinho, dou-lhe afago,  
Dou-lhe a comida na mão.



**Na Paraíba:**

**DEPUTADOS PROPÕEM SIMPÓSIO EM VERSO**

Esta seção tem insistido no versejar do Nordeste, no cordel do Nordeste e nas cantorias ao som dos atabaques e do berimbau. Essa insistência porém não é exagerada pois essas práticas são tão comuns naquela vasta região que chegam a se confundir com os fatos do cotidiano. E como vai-se ver pela leitura desta nota, até mesmo suas excelências os nobres deputados da heróica Paraíba, vez que outra, intercalam em seus bem pautados discursos o linguajar característico e a metrificacão singela do verso de cordel.

Foi o que aconteceu na Assembléia Legislativa de João Pessoa durante sessão plenária de 12 de maio último, segundo notícia veiculada pelo jornal "O Estado de S. Paulo". Um requerimento do deputado arenista Edvaldo Motta, apresentado em versos, transformou a referida sessão num descontraido clima de cantoria, ao som de viola, com vários parlamentares discursando e aparteando em versos. Segundo o jornal paulistano, até mesmo o despacho do presidente da Mesa foi vazado em autêntica sextilha nordestina.

O tema em debate era a formação de uma comissão de parlamentares para acompanhar um simpósio sobre poesia popular, a ser promovido pela Universidade Federal da Paraíba. Eis os versos do requerimento do deputado Edvaldo Motta:

"Senhor presidente, eu quero/na forma do regimento/que seja de cinco membros/ composta uma comissão/à proporcionalidade/partidária, e com razão/se faça obedecida/para a realização/de um grande simpósio sobre/a poesia popular/ no folclore a toda altura/com duração de três dias/ faça parte a figura/da ilustre comissão/da Educação e Cultura".

Na justificativa da proposição, também feita em versos, o parlamentar arenista diz que o seu objetivo é incentivar o folclore brasileiro e o cantador popular, além de lembrar os antigos poetas sertanejos, que fizeram a história da literatura de cordel, citando inclusive os nomes dos repentistas Romano de Teixeira, Virgulino do Sabugi e Inácio da Catingueira, entre outros.

Em aparte, o deputado Tarcizo Telino versejou: "Foi feliz a sua idéia/de recordar à platéia/ os poetas do passado/a arte de versejar/e o verso improvisado". E concluiu seu improviso com estas rimas: "Só registro uma tristeza/igual à que sofreu Cristo/é não contar nesse encontro/a presença de Evaristo" (referência a um famoso repentista paraibano recentemente falecido).

As referências a repentistas da região inspirou ao deputado Nilo Feitosa este repente: "Eles que cantam o Nordeste/falam do brejo e sertão/ falam também do agreste/com a viola na mão/cantamos amores perdidos/os mimos da natureza/e atendendo a pedidos/fazem versos com beleza". Até o líder da Arena, deputado Evaldo Gonçalves não deixou de improvisar: "A eles toda a atenção/são dignos de toda nota/usam a alma e o coração/meu caro Edvaldo Motta".

Finalmente, para não ficar "por baixo", o presidente da Mesa, deputado Nominando Diniz, escreveu, como despacho no requerimento, este improviso: "Recebo o requerimento/na forma em que está vazado/não proibe o regimento/que ele seja apresentado/resta somente aguardar/que o mesmo seja aprovado". Como podem observar os leitores desta seção, o verso tipo cordel, no Nordeste é amor telúrico que apaixonou a todos, sem exceção.

**UM FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE EM IJUÍ**

O folclore gaúcho será um dos temas principais do próximo mês em Ijuí. É que está sendo organizado pelo Centro Estudantil José de Alencar, o I Festival Nacional de Folclore entre Escolas Agrícolas (FENAFE).

O festival será realizado na sede do Centro de Tradições Gaúchas Laureano Medeiros, entre os dias 17 a 20, e o principal objetivo é difundir a cultura sul-riograndense, além do Centro e da Escola Municipal de I e II Graus "Assis Brasil".

O I FENAFE contará com a participação de nomes conhecidos no folclore e no tradicionalismo gaúcho, como Paixão Cor-

tes, que fará uma conferência sobre "Músicas sul-riograndenses" e outra sobre "Danças gaúchas". Augusto Fagundes, outro que estará presente, desenvolverá uma palestra sobre a "Indumentária Gaúcha". Além deles, também estarão presentes Dalvanira de França Cadelha Fontes, professora do Departamento de Educação Artística do Liceu Paraibano de João Pessoa, que falará sobre as "danças internacionais e brasileiras", além do professor Mosart Pereira Soares que falará sobre "Ecologia e Tradicionalismo".

O festival contará na programação, com duas partes distintas: a cultural

e a artística. Na primeira parte, estarão presentes temas como: teoria e indumentárias gaúchas, folclore, danças, e músicas.

Já na parte artística será dedicada à invernadas artísticas de escolas agrícolas do Rio Grande do Sul e demais Estados, Coral Municipal de Ijuí e conjuntos folclóricos da Argentina, Uruguai e Paraguai.

Várias entidades do Estado já confirmaram suas presenças no Festival, como o Grêmio Estudantil Roque Gonzales de São Luiz Gonzaga, União Carazinhense de Carazinho, Grêmio Estudantil Agro-Técnico de Alegrete e outros, não só do RGS, mas de outros Estados.

## A MULHER EM FACE DA LIBERDADE

A foto abaixo, de autoria de Lourdes Maria Carvalho Grzybowski, foi tirada em Paris. Ela mostra, no mesmo enfoque, dois ângulos curiosos do mesmo fato: o I Congresso Internacional de Mulheres, realizado na Capital da França, entre 28 e 30 de maio último. O curioso do fato, e que por isso enquadra-se nesta seção de Costumes, é que enquanto as mulheres que aparecem na extremidade

direita da fotografia dirigem-se para o local do Congresso, com o objetivo de clamar por maior liberdade e igualdade em relação a seus maridos, aparecem no primeiro plano os mansos maridos franceses cuidando dos filhos. Achamos a foto excelente como estudo de um tema atual, a maior liberdade para a mulher. Que fará a mulher com tanta liberdade? — Copyright by Lourdes Maria.



## A CATEDRAL DE PALITOS

A Catedral de Colônia, na cidade do mesmo nome, República Federal da Alemanha, é dos mais belos templos católicos construído em arquitetura de linhas góticas. Gottlieb Klenk, de 61 anos, achou-a tão bonita que resolveu construí-la totalmente com fósforos. A catedral de passa-tempo de Gottlieb Klenk tem cerca de dois metros de altura,

sendo em tudo uma miniatura da famosa catedral. Custou 2,5 milhões de palitos de fósforos e 10.000 horas de trabalho a seu criador. Sem dúvida, um passa-tempo peculiar esse do sr. Gottlieb Klenk, que se enquadra perfeitamente nesta seção de costumes, onde procuramos focalizar o pitoresco para o entretenimento, mas também a cultura.



## UM PAIS NA VERTICAL

Nos Estados Unidos, tudo parece ser feito na posição vertical. Como consequência, o homem é empilhado sobre o homem, como simples mercadoria que se armazena para proteger das intempéries do clima. A supervalorização imobiliária, aliada a uma tecnologia que por sua vez especializou-se nos ângulos verticais, chegou ao ponto que estamos hoje, quando até os presidiários são lotados em edifícios como esse da foto, anexo ao Palácio da Justiça, na cidade de Chicago. E para provar que o espaço é algo também muito disputado naquele País, note-se para a extremidade direita da foto, onde pode ver-se uma rua superposta à outra, na nervosa metrópole do Meio-Oeste, a Capital do gangsterismo dos anos 30.



## O SAUDÁVEL HÁBITO DE PEDALAR

A bicicleta dá maior estrutura física, amplia a resistência do organismo, melhora a capacidade pulmonar, e além de todos esses benefícios à saúde do corpo, serve ainda de excelente lenitivo para o espírito, pois distrai, diverte e educa. É silenciosa, leve, não estraga as ruas e nem polui o ambiente. Não há dúvida. A bicicleta se constitui num costume sadio. Principalmente agora, que na maioria de nossas cidades estão sendo fechadas ruas e destinadas à recreação pública, está na hora de começarmos a praticar esse hábito sadio. Vamos pedalar, gente!



# IMIGRANTE: A BUSCA DE NOVAS TERRAS

D. João VI de Portugal, em 1818, aceitava uma solicitação do Cantão de Friburgo para o estabelecimento de algumas famílias suíças e francesas nas terras brasileiras. Já no ano seguinte, nascia a primeira cidade com a experiência da colonização no Brasil: Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.

Em Porto Alegre, os primeiros colonos imigrantes chegaram no dia 18 de julho de 1824, no bergantim Protetor — uma embarcação ligeira de dois mastros. Três dias depois, 25 de julho, desembarcavam na chamada Colônia Alemã de São Leopoldo, em homenagem à Imperatriz Dona Leopoldina. Eram todos alemães, num número de 45 pessoas.

Este mesmo dia, passou a ser conhecido como o Dia do Colono, que é comemorado até hoje, em quase todas as regiões rurais, não só do Rio Grande do Sul, mas em todo o País.

Nesta época era fácil imigrar para o Brasil. O Governo oferecia passagens gratuitas; doava um lote de terras de 400 braças; o colono tinha direito, a cada dia, a 160 réis no primeiro ano e a metade no segundo; e recebia certa quantia de bois e cavalos na proporção do número de pessoas da família.

Assim, centenas de famílias deixavam seguidamente a Alemanha, a Itália, a Polônia e outros países em busca de novas terras aqui no Brasil.

São Leopoldo, por exemplo, em menos de cinco anos já possuía oito curtumes, uma fábrica de sabão e um engenho para lapidação de pedras. Mas chegou a Revolução Farroupilha que muito enfraqueceu o desenvolvimento de São Leopoldo. Mesmo assim, depois da revolução, reiniciou-se as imigrações. Nesta época já estavam ocupados os arredores de São Leopoldo e os imigrantes começaram a avançar pela Costa da Serra, ocupando os Vales do Caí, Taquari e Jacuí.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda tem uma explicação bem clara dos motivos da vinda dos imigrantes, em geral, para o Brasil: "Emigravam da pátria super-voada por fartar-lhes a oportunidade de um sucesso econômico ou pela incerteza de um futuro promissor aos seus filhos. Em todo caso, pretendiam adquirir uma propriedade agrícola e tornar-se economicamente independentes. Alguns vieram também por

motivos políticos, decepcionados com a política após as Guerras Napoleônicas e atraídos pela fama de liberal de nosso imperador. O ideal destes imigrantes seria, portanto, a terra virgem e promissora, onde pudessem construir com as próprias mãos, o seu lar, uma existência desembaraçada, uma Pátria nova para si e seus filhos".

## AS DIFICULDADES

Foram muitas as dificuldades que os imigrantes colonizadores, principalmente os alemães, tiveram que enfrentar aqui no Rio Grande do Sul.

Assim que chegaram surgiu, talvez, a principal dificuldade: não haviam sido medidas as terras ou lotes que receberiam. Com isso, foram obrigados a esperar algum tempo que resultou em diversos desentendimentos.

Segundo o historiador gaúcho Danilo Lazzarotto, da FIDENE, os colonos alemães não sabiam fazer as suas casas e foi necessário alugar os serviços de carpinteiros. "Também não sabiam como fazer as roças. Amontoavam galho por galho com medo que o fogo se difundisse nas queimadas. Além disso, não conheciam as sementes apropriadas, e nem mesmo a época de plantá-las".

Já os italianos, conforme Danilo Lazzarotto descreve em seu livro "História do Rio Grande do Sul", também enfrentaram inúmeras dificuldades.

A 27 de agosto de 1875, junto com imigrantes franceses, se estabeleceram os primeiros italianos em Conde d'Eu, hoje Garibaldi.

Por muito tempo os italianos resistiram as dificuldades, principalmente a distância e a falta dos meios de comunicação; o desconhecimento das culturas mais aptas para este clima, e sobretudo com a impossibilidade de sustentar a concorrência com os habitantes de Baixo da Serra que contavam com a comunicação fluvial fácil e com o mercado consumidor da Capital.

A Polônia foi a terceira nação que mais contribuiu em dar imigrantes e colonizar as terras do Rio Grande do Sul. Com a proclamação da República (1889) o RGS recebeu um grande impulso da imigração polonesa.

Também outros grupos de emigrantes deram uma valiosa contribuição para colonizar as terras gaúchas, como: os franceses, judeus, espanhóis e outros.

## CADA UM CONTA A SUA VIDA

Vasco Gientarski já completou 80 anos. É de origem polonesa. Há 57 anos vive na linha Base Oeste. Os seus pais imigraram da Polônia. Ele conta que no começo tudo era difícil: "Para mim, o principal problema era a falta de estradas e de meios para transportar as mercadorias. O transporte só se fazia com dois cavalos. Pela manhã, bem cedo, eu carregava os dois cavalos com mais ou menos 17 bolsas de pano. Nestas bolsas colocava de tudo: mandioca, trigo, feijão, arroz. Tudo o que plantava na roça. E seguia viagem para Cruz Alta. Mas a viagem era longa. Levava quase um dia inteiro. Lá pelo meio dia, eu descansava um pouco, fazia uma refeição, na estrada mesmo, e depois seguia viagem. Lá pelas 11 horas da noite estava chegando em Cruz Alta. E tinha que dormir no lado dos cavalos até o sol nascer.

Eu vendia na rua, nas vendas e em qualquer lugar. Se eu vendia bem? Vendia, sim. O preço eu dizia um. Se o freguês não gostasse, dizia outro, até entrarmos num acordo.

Geralmente no final do dia eu conseguia uns 30 mil réis. Esse era um resultado muito bom".

Com o dinheiro que conseguia, Vasco Gientarski comprava alguma roupa para a família e trazia o resto para casa. Assim foi durante anos.

Augusto Pedro Hickembick é de origem italiana. Tem 65 anos e sempre viveu no núcleo do Barreiro. Ele também tem muito para contar da sua experiência.

"Eu também digo que o início foi difícil. Era só derrubar pastos e comer qualquer coisa. E nós fazíamos isso".

As plantas, segundo o seu Hickembick, eram todas plantadas somente com as mãos. "Para isso, usávamos um pedaço qualquer de madeira com que fazíamos os buracos na terra e depois colocávamos as sementes".

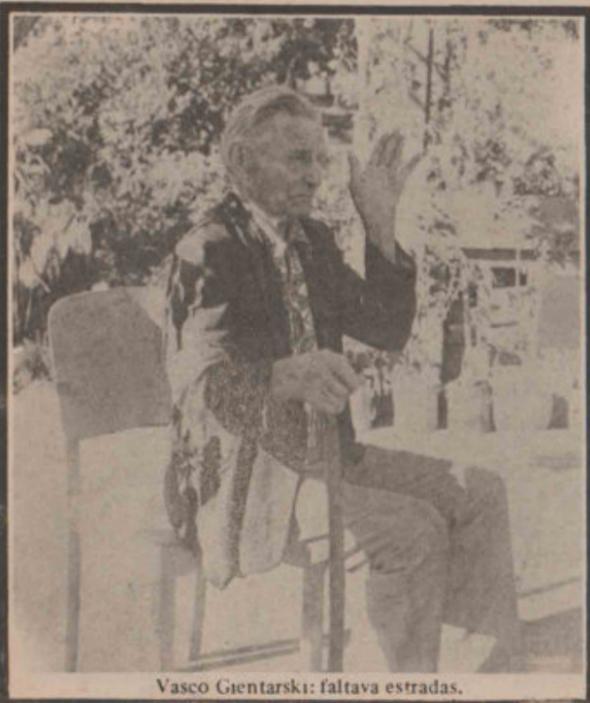
E agora seu Hickembick, está tudo mais fácil? "Está muita coisa mais fácil, mas nem tudo. Alguma coisa era melhor naqueles tempos. É que aqui no Barreiro havia uma sapataria, uma venda e até um dentista. Hoje não há mais nada disso aqui. Foram todos para Ijuí ou Cruz Alta. Agora, se tivermos que consertar uma sola de sapato, temos que ir até outra região.

Mas seu Hickembick não esconde as vantagens que os anos trouxeram. Como as modernas máquinas que vieram facilitar os serviços na lavoura; a assistência técnica prestada pela Cooperativa e uma maior união dos agricultores, também promovida pela Cooperativa. Tudo isso, diz, é causa de progresso.

Arthur Becker é o agricultor mais antigo do Rincão dos Becker. Tem 83 anos. Os seus pais imigraram da Alemanha.

Pensamos encontrar o seu Becker sentado numa cadeira descansando na varanda da sua casa. Eram quase três horas da tarde. O engano: seu Becker estava trabalhando na roça. Fomos lá encontrar ele.

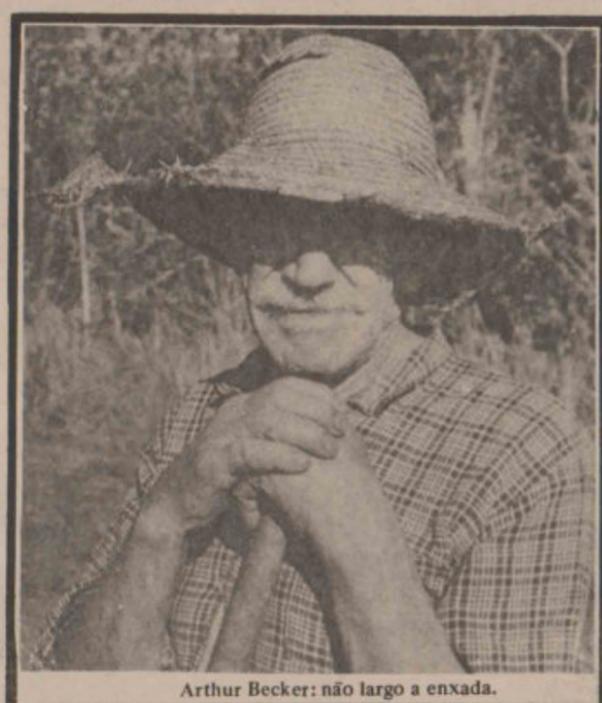
Chapéu enterrado na cabeça, camisa aberta no peito e uma enxada na mão. Assim encontramos o seu Becker. "Sempre trabalho. Nunca paro, não. De manhã acordo lá pelas 6 horas e tiro 30 litros de leite. Depois vou para a lavoura e trabalho até o meio dia. A tarde volto novamente à lavoura e fico até o sol entrar para dentro". Seu Becker também conheceu muitos imigrantes que vieram colonizar as terras gaúchas, principalmente da Alemanha, que chegavam até sua casa para conversar com o seu pai. "Todos eles trabalharam muito. E mais ainda no começo. Porque não havia quase nada. Nem transportes, nem máquinas agrícolas e poucas chances para plantar, mesmo os produtos mais antigos como a mandioca e o milho, por puro desconhecimento de tudo. Agora é bem diferente. Temos boas estradas e muitas máquinas agrícolas. E o mais importante: toda assistência técnica da cooperativa".



Vasco Gientarski: faltava estradas.



Augusto Hickembick: o começo difícil.



Arthur Becker: não largo a enxada.

# A FESTA NO ALTO DA UNIÃO

É um dia que ninguém pensa em lavoura, no trigo e nem na soja. É um dia de festa. O dia 25 de julho é a data que os agricultores, das mais diferentes regiões, comemoram o seu dia: o Dia do Colono.

Mas este ano a festa será realizada, na maioria dos locais, no dia 24, por ser domingo.

No Alto da União, a 8 km de Ijuí, está programada, talvez, a maior comemoração do dia, que será promovida pelo Clube Alto da União.

Lá a festa vai começar cedo. As 10 horas iniciará o desfile de máquinas agrícolas que se estenderá até ao meio dia. No ano passado, nada mais nada menos do que 200 veículos desfilaram em frente do Clube Alto União. Veículos de todas as espécies: tratores, auto-motrizes e implementos agrícolas.

Ao meio dia, acontecerá um "almoço colonial". E

o presidente do Clube, Armando Merten, adianta: "Comida e bebida é que não faltarão". Neste almoço haverá galinha, carne de porco, costela, além de arroz, maionese e diversas saladas. Cada pessoa pagará apenas 35 cruzeiros.

Depois do almoço, a partir das 14 horas, já começa a tarde dançante que se prolongará até a noite.

O Dia do Colono é uma festa de tradição alemã, também conhecida como a "Kolonistenfest". Uma festa onde os alemães sempre procuraram conservar os seus costumes e lembrar a saudosa Alemanha, de seus familiares e em particular da abundante cerveja.

Armando Merten tem só uma preocupação: o número de pessoas que estarão participando da festa. "De repente, a gente vê aquele mundareu de pessoas e

não se sabe mais o que fazer para deixar todos contentes".

No ano passado, estiveram no Clube Alto União, para participar da festa do Dia do Colono, mais de 1.500 pessoas. E não houve lugar para estacionar os carros que vieram das mais distantes regiões, como Ajuricaba, Augusto Pestana, Cruz Alta, Ijuí e outros.

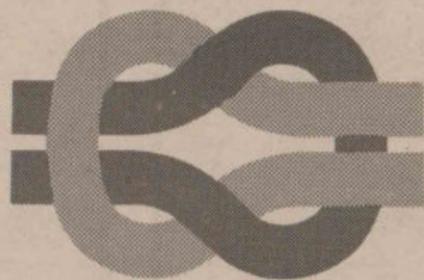
"Quem quiser passar a noite de sábado no Alto União, quando haverá um baile para escolha da rainha da festa, não terá dificuldades", diz Armando Merten. "Cada agricultor terá o maior prazer em hospedar em sua casa um amigo distante".

Depois do Dia do Colono, o clube vai começar a pensar no Kerbe, uma outra festividade que reunirá os agricultores. Esta festa, ainda sem data marcada, será realizada em outubro.



Foto: Album Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã, focalizando uma festa típica no estilo do Kerb, ou "Fandankerb", conforme as qualificam os tradicionalistas Barbosa Lessa e Paixão Cortes.

**O cooperativismo  
é a sua força.**



**COTRIJUI**  
- A FORÇA DA UNIÃO.

# PLANTAR DE TUDO É A FILOSOFIA DOS PICCOLI E DOBRACHINSKI

A união de esforços sempre foi tônica na doutrina cooperativista. E no caso da COTRIJUI, cooperativa que congrega hoje mais de 15 mil famílias, não poderia ser diferente. O alcance de algumas metas que se lançou esta cooperativa se deve justamente a esta força que resulta da soma de esforços. Um registro do Dia do Cooperativismo Internacional, transcorrido dia dois

último, não poderia deixar de abranger o que fizeram e o que estão fazendo os cooperativistas. É impossível consultar a todos. Mas nas idéias de poucos concentra-se aquilo que representa no movimento cooperativista, os interesses de muitos.

## ONTEM UMA JARDINEIRA

Walter Adolfo, Waldir Walter e Walmir Arlindo Dobrachinski



Como os demais associados, Walmir Dobrachinski seguidamente consulta o Departamento Técnico. Isto é comum em todas as unidades operacionais da COTRIJUI.

formam um trio do qual se pode afirmar ter em comum os traços fortes de personalidade. O primeiro é o pai, os outros dois são filhos, e gêmeos. As semelhanças não ficam na parte física. O comportamento compenetrado é conduta de quem soube vencer porque precisava. Dos tempos da jardineira — conta Walmir Arlindo — quando se levava verdura para vender na feira em Cruz Alta, até os dias atuais, muita luta foi travada e vencida. Nos momentos de indecisão, em regime familiar os rumos eram traçados. No prejuízo, a divisão da responsabilidade; nos lucros, a distribuição igual entre as partes. E assim se faz até hoje. A propriedade, no Rincão do Tigre, a maquinaria, os caminhões, até a mesa as refeições são de uso comum.

Numa segunda-feira, poderá ser Waldir o que vem à cooperativa tratar de assuntos. Da próxima vez o irmão gêmeo, Walmir, deixando confusos os atendentes no balcão, tanto que são parecidos. Ou ainda o pai, a procura de conselhos técnicos para o preparo da lavoura. Enquanto elogia o atendimento que a família vem recebendo do Departamento Técnico, Waldir Arlindo diz que tem preferido vender a soja a preço médio e explica porque. No ano passado o preço nesta modalidade foi superior a média que alcançou nas liquidações a pre-

ço do dia. Para a lavoura, os Dobrachinski fazem uso do repasse desde a criação do Departamento de Crédito. À par de trigo e soja, todos mantem culturas de subsistência, como milho, arroz, feijão e mandioca, produtos que segundo Walmir "fica feio o colono comprar na cidade".

Walmir, o que aparece na foto, já excursionou com a família a Rio Grande. Vai aconselhar o pai, irmão e familiares a fazer o mesmo, por se tratar de uma experiência válida e de um lazer esperado pelas crianças. Walmir não consegue imaginar como teriam sido as coisas sem o advento do cooperativismo. Disse que hoje, produtor e cooperativa é uma soma necessária. A combinação de interesses de uma classe é que proporcionou o surgimento de organizações sólidas e capazes de prestar serviços. Para ele, a COTRIJUI é exemplo do bom nível do relacionamento cooperativista x produtor, que hoje alcançamos. E conclui dizendo que essa certeza já vem de pai para filho.

## O PAI JÁ FOI PRESIDENTE

Cooperativismo para os Piccoli não tem segredos. Honorino, associado da COTRIJUI desde que a esta se incorporou a antiga Cooperativa Agropecuária, conta que

seu pai foi presidente daquela durante 17 anos. "E na época — enfatiza Honorino — as garantias recaiam quase sempre sobre a pessoa do presidente. Meu pai liderava com honestidade e espírito de luta, e só por isso permaneceu no cargo durante tanto tempo. É como agora, no caso da COTRIJUI. Todos o consideravam e ele sabia assumir sua responsabilidade".

Honorino Piccoli, em conjunto com os filhos e genro, planta soja em 570 ha de terra, dos quais 197 ha próprios. Trigo um pouco menos, e neste ano já aplicará fungicida em 50 ha dessa lavoura. A residência da família Piccoli está em Entre-Rios, distrito de Coimbra, no município de Santo Ângelo. Ninguém estranha ao visitar a propriedade, ver vacas de leite, criação de suínos e plantações de feijão, milho e batata. Isso — disse ele — nem o crescimento da lavoura trigo/soja fará desaparecer lá da propriedade. Seria fugir a própria doutrina do cooperativismo consumir grãos e verduras provenientes de outros centros.

Quando elogia a COTRIJUI, pelo seu pioneirismo em certas frentes, Honorino orgulhosamente se inclui dentre os que lutaram pela consecução desses objetivos. "Não é a tôa que entrego todo o produto na cooperativa", concluiu sorridente.

## RELAÇÃO DAS MÁQUINAS A SEREM REVISADAS POR ZONA E GRUPO

### GRUPO - 1 - Local de Revisão:

#### Sector de máquinas Agrícolas COTRIJUI - Ijuí

Data	Máquina	nº	Proprietário
01/08/77	"	626	IMERAB - PREFEITURA MUNICIPAL DE IJUÍ
02/08/77	"	8462	Faustino Stragliotto - Ponte Queimada
03/08/77	"	629	Lais Fogliatto
04/08/77	"	8567	Pedro Gentarski e Outro - Linha 4 Norte
05/08/77	"	8645	Reinaldo José Bazzan e Outro - Barreiro
06/08/77	"	8566	Reny Fortunato Bigolin - Vila Floresta
08/08/77	"	8554	Salustiano Pereira dos Santos - Linha 6 Norte
09/08/77	"	315	Geraldo Pedro Owegoor - Linha 6 Norte
10/08/77	"	8575	Oreste Diana e Outros - Barreiro
11/08/77	"	8531	Alceu Carlos Hickembick - Fazenda Cambará
12/08/77	"	571	Amandio Antonio Buzanello - Rincão dos Goi
13/08/77	"	8541	Antonio Copetti - Faxinal
15/08/77	"	8550	Carlos Roger Erig - Catuipe
16/08/77	"	573	Pedro Guiotto e Outros - São Miguel
17/08/77	"	8511	Advino Joaquina Dezordi - Rosário - Augusto Pestana
18/08/77	"	8507	Afonso Weimer e Outros - Esquina Gaúcha - Augusto Pestana
19/08/77	"	8560	Arthur Gehrke e Outros - Ponte Branca - Augusto Pestana
20/08/77	"	8571	Eclairto Vilmer Klever - Boca da Picada - Augusto Pestana
22/08/77	"	8569	Edmar Noga e Outro - Formigueiro - Augusto Pestana
23/08/77	"	8535	Giovani Stragliotto - Rosário - Augusto Pestana
24/08/77	"	8516	Neri Antonio Tissot e Outros - Rosário - Augusto Pestana
25/08/77	"	574	Raymundo Mainardi - Esquina Gaúcha - Augusto Pestana
26/08/77	"	8537	Valdir Luiz Scarton - Rosário - Augusto Pestana
27/08/77	"	8572	Verani Vargas e Outros - Rondinha - Augusto Pestana
29/08/77	"	8459	Wilson Antonio Menegol - Rosário - Augusto Pestana
30/08/77	"	657	Walter Kogler e Outro - Rincão dos Müller - Augusto Pestana
31/08/77	"	8506	Walter Matter - Esquina Gaúcha - Augusto Pestana
01/08/77	"	8570	Wilson Tozzi - Rosário - Augusto Pestana
02/08/77	"	635	Avelino Scarton - Rosário - Augusto Pestana
03/08/77	"	8556	Firminio Tissot e Outros - Rosário - Augusto Pestana
05/08/77	"	8604	João Alfredo Kronbauer e Outro - Arroio Bonito - Aug. Pest.
06/08/77	"	621	Sidjo Kramer Felten - Esquina Gaúcha - Augusto Pestana
07/08/77	"	8562	Celestino Stragliotto - Santa Barbara do Sul

### GRUPO - 2 - Local de Revisão:

#### Pôsto da COTRIJUI - Vila Joia

Data	Máquina	nº	Proprietário
01/08/77	"	8609	Ernesto Augusto Pereira - São João Mirim - Tupanciretã
"	"	598	Helvin Reinhold Drews
02/08/77	"	8565	Arnaldo Oscar Drews - Rincão dos Anjos - Santo Ângelo
"	"	8562	Elciestevão Furlan - São Pedro - Tupanciretã
03/08/77	"	8509	João Doraci Conceição e Outros - Esq. Cel. Lima - Tupanciretã
"	"	8523	José Carlos Hickenbick - Vila Joia - Tupanciretã
04/08/77	"	8505	Protásio da Silva Escobar - São João Mirim - Tupanciretã
"	"	8522	Renaletto Fontana - Vila Joia - Tupanciretã
05/08/77	"	628	Rui José Souto - Cará - Vila Joia - Tupanciretã
"	"	8512	Waldir Ahrhã Zardin - São Pedro - Tupanciretã
06/08/77	"	8508	Wilson Peres de Quadros - Carajá Grande - Santo Ângelo

08/08/77 - " - " - 8515 - Zenir João Paschoal e Outro - Monte Alegre - Florida - Santiago

" - " - " - 8520 - Antonio Augusto Ghislene - Santiago

09/08/77 - " - " - 8528 - Darcy Erasmo Bernardi e Outro - Vila Joia - Tupanciretã

" - " - " - 8469 - Ilton Bonfiliho Valzan - Carajá Grande - Tupanciretã

" - " - " - 8619 - Valdir Odocio Selle - Carajá Grande - Santo Ângelo

### GRUPO - 3 - Local de Revisão:

#### Pôsto da COTRIJUI - Ajuricaba

Data	Máquina	nº	Proprietário
15/08/77	"	8557	Alfredo Reinoldo Kleiber e Outro - Linha 18 Norte
"	"	8463	Athur Fritz e Outros - Linha 24 Norte - Ajuricaba
16/08/77	"	658	Benjamin Ghissler e Outros - Linha 17 Norte - Ajuricaba
"	"	8587	Henrique Hoffmann - Linha 24 Norte - Ajuricaba
17/08/77	"	8513	Henrique Mülbeier e Outros - Madereira - Ajuricaba
"	"	8563	Israel Fernandes Rocha e Outros - Timbosal - Ajuricaba
18/08/77	"	8540	Ruben Ilgenfritz da Silva - Esquina Umbú
"	"	8555	Rudi Ido Kirst - Município de Condor
"	"	8524	José Solon Viecili - Esquina Umbú

### GRUPO - 4 - Local de Revisão:

#### Pôsto da COTRIJUI - Coronel Bicaco

Data	Máquina	nº	Proprietário
22/08/77	"	8574	Armindo Benjamin Biguelini - Cedro Marcado - Tte. Portela
"	"	624	Benno Schneider e Outros - Tenente Portela
23/08/77	"	8620	Carlos Antonio Giacometti e Outros - Sitio Bombardieri - Red.
"	"	8583	Erni Schunemann - Rincão Boa Ventura - Redentora
24/08/77	"	8517	Henrique de Oliveira Pit e Outros - Miraguaí
"	"	8503	Josino B. Ribeiro e Outros - Redentora
25/08/77	"	8612	Nelson Kerpel - Cel. Bicaco
"	"	595	Olmiro Callai e Outros - Belo Horizonte - Tet. Portela
26/08/77	"	8582	Roberto Augusto Miercalm - Chiappetta
"	"	8527	Valdir José Aliati e Outro - Coronel Bicaco
"	"	8578	Fermino Calgato - Nossa Sra. Fátima - Santo Augusto

Ijuí, 5 de Julho de 1977  
Pedro Pittol  
Resp. Setor Máquinas Agrícolas

## EMPRESÁRIOS URUGUAIOS

Empresários uruguaio do setor de industrialização da carne estiveram em visita às unidades da COTRIJUI em Ijuí e Rio Grande, observando a infra-estrutura e o desenvolvimento da cooperativa. Os empresários, que vieram acompanhados pelo engenheiro-agrônomo Tabaré Lane Borges, diretor do Setor de Oleaginosa do Ministério de Agricultura e Pesca do Uruguai e do diretor do Setor de Grãos do mesmo organismo, Tomás Guarino, eram Pedro Santurián, Pablo Santurián e Huascar Cambor, todos eles diretores do Grupo Montseny Sociedade Anônima, de Montevideu. Na foto os visitantes estão em frente ao escritório da COTRIJUI em Rio Grande, acompanhados pelo diretor-superintendente Clóvis Adriano Farina e Hélio Kesterke, sub-gerente administrativo.



## CÔNSUL DA ALEMANHA

Visitou Ijuí e outras cidades da região a 23 de junho, o cônsul da Alemanha no Estado, sr. Karl August von Kameke. Em Ijuí, onde chegou procedente de Panambi acompanhado pelo cônsul honorário da Alemanha naquele município, von Kameke visitou o Colégio Evangélico Augusto Pestana, o Correio Serrano, a Imasa, a COTRIJUI, a Prefeitura Municipal e a FIDENE. Na COTRIJUI o cônsul alemão foi recepcionado por diretores da cooperativa e altos funcionários, dentre eles os srs. Oswaldo Olmiro Meotti, diretor-financeiro; Euclides Casagrande, diretor de operações; Werner Wagner, diretor industrial e Luis Laveuve. De Ijuí, o sr. Karl August von Kameke retornou para Porto Alegre.



## COOPERATIVISTAS SANTANENSES

Um grupo de 30 associados da Cooperativa Agrícola Santanense Ltda, de Santana do Livramento, estiveram visitando as instalações da COTRIJUI em Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba. Os cooperativistas, que estavam acompanhados pelo delegado-interventor do INCRA naquela cooperativa, sr. Gastão Louzada, chegaram em Ijuí no dia 21 à noite. No dia seguinte

pela manhã assistiram uma palestra do diretor-presidente da COTRIJUI no auditório da cooperativa e à tarde viajaram a Augusto Pestana e Ajuricaba para observar parte da infra-estrutura da COTRIJUI, pelo que ficaram muito impressionados. Na foto aparecem em frente a sala da churrasqueira da Associação dos Funcionários (AFUCOTRI), na Linha 3-Oeste.



# ANÁLISE DA ECONOMIA FRANCESA

Texto: Cândido GRZYBOWSKI  
Fotos: Lourdes GRZYBOWSKI

Conforme destacamos em nossa edição de março, Cândido Grzybowski (Posicionamento da Inglaterra no Capitalismo, páginas 16 e 17), cursa Sociologia do Desenvolvimento, a nível de doutorado, na Sorbonne, em Paris. Neste comentário ele volta para comentar uma cooperativa francesa, a "Coopérative Agricola La Noelle", de Ancenis, cujas origens datam dos anos difíceis da depressão econômica dos anos 30. Grzybowski, que esteve em Ancenis na companhia de Telmo Frantz, que também estuda em Paris, disse que escolheu a C.A.N.A., por ser esta a segunda cooperativa em importância na produção agrícola na França. Antecipamos aqui a parte do seu comentário em que fala dos Agrupamentos Agrícolas de Exploração em Comum, que consistem na união de terras (minifúndios) e implementos de duas ou mais famílias, para a produção em sentido comunitário. Esse avanço, que parte do próprio cooperativismo (em sentido mais avançado), deve ser bem considerado por nós. Lembra comentário de nosso diretor-técnico, eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, publicado há tempos pelo COTRIJORNAL.

A origem da "Coopérative Agricola La Noelle" remonta aos anos difíceis da crise mundial de 1929-34. Na França, a crise afetou duramente a produção agrícola, especialmente de cereais. Para manter os preços do trigo, um grupo de agricultores da região fundou, em 1932, uma cooperativa, mais tarde transformada na CANA, com sua transferência para Ancenis.

A comercialização de cereais foi a principal atividade da cooperativa em seus 10 primeiros anos, correspondendo a atividade agrícola predominante da região na época. A Guerra Mundial de 1939-45 afetou o conjunto da economia francesa e a região da CANA não ficou alheia. A cooperativa resistiu durante estes anos difíceis e mesmo se lançou na diversificação de suas atividades, com a produção leiteira em 1942. Após a guerra, a cooperativa expandiu-se horizon-

talmente, conquistando novas áreas, fazendo fusões, criando agências e iniciando suas atividades industriais.

A partir dos anos de 1950, a economia francesa se restabeleceu e conheceu uma grande expansão. No conjunto a produção industrial cresceu a altas taxas e submeteu a produção agrícola francesa às suas necessidades do crescimento. Começou a operar-se, assim, uma grande transformação das técnicas produtivas e das estruturas de produção na agricultura. Mecanizou-se e se intensificou a produção, paralelamente a um processo crescente de transferência da população rural para os centros industriais em expansão e da concentração de recursos produtivos na agricultura. Entre 1955 e 1970, na área principal de atividades da CANA, diminuiu o número absoluto de explorações agrícolas, a uma taxa de 1,7% ao ano.

Na região da CANA o processo de modernização da agricultura, com especialização e intensificação da produção, a partir dos anos de 1950, é dos mais intensos de toda a França. A cooperativa foi condicionada por esta mudança e, por sua vez, a impulsionou. A CANA consolidou, assim, a sua base industrial e se diversificou verticalmente (produção de vinho, central leiteira, fabricação de suco e concentração de maçã, frigorificação de carnes, industrialização de rações animais, etc). O quadro social se ampliou, passando de 11.400 em 1952 a 31.200 em 1970.

A fase atual da CANA está ligada a abertura da economia francesa para o Mercado Comum Europeu e à integração crescente da produção agrícola de uma parte dos associados da CANA. Trata-se de uma problemática complexa que aqui só é possível traçar alguns aspectos muito gerais.

O processo de modernização da agricultura francesa, particularmente intenso na região da Bretagne e Loire-Atlantique, permitiu um crescimento da produção, mesmo diminuindo a população rural. Esta evolução se manifesta, de um lado, na tendência à monopolização da agricultura pelas cooperativas e grandes empresas privadas industriais e comerciais. De outro lado, ela opera uma concentração das explorações agrícolas, pela eliminação das menores e daquelas que não se modernizam, especializando e intensificando a produção. A CANA, por exemplo, atuando em um raio de 100 km em torno de Ancenis, com umas 80 agências distribuídas pela região, fábricas, silos, frigoríficos, empresas subsidiárias, etc., já em 1971 controlava 26% do mercado de todos os produtos (alimentos animais, máquinas e equipamentos, fertilizantes, sementes, combustíveis, etc) que en-

tram na produção agrícola. Os contratos de integração entre o produtor agrícola e a grande empresa (cooperativa ou não), em que a produção é técnica e economicamente controlada por esta última (que abastece o produtor e em contrapartida industrializa e comercializa a sua produção) é a base das relações atuais na agricultura. Não em número, mas no valor produzido. A CANA, por exemplo, realiza mais de 2/3 de seus negócios em 1/5 dos associados que têm algum contrato de produção com ela.

Do lado do produtor, mesmo conservando a organização familiar da produção, há atualmente uma dependência mais aguda da estrutura industrial e comercial. Além disso, todos os que entraram na via da modernização estão grandemente endividados junto ao Credit Agricole de France. O trabalho é mais intenso, pois o sistema de produção, apesar de suas particularidades, corresponde à industrialização da agricultura. A atividade da lavoura cede terreno à pecuária intensiva, formando o sistema de policultura com especialização em produção animal. Para manter explorações agrícolas compatíveis com as novas técnicas e ao mesmo tempo rentáveis, desenvolvem-se na região as associações de produtores sob forma de Gaec (Agrupamento Agrícola de Exploração em Comum). Os Gaec tem estatuto e consistem na união de terras e instrumentos de produção de duas ou mais famílias para a produção em comum. Esta forma de concentração de recursos favorece o processo de modernização e integração vertical nas cooperativas e empresas.

Toda esta evolução deve muito ao desenvolvimento da pecuária de todo tipo e com ela a torta de soja. Sem dúvida, a estrutura industrial e comercial, como a da CANA, é o eixo do sistema. Mas esta estrutura, que cada vez mais impulsiona a pecuária intensiva na região, aliada a uma igualmente intensiva cultura do solo (cereais e forragens, especialmente), tem uma base que, em grande parte, foge ao seu controle.

Em primeiro lugar, o crescimento da CANA na área deu-se pela eliminação de empresas comerciais e mesmo cooperativas não competitivas. A necessidade para a CANA de tornar-se uma grande empresa se explica pela natureza da economia capitalista de que ela é parte, pela concorrência mais aguda em fase de expansão desta, e pela sua abertura ao Mercado Comum Europeu. A estratégia governamental (sobretudo a partir de De Gaulle), por outro lado, procurou criar condições à modernização do aparelho produtivo da agricultura, revolucionando a organização tradicional anterior, por razões tanto econômicas como políticas. Nesse quadro, o desenvolvimento da agricultura é fundamental para o sistema como um todo, para não comprometer as altas taxas de acumulação de capital e nem comprometer a hegemonia da burguesia industrial sobre a sociedade francesa.

Importantes investimentos em indústrias de máquinas e implementos agrícolas, adubos, etc., passam a ser rentáveis pela demanda em expansão da agricultura. Esta, por sua vez, ao se modernizar e aumentar os seus índices de produtividade, baixa os custos de alimentos e matérias-primas atuando no sentido de reforçar a acumulação no conjunto da economia.

A entrada de capitais estrangeiros, a integração agricultura-indústria, a política agrícola da Comunidade Econômica Européia são os determinantes principais da atual estrutura de produção na agricultura. A CANA se fortalece no quadro destas relações pelo apoio direto dos agricultores sócios, na busca de alternativas a seus interesses econômicos reais.

A forma concreta deste desenvolvimento a nível das explorações agrícolas é, predominantemente, a especialização em pecuária paralela a uma intensificação da policultura. As explorações familiares médias cresceram em volume econômico, em detrimento daquelas menos produtivas. Mas tecnicamente esta especialização em pecuária deve muito à utilização de torta de soja como componente da alimentação animal. A soja não é produzida na França e o seu fornecimento é monopolizado pelas empresas americanas. Economicamente, portanto, estas empresas detêm uma posição estratégica indiscutível na nova estrutura de relações na produção agrícola. Nos debates e lutas dos produtores da CANA, através de sua cooperativa, a soja continua sendo um dos pontos fracos.



Reunião com grupo de agricultores na casa do sr. André Tessier, em Moisson la Rivière. Aparecem da esquerda para a direita J. Klein (eng. agr. encarregado da ação de desenvolvimento); T. Frantz, A. Tessier, A. Lepissier, C. Grzybowski, J. Moreau e Madeleine Lepissier.

# COOPERATIVISMO

Para melhor julgar este problema, é útil ver mais de perto a estrutura de relações econômicas que, como no caso dos agricultores gaúchos da soja, também tem um dos estrangulamentos nas relações a nível mundial. Há, inicialmente, o circuito de produção centralizada na CANA. Toda a produção de ovos (113 milhões de unidades no exercício de 1975-76) se faz sob contrato com menos de 70 produtores associados da CANA (60 produtores de ovos e 7 produtores especializados na criação das futuras galinhas poedeiras). A cooperativa programa a produção, fornece alimentos, coleta os ovos, os classifica, embala e comercializa. Os produtores fazem os investimentos necessários na exploração e realizam todo o trabalho de alimentação e coleta preliminar. Aos produtores são fornecidas garantias de uma renda média e de cobertura parcial das perdas em caso de problema na produção (doenças, por exemplo). O mesmo acontece com a produção de frangos, porcos, baby-beef.

A alimentação fornecida pela CANA compõe-se, no mínimo, de 30% de torta de soja. No caso da pecuária do babe-beef, a alimentação é o leite em pó, mas para produzir leite é necessário torta.

Tive a oportunidade de discutir com produtores associados da CANA sobre esta estrutura de produção e sobre as condições técnicas e econômicas de utilização da soja na alimentação animal.

Em Chemillé, o sr. Baranger, sócio da CANA, explora 28 hectares. Duas pessoas trabalham, ele e sua esposa. Toda a produção, a não ser o trigo que é comercializada pela CANA, se destina à alimentação de vacas de leite. Tem 40 vacas, com uma produção média no ano de 1976 (ano da seca) de 5.800 litros por vaca. A alimentação das vacas leiteiras é composta de forragem, milho e torta de soja, indispensável para enriquecer a alimentação. O alto índice de produtividade que obtém atribue em grande parte à torta de soja. A sua supressão por um ano pode levar a uma queda de mais de 40% na quantidade de leite produzido.

Em Moisson La Rivière, entre os produtores presentes (todos constituindo Gaec de duas ou três famílias) estava o sr. André Lepicier e sua esposa. Juntamente com outra família, exploram 60 hectares, tendo 80 bois para corte, 40 vacas e 30 novilhas. Na sua exploração obtém em 18 meses um boi com um peso de 320 a 340 kg de carcaça (uns 600 kg vivo). Mas para isso usa em média 1 kg de torta de soja por dia na ração animal de cada boi estabulado, a partir do 4º mês. Ao todo, um boi de 18 meses que é entregue ao frigorífico da CANA comeu em vida no mínimo 450 kg de torta de soja.

O sr. André Tessier e sua esposa, com outra família, exploram 40 hectares; 18 hectares de milho, 16 ha. de forragem e 6 ha. de trigo. O trigo, utilizando mais de 700 kg/ha. de adubos e com uma produtividade acima de 6.000 kg/ha, e entregue na CANA. O milho e a forragem são ensilados na exploração e constituem o alimento para 60 vacas leiteiras. As novilhas não são criadas na exploração, mas obtidas através da CANA, que sob contrato mantém explorações especializadas no trato de terneiros e seleção de novilhas. Na exploração do casal Tessier existem ainda 300 porcos de engorda, produzidos sob contrato com a CANA, que fornece as rações. No caso das vacas de leite, disse o sr. Tessier que a produtividade de mais de 5.000 litros por vaca, no ano passado, só foi possível dado o consumo de 2 kg de torta de soja por dia e por vaca.

Estes exemplos mostram como a torta de soja é importante, não só nos índices de produtividade obtidos, mas como condição técnica da especialização e intensificação agrícola. Além disso, mostram a estreita relação entre a cooperativa e a produção agrícola dos associados. A CANA, de um lado, industrializa os produtos e os comercializa. De outro lado ela fornece as rações, adubos, sementes, máquinas, etc. A forma mais ampla da integração da produção com a CANA são os contratos de produção. Mas industrializando e comercializando a produção agrícola dos sócios, a CANA os põe em contato direto com o resto da economia, o Mercado Comum Europeu e os outros países. Fornecendo as matérias-primas agrícolas e instrumentos de produção, ela faz o processo de inverso. A torta de soja é um veículo importante das relações. É a CANA que fornece diretamente a torta aos produtores. Mas os fornecedores da CANA são as empresas americanas e suas filiais francesas. Ao todo são mais de 40

mil toneladas anuais de torta de soja que a CANA adquire das outras empresas.

Toda a estrutura de produção na região da CANA deve tecnicamente muito à utilização crescente de torta de soja. Os altos índices de produtividade são possíveis dada a integração com a cooperativa e dado os avanços técnicos obtidos no cultivo do solo e na criação intensiva de animais. Mas se a soja favoreceu este desenvolvimento, hoje ela aparece como um problema. A soja é sentida pelos produtores como um elemento que está diretamente associado à transformação da agricultura regional, ao mesmo tempo que se constitui num limitante sério do processo. Utilizando soja, ampliou-se a dependência e a integração da agricultura.

Foi o sr. Bernard Thareau, agricultor secretário do conselho de administração da CANA, que melhor caracterizou a situação. O sr. Thareau tem uma exploração de 78 hectares com um irmão e um sócio (três famílias ao todo, organizadas em Gaec). A sua função na exploração, juntamente com a esposa, é o trato e a ordenha de 60 vacas e a engorda de 200 porcos. Um outro casal se dedica à criação de 60 novilhas e, juntamente com o terceiro casal, é encarregado das culturas: trigo para o mercado, milho e forragem para a exploração comum.

A situação de agricultor típico na região e ao mesmo tempo de membro da direção da CANA dá ao sr. Thareau a possibilidade de uma análise do conjunto dos problemas. Inicialmente, destacou o fato de que a integração produtiva da exploração com a cooperativa é, sem dúvida, a condição econômica do avanço técnico obtido e da melhoria relativa do nível de vida dos agricultores. Mas, ao mesmo tempo, tal integração não modificou a natureza das relações, antes impulsionou o caráter empresarial e capitalista da agricultura. Hoje o agricultor é um homem individualizado e o seu trabalho é intenso, pois faz parte de um sistema que não depende do controle do produtor. A cooperativa, por outro lado, apesar de seu caráter associativo, é regida pela racionalidade do lucro, própria à economia como um todo. O que tem de especial em relação às empresas é a possibilidade de unir os produtores e solidarizar as suas lutas, mas não pode deixar de diferenciá-los.

Segundo o sr. Thareau, a CANA concretamente dá força e oportunidade aos agricultores para fazer sentir suas reivindicações ao nível das relações econômicas mais amplas. Assim, por exemplo, através da CANA é possível que os agricultores estabeleçam contatos diretos com os produtores de soja, sem passar pelas empresas multinacionais. Afinal,

a CANA é dos agricultores, mas eles não têm nenhum controle sobre as empresas, antes são controlados por elas, dado o monopólio no fornecimento.

Como as relações econômicas são antes uma necessidade do que uma questão de vontade, os produtores franceses com os quais discuti o problema da soja sentem que a sua sorte está ligada a uma especialização e uma intensificação ainda maior. Isto coloca, sem dúvida, os problemas mais sérios quanto à sua integração e dependência, mesmo através da cooperativa. Mas não existe alternativa imediata, pois isto não se deve à CANA em particular, mas ao sistema econômico de que ela é parte integrante. Neste quadro as suas preocupações e lutas, agem de forma mesmo a fortalecer a própria CANA. Dependentes como são de todo o fornecimento feito pela cooperativa (torta de soja, inclusive) e do escoamento de sua produção para manter elevados os seus índices de produtividade e renda, e a organização obtida, os associados apóiam a ação da cooperativa.

Para o produtor francês, a soja representa um custo com tendência constante a aumentar. No último ano quase duplicou, passando de 0,80 a 1,50 o kg, em franco franceses. A sua utilização, tecnicamente indispensável, depende dos preços. Por isto apóiam a CANA no sentido de enfrentar uma estrutura complexa que é a das relações comerciais com base na soja.

Dada a dependência da pecuária francesa do fornecimento de soja, as multinacionais americanas que controlam o mercado do produto tem uma importante arma na mão. Aliás, a soja faz parte da estratégia de hegemonia dos Estados Unidos. Isto é vivamente percebido pelos agricultores franceses.

É nesta base geral que existe uma certa identidade entre agricultores gaúchos e franceses. Pela ação direta de uns e outros através de suas cooperativas, procurando defender os seus próprios interesses nas formas e condições possíveis dentro de uma economia mundial movida pelas leis de mercado, talvez um dia ambas as partes se encontrem em mesa redonda para definir estratégias comuns.

#### Bibliografia:

OSSARD, Hervé. L'agriculture et le développement du capitalisme. Critiques de l'Économie Politique, Paris, (24/25): 141-170, avr./sept. 1976.

BERTRAND, L.P. e POULIQUEN, A. La grande coopérative, L'agriculture familiale et le développement global. Economies et Sociétés, Paris, VII (11/12): 2333-74, nov/déc. 1973.



Fachada da sede central (parcial) da Coopérative Agricole la Noelle (CANA), em Ancenis, Loire-Atlantique.

# CNPTRIGO QUER MANTER PRODUTIVIDADE ESTÁVEL



Equipamento para medição da perda de terra por efeito da erosão. Cada um dos oito aparelhos que aparecem na foto recebe resíduos de solo oriundo de um tipo de lavoura ou plantio, para que os técnicos possam optar pelo melhor em cada caso.

É sabido que o maior potencial da produção tritícola brasileira se concentra na Região Sul, em especial no estado do Rio Grande do Sul. Aliado a este, outros fatores levaram a EMBRAPA — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a implantar em Passo Fundo o seu primeiro centro nacional, dos 16 hoje em funcionamento em todo o País. A instalação oficial do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo deu-se a 28 de outubro de 1974, e está localizado na base física da Estação Experimental de Passo Fundo. Passados quase quatro anos, a realidade hoje é outra. Fortaleceu-se a pesquisa a partir da atribuição principal confiada ao CNPTRIGO: gerar tecnologia fundamental para o trigo no Brasil. Em combinação com outros órgãos, o CNPTRIGO é responsável pelo lançamento de novas variedades, tendo como preocupação central resolver os problemas da triticultura, pela resistência genética e controle químico, até que — segundo frisou o eng. agr. chefe, Ottoni de Souza Rosa — se atinja níveis de resistência tal que dispense o tratamento.

#### EQUIPE ALTAMENTE TÉCNICA

Ao conversar com o técnico, a reportagem do COTRI-

JORNAL testemunhou a preocupação daquela chefia em investir cada vez mais na especialização do pessoal que forma a estrutura técnico-administrativa do centro. Dos mais de 40 elementos que compõem a equipe técnica, 7 possuem tese de doutorado (PhD); 18 de mestrado (MS) e 17 são agrônomos. Essa equipe representa a concentração de técnicos do antigo Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária — IPEAS, adicionada de pesquisadores contratados pela EMBRAPA e especialistas da FAO. O comum é que depois de dois anos de serviços prestados como formados em agronomia, o técnico, sob os auspícios da empresa, vá cursar o mestrado. Passados três anos depois da sua reintegração nos quadros do Centro, volta então para defender tese e doutorar-se (PhD).

#### ÁREAS DE AÇÃO DO CNPTRIGO

Somente em termos técnicos, e para que se tenha uma idéia do que se fez até chegar ao lançamento de uma nova variedade de trigo, atuam englobadamente os especialistas das seguintes áreas: Fitopatologia, Virologia, Melhoramento/Experimentação, Solos/Fertilidade/Conservação, Entomolo-

gia, Citogenética, Economia, Estatística, Práticas Culturais, Tecnologia de Sementes, Fisiologia Vegetal e Difusão de Tecnologia. A tudo isto, deve se somar a atuação dos setores de relações públicas, administração e equipe que mantém as atividades satélites em combinação com outros centros da EMBRAPA.

Como se tornaria cansativo de uma só vez discorrer sobre as atividades múltiplas de cada uma dessas áreas, convém aqui dar uma idéia das funções dos técnicos e pessoal de apoio da tecnologia de sementes — melhoria e multiplicação.

Segundo os responsáveis do setor, o lançamento de uma nova variedade demanda um processo seletivo e de experimentação que pode durar até dez anos. Quando se pode então atestar níveis de rendimento como nos casos das recentemente lançadas — CNT 9 e CNT 10 — superiores respectivamente a 20 por cento e 29 por cento às testemunhas consideradas. Muito mais do que o aperfeiçoamento genético a nível de regiões, estado e país, isto implica em que, pronta uma variedade para seu lançamento, haja semente suficiente para abastecer os triticultores. Então, paralelamente aos

estudos que vão sendo feitos, eliminando os pontos frágeis da variedade em formação, aclimatando-a para o Rio Grande do Sul, ou Paraná, etc. existe um trabalho de multiplicação de linhagens. Ao lançar as variedades CNT 9 e CNT 10 para a atual safra, o Centro entregou 24 mil quilos a FE-COTRIGO e 6 mil quilos a APASUL. Vale dizer que a semente de linhagens eliminadas, é destinada ao consumo, para evitar o enfraquecimento de outras já existentes e que tiveram níveis de rendimento comprovados.

Para não perder o controle sobre um só saco de semente multiplicada, mesmo que o processo de multiplicação se dê fora do centro, por contrato, e beneficiamento acontecerá obrigatoriamente no CNPTRIGO.

#### EM BÚSCA DA PRODUTIVIDADE

Os leitores do COTRI-

JORNAL diversas vezes encontraram em numeros anteriores referências, citações e até mesmo reprodução de trabalhos feitos por técnicos do CNPTRIGO, sempre atinentes ao avanço tecnológico em busca de variedades mais produtivas e resistentes. A difusão dessa tecnologia sempre crescente é parte também do objetivo que norteia a EMBRAPA e seus 16 centros de pesquisa espalhados pelo Brasil, visando minimizar os problemas econômicos com uma agropecuária mais racional e produtiva. No CNPTRIGO de Passo Fundo, desde o primeiro contato da reportagem com o chefe, Dr. Ottoni de Souza Rosa, até a visita as dependências e campo, se percebeu que a preocupação primeira é exatamente esta. A de produzir não para satisfação própria ou justificar os investimentos, mas solucionar os muitos problemas que ainda enfrentamos na produção de alimentos.

## A nova safra de máquinas Singer está na Cotrijuí.

Apesar de serem as máquinas de costura mais maduras que você pode encontrar, elas não estão na Cotrijuí só para encher os seus olhos.

Elas estão lá para que você escolha uma e leve para sua mulher.

E dentro da sua casa, e nas mãos da sua mulher, as máquinas de costura Singer vão começar uma outra safra: de vestidos, calças, camisas.

É fácil costurar numa Singer, e ela faz de tudo: chuleia, caseia, prega botões, borda e até costura.

Para facilitar a sua escolha, a Cotrijuí estabeleceu preços mínimos sempre dentro da sua política de servir melhor ao associado. As máquinas Singer estão esperando para serem colhidas por você.

# SINGER

Costurar é um ato de amor e poupança.

# ECONOMIZE: NÃO TRANSFORME SUA CASA NUM MINI-MERCADO

Você pode poupar e até "esticar" ao máximo seu dinheiro, desde que seja organizada na hora de fazer compras no supermercado. Para ir às compras é importante estar bem disposta, de preferência não levar crianças e também não esquecer a lista feita em casa, que deverá ser seguida fielmente. Se não, você acabará esquecendo mercadorias indispensáveis ao uso caseiro e levando junto artigos supérfluos. Nunca esquecer que as condições econômicas da família constituem fator preponderante, quando relacionar o que deve ser comprado.

No caso específico da dona da casa, é aconselhável não escolher os dias último e primeiro de cada mês para ir às compras, por serem datas em que as pessoas que trabalham fora geralmente escolhem, o que acarreta superlotação nos supermercados. O dinheiro, procure guardá-lo em lugar seguro e de forma a poder manuseá-lo com facilidade. Em caso de cheque, será sempre oportuno certificar-se do saldo,

principalmente se a conta for conjunta com a do marido.

O impacto visual, e as vezes até audio-visual, para quem entra num supermercado, é grande. Não se transforme em robô, passando a jogar coisas dentro do carrinho mecanicamente. Siga à risca a lista que trouxe de casa, com prioridade aos gêneros de primeira necessidade. Procure fugir ao "hábito" de comprar certas coisas, antes relacionando-as como necessárias ou dispensáveis. Sem esse cuidado, você poderá aos poucos transformar sua casa num mini-supermercado onde não haverá rotação de mercadorias. E os prejuízos serão palpáveis, desde a falta de espaço até o dinheiro jogado fora.

Em certos casos, é aconselhável colocar a data nas embalagens, podendo assim acompanhar o tempo de duração do produto, fazendo comparações entre as marcas. Peça à empregada — caso tenha uma em casa — que a auxilie a economizar.

Um lembrete também útil: deixe para comprar os laticínios, frutas, peixes e carnes, no final, pois tratando-se de produtos deterioráveis, devem permanecer refrigerados. Caso necessário o uso de balança, não é indiscrição acompanhar a marcha do ponteiro. Você deve pagar pelo que está levando e não pelas parcelas que deixa de levar.

Mesmo atraída pelos preços "baixos", não compre em mercados que pecam pela falta de higiene. Sujeira e desonestidade as vezes andam de mãos juntas. Cautela. Já na caixa registradora, é salutar acompanhar a atividade da funcionária e reclamar em caso de mercadorias lançadas mais de uma vez.

Se você está de carro, não invente passeios para depois das compras. Primeiro deixe-as em casa, nos lugares certos. Bom consumo e não esqueça de acompanhar os gastos para efetuar comparações e voltar às compras no próximo mês.

## CORTE E COSTURA FORMA DUAS NOVAS TURMAS

Nos dias 29 e 30 de junho, realizaram-se os atos de formatura de mais duas turmas em corte e costura, cursos oferecidos pelo setor de comunicação e educação da COTRIJUI, sob a orientação da professora Noemi Huth, e tendo como ministrante a sra. Herminia M. Pannebecker.

Em ambos os núcleos — Rincão dos Müller e Ijuizinho — no interior de Augusto Pesta-

na, as comunidades organizaram programação festiva, enaltecendo o significado das 60 horas/aula cumpridas pelas 42 esposas e filhas de associados da cooperativa. Além das lideranças locais, compareceram o gerente operacional da COTRIJUI em Augusto Pestana, Luiz Mariotti; o casal Otávio e Zenir Steffens, êle presidente do Instituto de Educação Permanente da FIDENE; o presidente do Sindicato dos Trabalha-

dores Rurais de Augusto Pestana, Bruno Wander San e esposa.

Em discursos rápidos, todos enalteciram o valor do curso de corte e costura, forma de fazer com que a mulher participe cada vez mais da economia familiar. Isto ficou evidenciado pela qualidade das confecções feitas no decorrer do curso, bem como pelo número de peças: 174 em Rincão dos Müller e 214 em Ijuizinho.



Professoras Noemi e Herminia juntamente com as formandas de Rincão dos Müller.



O grupo que concluiu o curso de corte e costura do núcleo de Ijuizinho.

## TENENTE PORTELA

# PRODUTOR BUSCA ATUALIZAÇÃO



Há muitos anos através do convênio que mantém com a FIDENE, ou mesmo pelo seu departamento de comunicação e educação, a COTRIJUI transmite através de cursos e palestras, tudo o que de novo surge e de interesse imediato do seu corpo social. Foi o caso recente de um curso que abordou cooperativismo e sindicalismo, no início de junho, e que contou com a participação de mais de 50 associados do município de Tenente Portela. Ricardo Ferretto, do departamento de comunicação e educação local e mais as lideranças sindicais de Tenente Portela foram responsáveis pelo desenvolvimento do curso que teve dois dias de duração. Os trabalhos se desenvolveram na cripta da Igreja Católica. Na foto o professor Severino Verza do Convênio COTRIJUI/FIDENE, quando se dirigia aos agricultores.

## SANTO AUGUSTO

# COMISSÃO COMUNITÁRIA DE SAÚDE

Em Assembléia Geral Ordinária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto, levada a efeito em fins de maio, importantes decisões foram tomadas pelos 136 associados que participaram dos trabalhos. Além da apreciação e aprovação dos assuntos constantes da ordem do dia e que tinham a ver com as contas da entidade, previsão orçamentária, etc., o associativo delibe-

rou sobre a formação de uma comissão comunitária de saúde, que já formada se dedica a troca de informações para poder apresentar sugestões ao plano de saúde que a COTRIJUI está em vias de introduzir em sua área de ação, para os cooperativados. Do encontro surgiu a idéia de construção de um prédio para abrigar o Ambulatório Médico, que vem prestando atendimento aos associados

do sindicato desde maio, somente que em prédio alugado. O próprio associativo já se mobiliza no sentido de angariar recursos para dar início as obras, através de um carnê com valor unitário Cr\$ 100,00 por associado, pagáveis em quatro prestações. A assembléia teve lugar no recinto do CTG Pompílio Silva, de Santo Augusto, tendo comparecido grande número de associados.

## CORONEL BICACO

# AMBULATÓRIO EM PRÉDIO PRÓPRIO

Aproximadamente 100 associados participaram da Assembléia Geral Ordinária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coronel Bicaco realizada no dia 18 do mês que passou, nas dependências do salão paroquial da Igreja Matriz daquela cidade. Aprovação do relatório correspondente ao exercício de 1976, previsão orçamentária e balanço financeiro e patrimonial foi unânime.

Mobilizou a assembléia o debate em torno da construção de um prédio para abrigar o ambulatório médico, visando melhorar os serviços prestados aos ruralistas sindicalizados. Além dos recursos provenientes da taxa de construção recolhida junto aos agricultores, ficou deliberado que a entidade manterá gestões junto a organizações do comércio para conseguir doações, visando atingir

a importância necessária para início das obras. Participaram ainda dos trabalhos, Saul Colussi de Três Passos, contador do sindicato; funcionários da entidade e o professor Alberto Tomelero, da assessoria de Comunicação e Educação da COTRIJUI em Coronel Bicaco. O melhoramento da assistência médica e ambulatorial, faz parte do progresso do município.

# AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL

A criação e instalação de uma agência do Banco do Brasil S.A. no município de Coronel Bicaco é reivindicação que recebe reforços agora, em seguida aos contatos do prefeito municipal Jacy Luciano de Souza com o presidente do estabelecimento, Carlos Rieschbietter. O

pedido foi feito em recente viagem do prefeito a capital do Estado, onde se encontrava a autoridade creditícia. Rieschbietter adiantou que o assunto integrará a pauta da próxima reunião do Conselho Monetário Nacional, sendo possível uma decisão a respeito da cedência ou

não de novas cartas patente ao Banco do Brasil, para instalação de novas agências. Enquanto a decisão não chega, as forças representativas de Coronel Bicaco, município da área de ação da COTRIJUI, procura reunir elementos que reforcem a sua justa reivindicação.

## TENENTE PORTELA

# CURSO PARA PROFESSORES



Prestar assessoramento aos professores rurais da área de ação da COTRIJUI é um dos objetivos do convênio mantido pela cooperativa com a FIDENE. Nos dias 23, 24 e 25 de maio último os professores Euclides Redin e Iselda Sausen ministraram um curso a professores rurais de Tenente Portela. Orientação técnico-pedagógica e maior conhecimento da realidade atual da região COTRIJUI integraram o programa cumprido naqueles três dias. A coordenação deste curso foi feita em combinação pela Secretaria Municipal de Educação de Tenente Portela e setor local da Comunicação e Educação da COTRIJUI. Na foto uma vista parcial do grupo que participou do curso.

## DOM PEDRITO

# PRODUTOR DEVE PARTICIPAR DAS DECISÕES DA COOPERATIVA

Falando aos associados da COTRIJUI da região de Dom Pedrito, através do programa radiofônico Informativo COTRIJUI, o dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor presidente da cooperativa, afirmou que se pretende levar adiante a idéia "no sentido de encontrar um caminho para a efetiva participação dos produtores, não só no processo de comercialização da cooperativa, mas no próprio processo de condução da cooperativa.

O dirigente cooperativista se referia aos assuntos discutidos na reunião de fins de maio, com participação de aproximadamente 200 associados no CTG Rodeio da Fronteira. Na oportunidade o setor de comunicação e educação da COTRIJUI lançou a idéia da

organização dos produtores em núcleos para melhor discutir problemas comuns.

A nível da unidade Dom Pedrito, tanto a gerência como os técnicos vem encontrando boa receptividade de parte dos produtores, no sentido de estruturar a família cooperativista para que ela tenha a maior participação possível na gerência de sua produção, comercialização, enfim, conduzindo os destinos da cooperativa. Isso está sendo conseguido pode se dizer a curto prazo, graças a cobertura dos órgãos de divulgação de Dom Pedrito e municípios limítrofes, bem como pela participação efetiva dos associados.

Em seu pronunciamento, o dr. Ruben reforçou a

idéia da construção de um novo armazém graneleiro para a próxima safra e também a execução de um escritório e de um supermercado junto ao frigorífico, centralizando dessa forma as atividades da cooperativa.

A reunião da qual fez menção o presidente da COTRIJUI foi o primeiro passo no sentido de criar em Dom Pedrito um setor local da assessoria de comunicação e educação da cooperativa. Dela participaram o diretor superintendente Clóvis Adriano Farina, Ruy Polidoro Pinto da assessoria de comunicação e educação e o professor Mário Osório Marques, da FIDENE, além do gerente Walter S. Duarte e funcionários.

# COOPERATIVISMO É TEMA DE CONCURSO

A COTRIJUI, através de sua unidade operacional de Dom Pedrito, instituiu um concurso de redação tendo o cooperativismo como tema, e com abrangência em toda a área educacional do município, nos níveis de 1º e 2º graus. A promoção tem caráter conscientizador e também de divulgação da doutrina cooperativista junto a comunidade estudantil pedritense, ávida por ampliar seus conhecimentos sobre o tema.

A nível local, os órgãos de divulgação social estão

dando cobertura a iniciativa, visando obter de forma plena os objetivos a que o concurso se destina. O gerente da COTRIJUI em Dom Pedrito, Walter Suliman Duarte, no programa dominical Informativo COTRIJUI e em contatos com as autoridades educacionais do município, tem informado a respeito do concurso de redação, a ser cumprido em etapas que irão desde o dia 8 até o final do mês de agosto próximo.

Os estudantes interessados na obtenção de maio-

res informações sobre o andamento e premiação do concurso, poderão se dirigir a Comissão Central, na sede da cooperativa em Dom Pedrito ou então a diretoria do ensino municipal, que é coordenadora do certame. Pode se antecipar que os melhores trabalhos serão premiados com gravadores e viagens a Ijuí e Rio Grande, municípios que servem de sede a importantes setores do complexo COTRIJUI. Trata-se de uma preocupação da cooperativa na área da educação.

# FILMES DE ALEMÃES E COLÔNIAS ALEMÃS

Antonio Jesus PFEIL



O "cinematographista" Eduardo Hirtz, um pioneiro.



O jornalista Carlos Cavaco, ator do primeiro filme rodado no RGS, Ranchinho de Palha, baseado num poema de Lobo da Costa. O filme, que data de 1909, foi dirigido por Eduardo Hirtz.

O autor da presente pesquisa, Antonio Jesus Pfeil, é o mais persistente de nossos estudiosos da história do cinema no Rio Grande do Sul. Conhecedor do esforçado trabalho que o autor desenvolve para trazer para a berlinda dos dias atuais o trabalho daqueles pioneiros de nosso passado cinematográfico, o redator do COTRIJORNAL vinha insistindo, há tempos, com Pfeil, para que escrevesse algo especial. E chegou a oportunidade. O historiador mandou um trabalho que excedeu a expectativa. É um estudo do trabalho de alemães na cinematografia e na projeção de cinematógrafo no Estado. Ijuí, através da exibição de um cinematógrafo de João Germano Ernesto Schepcke na antiga Linha 19 Norte — hoje Ajuricaba, aparece no relato. No mês que se comemora a data do imigrante, nada mais proposital que essa pesquisa, relacionada por ordem cronológica de data, a partir do primeiro ano deste século, segundo a pesquisa de Antonio Jesus Pfeil.

1901 — 29 de setembro — No Polyteama Porto Alegrense estreou o cinematógrafo de propriedade de H. Kaurt, onde ficou até 6 de outubro. 1906 — 15 de fevereiro — No Teatro São Pedro, o cinematógrafo de Jorge Virgt se exhibe até 18 de fevereiro. 1907 — 6 de abril — No Polyteama, frequentado Teatro do caminho Novo e cinematógrafo da Empresa Henrique Doring & Cia. 1908 — 30 de julho — No Correio do Povo um anúncio do Cinema Recreio Ideal, que diz o seguinte: "Este centro de diversões instalado à rua dos Andradas, 321 vai passar à propriedade dos srs. Hirtz & Cia. O atual proprietário sr. J. Tours, seguirá em breve para o Rio de Janeiro".

Com a compra do Cinema Recreio Ideal, Eduardo Hirtz monta um pequeno estúdio, onde dá início a filmagens de pequenos documentários, em Porto Alegre e arredores, sendo o primeiro a filmar no Estado. Em 27 de março de 1909, o Cinema Recreio Ideal exhibe o primeiro filme de ficção, feito no Rio Grande do Sul, sob a direção de Eduardo Hirtz: "O Ranchinho de Palha", baseado no poema do poeta pelotense, Lobo da Costa, interpretado por Carlos Cavaco, sua esposa, Alcides Luppi, o ator Machado e o sr. Ernesto Wyrouch.

1908 — 11 de agosto — Correio do Povo — Como noticiamos, estreou anteontem, no São Pedro, o excelente cinematógrafo pertencente à empresa Caudeberg & C. A concorrência foi grande e as vistas exibidas agradaram muito. Depois, diariamente haverá outras funções com vistas novas. Destacaram-se as vistas "Degolação de S. João Batista". Abrihantou a diversão a banda de música "Carlos Gomes". Obs: em 1906 este cinematógrafo se exibiu na cidade de Bagé.

1908 — 6 de outubro — Correio do Povo — À rua dos Andradas, próximo à Marechal Floriano, inaugura-se o cinematógrafo Rio Branco, de propriedade do sr. Walckmer & Vizeu. A nova casa de diversões acha-se instalada e possui repertório de interessantes vistas. 1908 — 26 de dezembro — Exibe-se na Sociedade "Estrela do Sul", em São Leopoldo, o cinematógrafo Elison que, segundo o jornal "Arauto Leopoldense", foi um verdadeiro desastre devido a escuridão da projeção". É possível que anteriormente a esta data já se tenha projetado cinema em São Leopoldo. 1909 — 10 de fevereiro — Correio do Povo — Uma notícia da inauguração "Smart-Salão", cinema que ocupou o pavimento inferior do Grande Hotel, de propriedade de Souza & Barros, passando a seguir a Rodolfo Schoeler, Cia. O cinema foi inaugurado dia 3 de março. 1911 — 16 de abril — Correio do Povo — Cinematógrafo falante. No El Dorado, a empresa H. Devershein & C. dará, hoje, o seu segundo espetáculo. 1911 — A razão social do Cinema Recreio Ideal passa a "Damasceno, Issler & Cia". Hirtz continua com participação na sociedade e igualmente no cinema Coliseu. 1912 — 11 de maio — Correio do Povo — Furtado & Issler tiraram, ontem, várias fitas cinematográficas e entre outros os seguintes: O Desembarque do Dr. Pedro Toledo, sua chegada à exposição, o pavilhão da Aliança do Sul e os pavilhões da Intendência Municipal.

Encontramos o nome de Issler, em 1911, ligado ao Cinema Recreio Ideal, daí talvez o seu primeiro contato com a câmara cinematográfica, em virtude de Eduardo Hirtz, sócio do mesmo cinema, já de há muito filma em Porto Alegre. Em 1912 Issler provavelmente estava desligado da empresa e junto com Furtado, que não sabemos ainda quem é, e que talvez tivesse sido o operador da câmera, passou a fazer ci-

nema. O que intriga é que após acertarem a distribuição do filme da exposição com o cinema Nollet (rua João Alfredo, 178), conforme anúncio veiculado dia 14 de maio no Correio, Issler tenha lançado o documentário a "II Exposição Agro-Pecuária" no dia 10 de julho, no Smart-Salão, que sete dias antes reabria completamente reformado e dotado de grandes melhoramentos. Sobre a produção cinematográfica de Issler & Furtado, nada se sabe. No entanto, podemos afirmar que o documentário "Procissão de Corpus Cristi, em Porto Alegre", exibido dia 10 de maio no cinema Nollet, pertence a dupla. Vamos encontrar novamente o nome de Albano Issler (que deve ser o mesmo) em 1920 como proprietário do Cinema Guarany.

1912 — 10 de outubro — Correio do Povo — Cinema Força e Luz. Abrir-se-á hoje à frequência pública o Cinema Força e Luz, situado à Av. Eduardo, 54. Os srs. proprietários Bart Tschiedel & Rodrigues, dirigem-se convite para assistirmos hoje, às 7 horas da noite, a uma sessão especial, dedicada à imprensa. 1912 — 27 de novembro — Correio do Povo — No anúncio da programação do Cinema Recreio Ideal, consta a exibição das manobras da Brigada Militar em São Leopoldo, incluídas no Recreio-Ideal-Jornal nº 18. Este jornal cinematográfico era produzido pelos proprietários da empresa em questão, filmado pelo cinegrafista carioca Emilio Guimarães, radicado em Porto Alegre e exibido todas as sextas-feiras, com notícias de Porto Alegre e outras cidades do interior. O assunto referia-se sempre à vida social, comercial, política e cultural. O número um teve sua exibição no dia 19 de julho e o último, de nº 21, por coincidência, no dia 21 de dezembro de 1912. Sabe-se que Eduardo Hirtz esteve sempre de perto nos interesses desse jornal da tela, pois continuou a filmar até 1915, quando se desgostou e incendiou tudo o que tinha até então filmado. 1912 — 8 de dezembro — Eduardo Hirtz filma o documentário "Passeio da Sociedade Recreio Juvenil", um piquenique numa das ilhas do Guaíba. Mostra diversas famílias alemãs, jogos e divertimentos da época. Esse foi o único filme salvo da destruição por estar na ocasião em exibição na cidade de Santa Maria. No momento se encontra na Cinemateca Guido Viaro, da Fundação Cultural de Curitiba, para recuperação.

1913 — 25 de maio — Correio do Povo — Telegrama. Santo Ângelo, 24. "Em seu confortável salão, situado à praça Pinheiro Machado, nesta vila, o sr. Alfredo Bech inaugura domingo próximo um cinematógrafo. 1914 — No dia 1º de abril foi inaugurado o "Teatro Apolo", de propriedade de Hirtz & Cia., que ofereceu aos representantes da imprensa uma mesa de doces, champanhe, vários brindes . . ." O crescente interesse despertado pelo cinema, como um negócio lucrativo, fez com que fosse implantada em Porto Alegre a primeira fábrica de projetores de cinema no Brasil e talvez da América do Sul, pertencente a Hirtz & Rehn, cujo primeiro aparelho foi testado no Apolo, com sucesso absoluto, conforme destaca a revista Kodak, de 28 de março de 1914. "É um modelo especial que suprime por completo, como já dissemos, a trepidação das imagens na tela constituindo destarte um trabalho perfeito de mecânica de precisão e que mais subido valor tem se considerarmos que todas as peças que o constituem foram feitas nesta capital. É uma invenção puramente nossa. . ." Foi o primeiro projetor construído no Brasil e todo de aço. Até o presente momento não foi encontrado nenhum exemplar dos projetores "Brasil", como eram denominados. Em 1915 a razão social da fábrica era outra. 1915 — 5 e 12 de maio, p. 3 do Correio do Povo (anúncio da fábrica) Projetores Brasil, de Rehn & Einloft, rua da Conceição 20-A, tel 1633.

Por essa época, as principais cidades do interior já possuíam o seu cinema fixo, não deixando, portanto, de continuarem os cinematógrafos ambulantes a sua peregrinação, que se mantiveram até a década de trinta. Entre eles destacam-se o de Frederico Schereschewky, que transportava seu aparelho em cima do lombo de um burro, projetando suas "vistas" em quase todo o interior do Estado. Isso na década de vinte e trinta, principalmente nas colônias alemãs, destacando-se Estância Velha e imediações e João Germano Ernesto Schepcke, que partindo da Linha 19 em Ijuí, (hoje Ajuricaba) com seu "cinematógrafo", visitou todos os lugarejos da região, por volta de 1916, terminando seus dias em Palmeira, onde foi proprietário do Cinema Coliseu, até 1930.

Em relação às filmagens nas colônias alemãs, a coisa se desenvolveu positivamente com relevância à década de vinte, onde o movimento cinematográfico no Brasil colaborou com uma soma de filmes importantes, através dos ciclos regionais, fora do eixo Rio/São Paulo.

É certo que Eduardo Hirtz, conforme já nos referimos, filmou alguma coisa nas colônias alemãs, cabendo-lhe o título de pioneiro. Acharmos imprescindível citar também, como referência da possibilidade, à Guarany-Films, de Pelotas (1913/14) de propriedade do ator português Francisco Santos, destacado movimento no painel do Cinema Brasileiro, que contribuiu com três filmes de ficção e 82 jornais da tela, do conhecido "Pelotas-1913", fazendo-nos crer que devido à grande quantidade de filmagens e assuntos, Francisco Santos tenha fixado no celulóide imagens das colônias alemãs.

1917 - 3 de janeiro - Correio do Povo - anúncio do Teatro Apolo. "Esta semana o bellissimo filme natural "3ª Exposição Agro-pecuária de Porto Alegre" em 3 longas partes, propriedade exclusiva da Empresa Hirtz & Cia". Este anúncio veio confirmar que Hirtz não incendiou todos os seus filmes em 1915, "desgostoso e abandonando as filmagens", conforme declarou seu filho, o que certamente aconteceu após ou durante 1917. 1919 - 28 de novembro - Correio do Povo. "No Apolo será exibido o filme confeccionado pela Empresa Calegari & Lafayette, da fábrica de conservas marca Tigre, de Kroef, Wiltgen, de Novo Hamburgo. Para exibição foram convidados o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado e outras autoridades. 1922 - O cinegrafista francês Marcel Gautier, contratado pela Empresa de Colonização Alemã, filma no Alto Uruguai, em Novo Mundo, distrito de Horizontina, três documentários. 1º - A cultura do fumo nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. 2º - As primeiras sociedades comerciais nas colônias-alemas do Rio Grande do Sul. 3º - Aspectos da agricultura nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul.

Marcel terminou esse trabalho em 1927, devido às suas constantes viagens à França. Encontrados pelo cineasta gaúcho Antonio Carlos Textor, num canto de oficina mecânica, foram recuperados, sendo aproveitado em parte, posteriormente pelo cineastas, no filme "A imigração no Rio Grande do Sul", constituindo-se, atualmente, num documento de grande valor sobre o assunto, a pedir um estudo acurado de parte dos pesquisadores interessados na colonização alemã. 1914 - 22 de setembro - A Federação - Diversas notas. O sr. Carlos Comelli, que filmou aspectos das festividades para a confecção de uma longa película "Filmou" em Hamburgo Velho, antes do lançamento da pedra fundamental do monumento da colonização, um grupo constituído dos mais velhos habitantes da localidade. 1915 - 21 de janeiro - Correio do Povo. Anúncio do documentário "Centenário da Colonização Alemã", 5 partes, realizado pela Comelli-Film, com reportagem completa: "a visita do Dr. Borges de Medeiros e do mundo oficial, a abertura da Exposição Industrial, a chegada a São Leopoldo, a missa campestre etc..." estreou nesse dia no Cinema Central como complemento do filme, "O Moinho em Fogo". No Carlos Gomes foi exibido dias 4 e 5 de fevereiro no Cinema Palácio.

1926 - setembro - Foi inaugurada a Pindorama-Film, à rua Ramiro Barcelos, 1640. Esta empresa pretendeu filmar a "Jóia do Bem", no entanto, para experiência, foi filmado por Max Walter Ludwig um documentário sobre a hípica. Fazia parte da diretoria Rodolpho Gayer Filho e Edmundo Upeni. Houve problemas na sociedade, que se desfez. 1927 - 16 de fevereiro - Diário de Notícias. Cinematografia Gaúcha. As produções da "Cinematografia Rio-Grandense". Entre as diversas empresas cinematográficas surgidas neste Estado, figura a "Companhia Cinematográfica Rio-Grandense", que tem como diretor técnico o sr. Max Walter Ludwig. Dedicando-se ao cinema educativo, a produtora anunciava as filmagens de "A Colonização, Sua Vida e Desenvolvimento" e "Minas". Não confirmamos se foram filmados ou se passou de mera notícia de jornal, sabendo-se portanto "que filmou há dias a tradicional festa dos navegantes, devendo esse filme ser exibido no Cinema Central..." 1927 - 8 de março - Diário de Notícias, pág. 3. Cinematografia Gaúcha. "Film Torres". Vai adiantada a confecção do filme "Torres" a ser exibido nesta Capital e

do qual se acha exposto uma série de fotografias na casa Brockmann, à rua dos Andradas. As referidas fotografias foram apanhadas pelo sr. Kurt Geissler, professor da seção de fotografuras da Escola de Engenharia e um dos colaboradores do referido filme... salientamos que o filme foi realizado por José I. Picoral.

1927 - 15 de agosto. Inauguração da "Empresa Cinematográfica Oliveira, Soares & Cia. "Ita-Film". Eram alguns dissidentes da Pindorama-Film. O grupo capitalista se constituiu das seguintes pessoas: Beno Mentz, Albino Sport, Sabino Lubisco, Monteiro Martinez, Rodolpho Albrecht, Oscar Petry, J. Lopes, Armando Ribeiro e Frederico Matoso. 1927 - 24 de novembro - Diário de Notícias. Ita-Film "O Salto da Morte", exibição no dia 7 de dezembro no Cinema Central. 1927 - 25 de novembro - Diário de Notícias. Uma película da Ita-Film. No próximo dia 7 de dezembro será exibido no elegante Cinema Central um trabalho cinematográfico executado pela empresa cinematográfica Ita-Film, denominado "Glória à Virgem do Rosário". Trata-se de um filme original, mandado confeccionar pela "Quadrisreg" Companhia filmadora recentemente fundada na vizinha cidade de São Leopoldo. Esse filme reproduz todos os festejos realizados naquela cidade por ocasião das festividades em louvor de N.S. do Rosário, destacando-se belíssimos quadros da virgem, a missa celebrada na praça por D. João Becker, quadro histórico reproduzindo o desembarque de Pedro Alvares Cabral e sua comitiva, as tradicionais cavalhadas gaúchas, vistas desportivas além de outros quadros interessantes. Ter-se-á também a oportunidade de assistir nesse filme o trágico salto da morte, prova automobilística realizada por ocasião dos festejos e na qual perdeu a vida o intrépido volante rio-grandense Mario Azambuja. Quanto ao trabalho fotogênico, muito honra ele a cinematografia, merecendo elogios o sr. Thomaz de Tullio, diretor do departamento técnico da Ita-Film.

1927 - 22 de junho - Revista Cinearte nº 69. "Quem será o alemão que se dizendo rival de William Fox, tem andado na cidade de Hamburgo, um pouco adiante de Porto Alegre, fazendo filmes naturais? É preciso muito cuidado para se saber com quem se está lidando. De quando em vez aparece cada "cavador"... (Cinema Brasileiro, Pedro Lima) 1930 - 3 de novembro - Foi exibido no Cine-Teatro Internacional de Livramento, o documentário filmado pelo dr. Victor Fischer, da "Revolução em Sant'Ana do Livramento", que mostrou cenas do Rio. Foi exibido ainda

no dia 11 no Cinema Capitólio. 1934 - Durante as festividades da exposição em 1º de maio, sobre o trabalho do colono alemão nos seus 110 anos de fixação no RS, a Leopoldis-Film realizou um documentário de 3 partes intitulado "Novos Horizontes" sobre a cidade de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Desse documentário existem as 8 partes, que estão depositadas no Museu Visconde de São Leopoldo. Merece destaque a Produtora Leopoldis-Som (assim passou a denominar-se após o advento do cinema sonoro) que muito filmou nas colônias alemãs durante vários anos, registrando desta forma o desenvolvimento social e econômico de algumas cidades do interior gaúcho.

1937 - A Leopoldis - Som realiza "Uma Viagem Pitoresca" de Porto Alegre a São Leopoldo e "Treinos Esportivos" da Sociedade Atlética de São Leopoldo. Esses documentários foram sonorizados e narrados por Ruy Simões. 1940 - 12 de abril - Folha da Tarde - pág. 8 "Um Filme da Exposição de Vacaria". Quando da exposição agro-pecuária e industrial de Vacaria, a Leopoldis realizou um documentário (300 mts.) e exibiu no Cinema Imperial. Foi filmado por Lauro Franzen. Não foi esgotado de todo o tema em questão e à medida que as pesquisas tiveram continuidade, os resultados se mostrarão compensadores com o surgimento de novos filmes realizados nas colônias alemãs e quem sabe, encontrá-los.

Um outro aspecto de grande significado na pesquisa cinematográfica é o trabalho do cineasta amador, que através de filmadoras de bitolas 91/2,16 m/m, e atualmente Super-8, documentou e documenta ainda hoje, sem grandes pretensões, a família, lugares onde vive, passeios, festinhas e outros acontecimentos que assumem mais tarde destacado valor no campo da documentação e da memória. Podemos destacar, nessa área, a presença de Edgar Eifler, que durante os anos 1940-48 documentou, em 16 m/m, festividades da Semana da Pátria, exposições e paisagens, em colorido, formando considerável documentação dessa década. Da mesma forma o acervo filmico de Pedro Hilgert, da cidade de Canoas, que mostra vários momentos de Canoas antigo, como: a inauguração do primeiro cemitério, o primeiro prefeito, a construção da praça e outros movimentos cívicos. Dando por encerrado levando a possibilidade de uma pesquisa em conjunto, do tipo informativa, para que se possa relacionar quem atualmente possui filmes, seja que bitola for, ou faz cinema como amador. As informações a respeito podem ser enviadas à Rua Santos Ferreira, 202 - Canoas.



O logotipo (marca) dos filmes de Eduardo Hirtz.

## OS "RETALHOS VIVOS" DE CECILIA RORATO

O título de seu primeiro livro, *Retalhos Vivos*, diz muito de Cecília Rorato e da sua poesia. Foram retalhos de sua vida que ela juntou para dizer numa só voz, em forma de livro.

Por ser retalhos, talvez a própria Cecília concorde que ainda não há uma forma sólida para a sua poesia. Mas quem escreve um primeiro livro com definições, tanto da própria vida em seu sentido mais amplo, como da sua maneira de dizer e escrever, o que sente?

A vida, como a própria poesia, amadurece aos poucos. Em Cecília Rorato este fruto, de vida e poesia, já é bastante visível.

Cecília Rorato nasceu no Distrito de Salto, interior de Ijuí, há 26 anos. Filha de agricultores, reconhece ter se emancipado precocemente, em busca da formação escolar que o interior não oferecia. Interna durante quatro anos no IMERAB, onde cursou o antigo ginásio, descobriu em si mesma uma inclinação poética.

Já no curso Normal, em São Leopoldo, o convívio mais íntimo com colegas e religiosas e a distância dos pais a fazem continuar escrevendo poesia.

Não refreia o sentimento, mas sente amadurecer os versos. Ao questionar sobre a possibilidade de um dia transformar em livro o que escrevia, sentiu aumentar a responsabilidade. Preferiu assumi-la, ainda que lhe faltasse, na época, o suficiente conhecimento e apoio.

De volta a Ijuí, ingressa na FIDENE e cursa Letras na FAFI. Mais uma vez os importantes e oportunos encontros, com o jornalista Jefferson Barros e o contista Deonísio da Silva.

Sobre "*Retalhos Vivos*", a autora diz estar ali o seu "Eu". Pouco mais que isso. Os enfoques que deram corpo à sua poesia fruíram do sentimento e até do romantismo que alimentava. Admite que num segundo livro, no qual já começa a pensar, conseguirá retratar o que não pode agora ser feito: os percalços, a fome, a marginalização e a pressão do poder em termos econômicos. Sua fala é simples, mas objetiva. Sem sonhos, quer contribuir para que todos, crianças e adultos, aumentem seu gosto pela leitura. Nas escolas onde leciona (CEAP e Barreiro), literatura é assunto obrigatório. "Amanhã o brasileiro saberá muito mais do que nós e nossos pais", acentua Ciça, "porque darão o valor que o livro merece".

Enquanto vai recebendo cumprimentos pelo lançamento de seu livro, ela está mais preocupada em ouvir pessoas, saber o que cada uma sentiu ao encontrar seus versos. O pai de Cecília, antes contrário a idéia de que ela editasse um livro, hoje é encontrado na sua residência, no Salto, depois das lides na lavoura, a manusear um



Cecília Rorato, a "Ciça".

exemplar. A obra continua a venda nas livrarias de Ijuí, depois de exposta nas Feiras de Livros da cidade e de Panambi.

Capa do jornalista Moisés Mendes, do *Correio Serrano*, e impressão da Empresa Jornalística Ulrich Low S.A.

## SUGESTÕES DE LEITURA

**RELATO DE UM NÁUFRAGO** — Gabriel Garcia Marquez, 134 páginas. Nas livrarias de Ijuí.

O relato é de um naufrago que esteve dez dias à deriva numa balsa, sem comer nem beber, que foi proclamado herói da pátria, beijado pelas rainhas da beleza, enriquecido pela publicidade, e logo abandonado pelo governo e esquecido para sempre.

É a história de um drama da vida real, publicada em série no diário bogotano "El Espectador", pelo jornalista e também um dos mais significativos representantes da literatura latino-americana: Gabriel Garcia Marquez.

Em 28 de fevereiro de 1955 teve-se conhecimento de que oito membros da tripulação de um destróier da Marinha da Colômbia haviam caído à água e desaparecido durante uma tormenta no Mar do Caribe. Apenas um deles sobreviveu: Luiz Alejandro Velasco. Depois de dez dias foi encontrado semimorto numa praia deserta do norte da Colômbia.

Velasco foi praticamente sequestrado pelas autoridades e colocado num hospital naval, impedido de dar entrevistas a

jornalistas que não eram do regime. A Colômbia, nesta época, estava sob a ditadura folclórica de Gustavo Rojas Pinilla.

Depois de receber inúmeras homenagens e até se enriquecido pela publicidade (o sapato que Velasco calçava quando naufragou era de marca tal, e assim por diante), resolveu contar a verdadeira história. Procurou espontaneamente Gabriel Garcia Marquez na redação do jornal e quis saber quanto a direção lhe pagava para ele dizer a verdadeira história. Tudo acertado, Garcia Marquez ouviu a verdade: o destróier levava uma carga de contrabando e tendo adernado por força dos ventos no mar agitado a carga soltou-se e arrastou para o mar os oito marinheiros.

Esta revelação converteu-se, imediatamente, em denúncia política. O país foi tomado de grande alvoroço que custou a glória e a carreira do naufrago e valeu o exílio para Gabriel Garcia Marquez, além do fechamento do jornal.

**APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL**

— Poesia, Mário Quintana, 163 páginas. Nas livrarias de Ijuí.

Este é o último livro lan-

çado pelo poeta gaúcho Mário Quintana. São poesias reunidas, com a mesma força e ritmo que vêm dos seus primeiros livros.

Com os apontamentos, Mário Quintana faz uma revisão geral nas suas poesias, com muitas inéditas. O estilo é sempre o mesmo: simples, vibrante e comunicativo.

Aqui o poeta apresenta os mesmos objetos do cotidiano: as estrelas, os telhados das casas, as tabuletas, as vitrinas, um cão perdido no meio da rua. Com estes elementos simples, Mário Quintana faz uma poesia que se equipara com a dos melhores poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes.

Não se pode deixar de ler os poemas de Mário Quintana. É uma boa sugestão para uma leitura.

**O ESTRANHO AMANTE DA PESCADORA DE PEIXE CORNETA**: Ficção, Aor Ribeiro, 78 páginas. Nas livrarias de Ijuí.

"A literatura de Aor Ribeiro têm raízes populares profundas, mas o autor, não raras vezes, alcança vãos altíssimos, chegando bem perto da genialidade", diria certa vez o escritor Érico Veríssimo.

Agora com o seu recente livro "O estranho Amante da pescadora de peixe corneta" ou a "Pomba branca que se perdeu no azul", Aor Ribeiro alcança

um desses vãos.

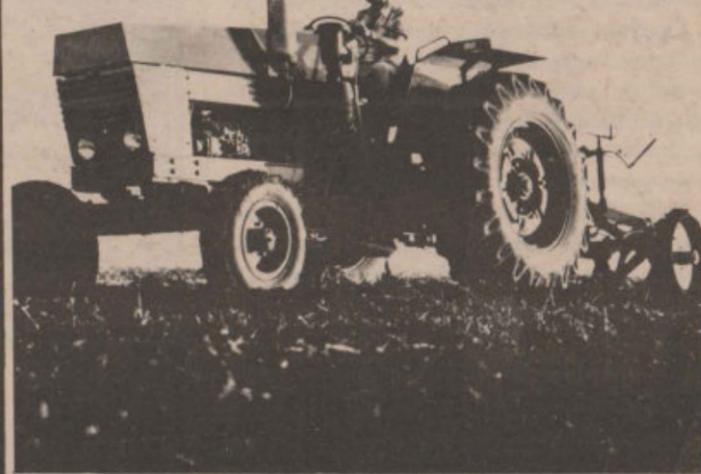
É uma história que reúne fantasias, expressões poéticas, elementos de narrativa científica, reportagens e crônicas, tudo isso num clima de aventura.

Aor Ribeiro já publicou livros de crônicas, ensaios e de reportagens históricas. Está para lançar mais dois volumes: um de crônicas e outro de reportagens.

**Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.**

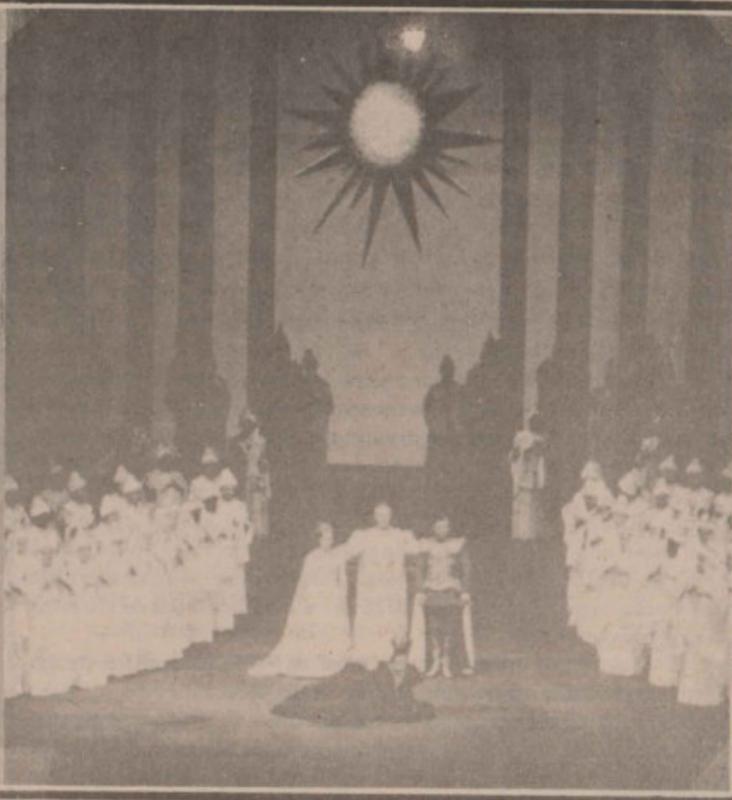
**Olha só ele aí.**

Depois de depositar na Apesul o lucro certo, seu Faustino que o diga, com os lucros já deu prá comprar um trator novo.



**Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.**

**Caderneta APESUL de Poupança**  
Rua de Comércio, 219 - Ijuí



## OS GRUPOS CORAIS DO MUNICÍPIO DE IJUI

Homenagem programada em alusão ao 5º aniversário do Coral Municipal de Ijuí, reuniu no Centro Evangélico a 17 de junho, um total de dez corais religiosos do município. Ao final da programação, o Coral homenageado encerrou com chave de ouro a magnífica noitada, interpretando três números de seu vasto repertório, para os frenéticos aplausos do grande público presente.

Foram os seguintes os corais apresentados, pela ordem a seguir: Coral Feminino da Igreja Evangélica, sob a regência de Martha Becker. Apresentou o salmo "Grande é o Senhor" e cantatas de Carl Maria von Weber. Coral da Missão da Cruz. Regente, Doris Kieslich: cantos sacros. Coral da Igreja Batista Salém, regente, Ana Ogoronik e Coral "Canção do Sol", da Juventude

Evangélica, regente Egon Dietterle, ambos apresentando cantos sacros.

O Coral Franz Schubert, regido por Frederico Matz, começou interpretando música feita especialmente em homenagem ao Coral Municipal de Ijuí, letra do próprio regente Frederico Matz, com música de G. Gastoldi. O Conjunto Feminino da Igreja Adventista, sob a regência de Ingrid Ott; Conjunto Maranata da Assembléia de Deus, regente Eunice Jacira Freideck; Coral da Igreja Batista, regente Werner Geier e Conjunto Agape, da Igreja Batista, também regido por Werner Geier, todos eles apresentando repertórios sacros. Ao final conforme o Coral Municipal de Ijuí interpretou dois números folclóricos: João Carreteiro e Bolinha de Cambará e Aleluia, de Handel. O público não regateou aplausos aos corais participantes, provando que tem sensibilidade suficiente para sentir a beleza sonora do canto-coral.

As origens do canto-coral perdem-se na mais remota antiguidade. Talvez tenha surgido quando o homem murmurou o primeiro sopro vocal articulado. Mas firmou-se artisticamente na

Idade Média, quando os senhores e os padres aliaram-se para render maior glória a Deus. Não havia Ducado que prezasse a real expressão desse nome que não possuísse a sua orquestra, geralmente de Câmara, e seu grupo coral. Todos os grandes compositores da época compuseram música coral. Aliás, o próprio poder discricionário da igreja medieval impedia a divulgação da música de natureza profana.

Bach e Haendel parecem ser os expoentes da música coral, suas cantatas são divinamente harmoniosas e alegres, mesmo dentro da metrificação tonal religiosa. Seus salmos, motetes, antifonas, oratórios, concertos e sonatas, são todas harmônicamente perfeitas e singularmente belas. Dai porque são eternas. E não há público, mesmo que destituído de qualquer educação musical, que consiga ficar indiferente a mensagem coral quando bem expressada.

Foi o que se ouviu na noite de 17 de junho em Ijuí. Não de todos os coros, infelizmente. Mas vários deles e principalmente o Coro Municipal de Ijuí, que foi homenageado, estão já bem gabaritados.

## POESIA

### TUA NOITE DE NASCER

Sara CORROGOSKY

Tempos atrás estampamos neste espaço o bonito e filosófico poema otimista de Menotti Del Picchia, intitulado Lição de Humano Otimismo. Agora voltamos com mensagem semelhante no poema A Tua Noite de Nascer, de autoria da poetisa pelotense Sara Corrogosky (M. Luna), atualmente residindo em Israel, na cidade de Beer Sheva. A Tua Noite de Nascer faz parte de seu livro "A Fonte das Águas Dançantes", editado pela Champagnat, de Porto Alegre, pouco antes da viagem da autora para o Oriente Médio.

Vejamos o poema:

Amigo!  
É preciso crer que o Amor  
anda por toda a parte,  
onde quer que estejam  
tuas vontades.  
O mundo está em ti.  
O chão foi feito para os teus pés,  
nunca para os teus olhos.  
Não permitas que ventos  
velozes  
varram,  
de tua mocidade,  
a alegria que existe  
naqueles que são felizes!  
Olha! As flores vibram,  
as crianças brincam,

poesia se derrama . . .

Há festas de luzes nas calçadas  
e as árvores esperam primaveras . . .  
Já não caminha, pela Terra,  
a solidão que não é tua  
porque é dos que nasceram  
sem querer nascer,  
é dos que morreram  
sem ter nascido . . .  
Há outra Vida dentro da tua vida!  
Haverá descrenças quando não quiseres crer.  
A escolha é tua.  
Deixa que a natureza seja o riso  
em teus lábios.  
Olha em volta de ti  
e fica, apenas alguns minutos  
a sós,  
neste parto deste outro nascer!

## CIGARRO: A HIDRA ACUMULA O VENENO

O radialista e professor Tulio Amaral, de Porto Alegre, escreve indignado para o COTRIJORNAL e anexa recorte de artigo de uma publicação empresarial do Rio de Janeiro, que mostra a nova estratégia a ser seguida pelos fabricantes de cigarro e seus porta-vozes de "merchandising", para envenenar cada vez mais os fumantes sem deixar vestígios do crime.

Diz a publicação carioca que entre as agências de publicidade não está havendo maiores preocupações diante da possível aprovação pela Câmara Federal do projeto-de-lei que proíbe a propaganda do fumo e das bebidas alcoólicas nos veículos de radiodifusão, entre às 18 e 22 horas. Embora o projeto do deputado Florim Coutinho (MDB-RJ), já aprovado pela Comissão de Justiça, atinja duas das mais importantes verbas de publicidade do País. Só a Companhia de Cigarros Souza Cruz nome brasileiro da "American Tobacco Corporation", gastou em 1976 cerca de 65 milhões de cruzeiros em propaganda.

O que mais revoltou nosso leitor de Porto Alegre é o esquema que fabricantes e publicitários estão adotando para manter a faixa de fumantes em crescimento. Nos últimos tempos, os cigarros passaram a ser os maiores patrocinadores de competições esportivas, em vários países capitalistas. No Brasil, por exemplo, uma certa marca patrocina um campeonato amador de futebol. Outra estratégia, chamado propaganda subliminar, é fazer os artistas principais fumarem em cena, na televisão. Nesse caso, para maior efeito de impacto na mente da juventude, a propaganda não é especificamente de marca, mas do cigarro em geral. Tarcisio Meira, Francisco Cuoco, Glória Menezes ou Sandra Bréa fumando, é sem dúvida um sugestivo convite para qualquer adolescente fazer o mesmo. Tem razão o amigo Tulio Amaral. Conforme artigo que publicamos tempos atrás, no COTRIJORNAL e que foi transcrito por cerca de dez jornais do País, a Nação está em perigo. Urge salvá-la da calamidade do fumo. O caso agora da nova estratégia que vem sendo seguida por fabricantes e publicitários, frente a mocidade brasileira, lembra a hidra mutilada que voltava com as cabeças renascidas e com veneno renovado, para atacar suas vítimas. (R.Q.)

## CAMPANHA CONTRA O FUMO

A Secretaria da Saúde destinou mais de 500 mil cruzeiros para alimentar a campanha desencadeada contra o fumo pela Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS) lembrando que desde 1975 vem o Governo do Estado difundindo conselhos e advertências contra aquele vício. O termo aditivo a contrato já existente, entre a Secretaria estadual e a AMRIGS, foi assinado pelo secretário Jair Soares e pelo dr. Harri Valdir Graeff, presidente da entidade de classe dos médicos rio-grandenses.

O titular da pasta da Saúde recordou, na ocasião, que recentemente foi confirmada nos Estados Unidos a morte de 50 mil pessoas, vítimas do câncer pulmonar, dadas ao vício do fumo. Por outro lado reduz a vida dos fumantes, em média de 8 anos para quem consome mais de duas cartelas por dia e de 4 anos para quem fuma um maço de cigarro por dia. A próxima etapa da AMRIGS é fazer com que as cartelas de cigarro tragam a clara advertência de que o fumo é prejudicial à saúde.

## RENOVADA VIGÊNCIA DO PLANO DE SAÚDE COTRIJUI/UNIMED

Foi renovada por mais um ano a vigência do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI/UNIMED, objetivando continuidade na assistência aos produtores da cooperativa, nas áreas médica e hospitalar. Atualmente, o plano dá cobertura a 15 mil beneficiários, entre associados e seus dependentes, na área de ação da COTRIJUI. Os que ainda não são beneficiários do plano poderão se inscrever junto as unidades operacionais da COTRIJUI, se assim o desejarem. Já os que quiserem desligar-se, deixando de ser beneficiário, deverão comunicar esta decisão, por escrito, à cooperativa.

O Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI/UNIMED continuará dando cobertura nas consultas, exames especializados, Raio-X, tratamentos clínicos, cirurgias, partos, serviços odontológicos, seguro de vida em grupo e acidentes pessoais. O que mudou em relação ao primeiro ano de vigência do plano, foi a taxa de participação do associado nos serviços, obedecendo a classificação por letra, que é a seguinte: para assistência médica - letra A, Cr\$ 15,00; letra B, Cr\$ 30,00 e letra C, Cr\$ 60,00. Para serviços odontológicos, associados classificados com letras A e B, Cr\$ 10,00 e letra C, Cr\$ 20,00 por atendimento. O custo do plano sofreu majoração, na proporção do número de dependentes do beneficiado.

# LEITE MATERNO, MUITO MAIS QUE UM ALIMENTO

*Inúmeros são os trabalhos e as publicações que se tem feito sobre o leite materno, determinando cientificamente o seu valor nutritivo e o papel protetor que confere ao organismo infantil contra as infecções, comparando-o aos demais leites que são usados para substituí-lo; de vaca e seus derivados comerciais, de cabra, de soja, etc.*

*Não bastasse o bom senso a nos indicar que o leite humano é o melhor para nossos filhos, pois é óbvio que cada um produz e alimenta o seu filho com o leite que lhe é específico, ainda vêm esses magníficos trabalhos a nos provar as enormes vantagens que o leite materno apresenta, e que são:*

*Apresenta, em equilíbrio, proteínas, hidratos de carbono, gordura e sais minerais, sendo que o leite de vaca integral possui concentrações maiores de proteínas, gorduras e sais minerais e menor de açúcar; embora existam leites em pó modificados para corrigir essas diferenças e aproximá-lo do humano, a fábrica original ainda continua sendo a vaca.*

*Confere à criança imunidade contra as infecções, bastando dizer que crianças de favela, que se alimentam exclusivamente de leite materno, excepcionalmente contraem gastroenterite. Além de defender das infecções intestinais, protege também contra as infecções respiratórias, otites médias e algumas evidências sugerem que protege ainda o recém nascido contra septicemia e meningite. Um anticorpo chamado "Ig A" encontra-se em alta concentração no leite humano e ele dá uma proteção antimicrobiana, localmente, no próprio revestimento (mucosa) do aparelho gastrointestinal, dificultando a invasão de agentes infecciosos; contém ainda células (neutrófilos e macrófagos), que combatem diretamente os micróbios e substâncias, tais como a lisosima e a lactoferrina, em concentra-*

*ções maiores, que auxiliam na luta contra os germes. Para completar, ainda propicia o desenvolvimento de uma flora intestinal ideal, que muito contribui na eliminação de certos germes intestinais.*

*Propicia o crescimento correto, evitando a obesidade e outros desvios na nutrição. O dr. Maismith, da Escola Queen Elizabeth, de Londres - em estudo clínico em 1975 - mostrou que a amamentação era o complemento do ciclo da maternidade, e que terminá-lo com mamadeiras levava, invariavelmente, à obesidade tanto a mãe como a criança.*

*A superioridade quanto à higiene é indiscutível, pois aplica-se integralmente o dizer direto do produtor ao consumidor, sem intermediários - eliminando-se, assim, a ordenha, a manipulação, o transporte e a estocagem, que favorecem a contaminação.*

*A psico-afetividade atinge o ponto de plenitude na amamentação, quando mãe e filho se unem através do alimento, doado com intenso carinho por aquela, e recebido por esse no calor, envolvimento e aconchego do colo materno, transmitindo-lhe segurança e intenso amor.*

*Por esses motivos, não podemos deixar que a comodidade, o medo infundado de riscos para a estética, a inexperiência do 1º filho e, sobretudo, a oferta fácil de leites em pó comerciais façam, logo nos primeiros dias, que se troque o natural pelo artificial.*

*Para isso também concorrem os próprios berçários que, com a melhor das intenções, no cartão de alta já indicam um leite em pó usado na falta do materno; quase sempre, em se tratando do 1º filho, a mãe achará que o seu leite é insuficiente e completará com o leite indicado, e dentro em pouco a criança estará alimentando-se exclusivamente com esse leite.*

## A PREVENÇÃO DAS DOENÇAS

Prevenir sempre foi, e continua sendo, melhor do que curar. Hoje em dia, porém, o conceito de prevenção está bastante ampliado. O cuidado com a saúde é visto como um processo contínuo, progressivo e abrangente; quer dizer, ainda que exista doença, nós podemos fazer a prevenção - podemos impedir que a doença se agrave, se cronifique.

Baseado neste conceito é que foram estabelecidos níveis de prevenção para a doença. Estes níveis são cinco.

No primeiro nível, estamos trabalhando com a população sadia. Procuramos, mediante medidas educativas, higiênicas, dietéticas fazer a promoção da saúde.

A Secretaria da Saúde realiza as tarefas de promoção da saúde de diferentes maneiras. No que se refere a saneamento: a Secretaria executa, em colaboração com as Prefeituras Municipais um programa - PRO-SAN - que visa especificamente o saneamento a nível de comunidade, complementando assim a atuação de outros órgãos que operam no setor.

No que se refere a higiene, duas atividades devem ser destacadas: em primeiro lugar, o controle de alimentos, visando evitar as perigosas doenças que são veiculadas pelos mesmos, de etiologia microbiana (salmonelas, estafilococos) ou por contaminação com produtos tóxicos.

Na promoção da saúde, duas outras medidas são importantes: a fluoretação das águas - que promove a saúde oral, impedindo a cárie - e a educação em saúde. A primeira é realizada pela Secretaria da Saúde através do fornecimento de fluor às hidrâulicas. A educação em saúde, um processo que visa conscientizar a pessoa para a adoção de comportamentos adequados para com sua própria higiene, é posta em prática

pela Secretaria, entre outras maneiras, através do Acordo SEC-Saúde, pelo qual os alunos das escolas de 1º grau participam em atividade da Secretaria - por exemplo, nas campanhas de vacinação.

No segundo nível, estaremos lidando com a proteção específica contra determinadas doenças. O melhor exemplo são as vacinas. As vacinas utilizadas pela Secretaria são práticas, seguras e conferem um elevado grau de proteção à pessoa.

A Secretaria dispõe de vacinas contra a varíola, sarampo, paralisia infantil, tétano, difteria, coqueluche, tuberculose (BCG intradérmico) rubéola, doença meningocócica, raiva, febre tifóide, gripe. Estas vacinas são aplicadas sob forma de campanhas verticais, ou então através da rotina das Unidades Sanitárias.

No terceiro nível de prevenção, já não visamos unicamente a população sadia. Estamos aí interessados em detectar precocemente a doença e instituir o tratamento o mais rápido possível.

Na Secretaria da Saúde fazemos isto de várias maneiras. Se estamos atendendo um caso de tuberculose, nós vamos buscar as pessoas que convivem com os doentes - os comunicantes - e os examinamos, a fim de verificar se são portadores da doença; o que pode ser verificado por um exame tão simples quanto é o exame de escarro. Assim também procedemos quando examinamos escolares, buscando doenças cardíacas; ou a população em geral, em busca de casos de hipertensão arterial ainda não diagnosticada.

Medida de maior importância é o exame periódico da gestante - clínico e laboratorial. Desta maneira, podemos encontrar precocemente os problemas que, na gravidez, prejudicam a mãe e o feto.

Quando concedemos a car-

teira sanitária a uma pessoa que vai trabalhar com alimentos, por exemplo, também estamos procurando fazer um diagnóstico precoce - não só em benefício desta pessoa, como do público que ela atenderá. Nas mãos desta pessoa poderá haver ferimentos infectados que depois contaminariam refeições.

Para todas estas situações nós não prevemos só o diagnóstico precoce - prevemos também o tratamento ambulatorial e hospitalar, se necessário. Não teria sentido revelar a uma pessoa que ela está doente, se depois ela não terá meios para se tratar. Este é um princípio básico da Saúde Pública, que nós seguimos à risca.

O quarto nível diz respeito àquelas situações em que a doença se faz evidentemente presente. Nossa tarefa aí é impedir a progressão da mesma, e, se possível, a cura. Dizemos "se possível" porque, infelizmente, nem todas as doenças têm cura; ou então curam deixando defetos graves, cuja reabilitação é objetivo de nosso quinto nível de prevenção. Daí a ênfase que a Secretaria coloca nos primeiros níveis de prevenção, onde as medidas são relativamente fáceis de tomar, pouco dispendiosas, e não exigem recursos humanos nem materiais sofisticados. O melhor exemplo é o da paralisia infantil, que pode ser evitada pela vacina Sabin - uma vacina que é dada por via oral, não tem contra-indicações, não causa reações, e que é eficiente em praticamente 100% dos casos. No entanto, a paralisia infantil, uma vez instalada, não tem tratamento; a paralisia é praticamente inevitável, e exigirá depois longos e penosos anos de tratamento fisioterápico. Não há dúvida, portanto: prevenir é melhor do que remediar. (Um conselho da Secretaria da Saúde do RGS).

# ADEQUAÇÃO DA AGRICULTURA

Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup> Renato Borges de MEDEIROS



Os trigais cobrem o Planalto Riograndense. O governo e a pesquisa se inclinam perante esta nova realidade. As cooperativas experimentam um crescimento jamais esperado. É a euforia de uma lavoura em franco desenvolvimento. A soja entra e se firma como lavoura estável e produtiva. É a sucessão trigo e soja que se completa. O trigo, pela garantia da compra estatal e a soja, pelos altos preços no mercado internacional. É a passagem de 1971 para 1972. O entusiasmo, a euforia.

Para a grande maioria o movimento cooperativista estava atingindo a plenitude de seus objetivos. O agricultor associado teria ao seu alcance toda assistência para explorar as novas culturas com alta tecnologia e segurança. Outros, entretanto, sabiam que este modelo agrícola não poderia ser o único. Sabiam que ele jamais poderia ser ajustado a todos os tipos de propriedades da região, face a ampla variação da disponibilidade de seus fatores produtivos, principalmente terra e mão-de-obra. Pela mesma razão sabiam também que a fronteira agrícola só poderia ser atingida através de uma agricultura diversificada e altamente dinâmica.

Para reforçar as idéias daqueles que acenavam a diversificação, o binômio trigo/soja começou a evidenciar a sua instabilidade.

O trigo pelas suas sucessivas frustrações nos anos de 1975 e 76; o soja pela dependência do mercado internacional, ora em alta, ora em baixa.

O momento é de reflexão. A alta valorização da cultura da soja, embora de resultados imediatos altamente benéficos, deve ser amplamente analisada. É necessário que se tenha o senso de superar os ganhos extremamente atrativos e se reflexione sobre as lições que a agricultura brasileira mostra ao longo de sua história. A corrida para os cultivos de alto retorno não deve pôr em risco a agricultura diversificada — a produção de alimentos essenciais.

No atual modelo agrícola do Planalto, o grande produtor, mesmo sujeito aos riscos de produtividade e preços, consegue uma combinação de fatores que

lhe garantem uma situação bastante estável, graças à extensão da área cultivada. Este modelo tem lhe permitido, além de reinvestir na propriedade, deslocar recursos para outros setores de atividade. Entretanto, com o pequeno produtor, a situação é bastante diferente. Este, para continuar com o atual modelo de produção, deve utilizar toda a área disponível e empregar toda espécie de insumo, a fim de aumentar os rendimentos ao máximo. Todo este esforço é dirigido para produzir dois produtos que pouco ou quase nada significam a nível de sua propriedade, ou seja, ele deve vendê-los para obter recursos para viver e reinvestir no estabelecimento.

Felizmente, reconhecendo esta problemática, o movimento cooperativista, aliado ao governo, começou a apontar as alternativas. O primeiro grande passo foi a criação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL). Fala-se também na reativação da suinocultura. E mais recentemente entrou em fase de discussão a produção de frutas e hortaliças. Possivelmente centrais de recebimento e comercialização venham a ser

criadas para que estas alternativas possam se tornar viáveis a nível da pequena propriedade.

Com relação à grande propriedade onde as lavouras deverão cada vez mais se firmarem, já vem sendo preconizado o engorde de bovinos. Isto porque este sistema de exploração baseado exclusivamente no arado deve ser substituído por um sistema misto, onde o solo passe por uma fase de pastagem que servirá para alimentar o gado da exploração. Este sistema assume maior significado se considerarmos que a pastagem se constitui no fator mais importante na formação dos solos férteis. E mais do que isso, é essencial na recuperação dos solos desgastados por cultivos sucessivos. Isto é essencial face a topografia e o regime de chuvas que ocorrem na região do Planalto.

Os dados de pesquisa mostram que as raízes das pastagens, ao se fixarem no solo, incorporam matéria orgânica, reduzem a erosão e melhoram a estrutura física. Muitas experiências mostram que não deve ser rompido o equilíbrio entre a fase agrícola e

a fase animal, pois elas se completam. Também deve ser considerado que terras com pastagens e povoados de animais se constituem em reservas que o homem pode recorrer quando a pressão demográfica exigir. Esta é a principal razão que levou o governo norte-americano a federalizar mais de 300 milhões de hectares, o equivalente a 1/3 do seu território total.

É extremamente importante que o movimento cooperativista continue criando novas alternativas para a agricultura do Planalto. O milho, o feijão, o leite, a carne, as frutas e as verduras também são importantes. O cooperativismo já sabe disto e procura motivar os seus associados. Muita coisa já se encontra encaminhada e isto é extremamente desejável, porque define melhor as aspirações de um povo. A soja e o trigo também serão vencedores, porque estarão integrados a um processo dinâmico onde a agro-indústria terá um papel decisivo. A região, como um todo, terá uma agricultura estável e produtiva, na qual a inquietação do risco e da instabilidade terá pouco significado.

**O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.**

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. **UNIÃO**  
de Seguros Gerais



85 anos de Segurança  
Matriz: Porto Alegre  
Empresa do Grupo Banrisul

# PERDAS DE SOJA NA COLHEITA

A perda de soja na lavoura, por ocasião da colheita, é um assunto que vem merecendo destaque nos órgãos de divulgação técnica, e deve ser uma preocupação dos produtores. Para que o associado possa ter uma noção das perdas ocorridas na última safra, em

nossa região, o pessoal técnico da COTRIJUI Santo Augusto, efetuou um levantamento de perdas, através de contagem de sementes e/ou plantas nascidas por metro quadrado, após a colheita.

Foram feitas contagens em 12 lavouras, envolvendo as

seguintes variedades: Bragg, Prata, IAS-4, Bossier, Hardee, Pérola e IAS-1. Considerou-se lavouras colhidas com equipamento comum e outras com barras flexíveis acopladas à colheitadeira. Os resultados são apresentados na tabela nº 1 e permitem as seguintes conclu-

COLHEITA	VARIEDADE	PERDAS NA COLHEITA				
		SEM/M <sup>2</sup>	PESO 100 SEM. KG/HA	SACOS/HA	VALOR Cr\$	
COM BARRA FLEXÍVEL	BRAGG	90	16,0 g	144	2,40	480,00
	PRATA	62	12,5 g	78	1,30	260,00
	IAS-4	105	19,5 g	205	3,42	684,00
SEM BARRA FLEXÍVEL	BRAGG I	95	16,0 g	152	2,53	506,00
	II	125	16,0 g	200	3,33	666,00
SEM BARRA FLEXÍVEL	I	169	19,5 g	330	5,50	1.100,00
	IAS-4 II	75	19,5 g	146	2,43	486,00
	III	131	19,5 g	255	4,25	850,00
	BOSSIER	66	14,5 g	96	1,60	320,00
	HARDEE	103	14,5 g	149	2,48	496,00
	PÉROLA	157	14,0 g	219,8	3,66	732,00
	IAS-1	186	16,0 g	297,6	4,96	992,00

Considerado o valor de Cr\$ 200,00 por saco de 60 kg.

sões: a) as perdas em nº de sementes por metro quadrado, variam de 62 (variedade Prata) e 186 (variedade IAS-1) sementes; b) as perdas em kg/ha variaram de 78 (variedade Prata) e 330 (variedade IAS-4) kg/ha. c) as maiores perdas em kg/ha não corresponderam às maiores perdas em sementes/m<sup>2</sup>, devido à variação do tamanho das sementes, como mostra a tabela anexa. Assim, a maior perda em sementes/m<sup>2</sup> coube à variedade IAS-1 (100 sementes pesam 16 g) enquanto que, em kg/ha, coube à variedade IAS-4 (100 sementes pesam 19,5 g). d) na colheita com equipamento comum, a perda média foi de 123 sementes/m<sup>2</sup>, enquanto que, na colheita com "barra flexível", foi de apenas 85,7 sementes/m<sup>2</sup>. Conclui-se que o uso de "barra flexível" diminuiu em 30,3% as perdas de colheita. e) na variedade IAS-4, as perdas na colheita com equipamento comum foram de 244 kg/ha, enquanto que na

colheita com barra flexível foram de apenas 205 kg/ha (médias das lavouras consideradas). f) as perdas variaram de 1,3 (var. Prata) a 5,5 (var. IAS-4) sacos por hectare, correspondendo a Cr\$ 260,00 e Cr\$ 1.100,00 por hectare, se considerarmos o preço de Cr\$ 200,00 por saco de 60 kg.

Para um levantamento mais exato, seria necessário um maior número de repetições por variedade. De qualquer modo, percebe-se a importância que representam as perdas de colheita. O produtor que perdeu 5,5 sacos por hectare perdeu Cr\$ 110.000,00 em 100 hectares de sua lavoura.

No sentido de orientar o agricultor na regulação de sua colheitadeira, a secretaria da Agricultura do RGS publicou um folheto intitulado EVITE PERDAS NA COLHEITA, do qual foi extraído o quadro anexo.

DPTO. TÉCNICO - STO' AUGUSTO

## OCORRÊNCIA DE DEFEITOS, CAUSAS E CORREÇÕES

OCORRÊNCIA	CAUSA	CORREÇÃO
<b>FUNCIONAMENTO REGULAR DO CILINDRO</b>		
Trilha irregular ou sobrecarga do cilindro	A correia plana patina	Esticar a correia plana
	Alimentação excessiva do cilindro	Reduzir a velocidade de marcha
	Pouca separação entre cilindro e côncavo.	Aumentar a separação entre cilindro e côncavo
	O motor não gira à sua rotação correta	Revisar a bomba injetora. Regular a rotação do motor.
Cachos ou vagens não trilhadas	Velocidade do cilindro muito lenta para o grão trilhado	Regular a rotação do cilindro no variador ou trocando as engrenagens, mas nunca a rotação do motor.
	A cultura não está em condições de ser colhida	Comprovar o grau de umidade do grão. Esperar que o produto esteja bem maduro.
Grande quantidade de grãos partidos no tanque graneleiro	Velocidade do cilindro muito lenta	Aumentar a velocidade do cilindro. Cuidar para que o grão não se quebre: nunca altere a rotação do motor.
	Muita folga entre cilindro e côncavo	Reduzir a folga
	Alimentação irregular do cilindro	Comprovar se a barra de corte funciona corretamente
O cereal trilhado se acumula sobre o saca-palhas e sai irregularmente do saca-palhas	Excesso de velocidade no cilindro para o grão que se está trilhando	Reduzir a velocidade do cilindro ou aumentar a folga entre cilindro e côncavo
	O elevador da retrilha leva grande quantidade de grãos ao cilindro	Aumentar a abertura da peneira inferior
	O volume de plantas que entra no cilindro é insuficiente	Aumentar a velocidade de marcha
Perda de grão pelo saca-palhas	Pouca folga entre cilindros e Côncavo	Aumentar a folga entre cilindro e côncavo
	Correia frouxa	Tensionar a correia
	Velocidade da máquina muito lenta	Comprovar a velocidade do batedor. Se for necessário, esticar a correia plana ou aumentar a rotação do motor
Perda de grão pelas peneiras	Volume excessivo da palha no saca-palhas	Reduzir a velocidade de marcha e diminuir o número de levantes
	Pouco volume de palha no saca-palhas. O grão é jogado fora da máquina pelo cilindro.	Colocar a segunda lona, logo atrás do batedor
	Abertura do saca-palhas obstruídos	Limpar bem os saca-palhas
<b>FUNCIONAMENTO IRREGULAR DO SISTEMA DE LIMPEZA</b>		
Muita palha ou impureza no tanque graneleiro	Corrente de ar do ventilador insuficiente	Abrir mais entradas de ar no ventilador.
	A corrente de ar não é dirigida corretamente sobre as peneiras	Acertar a direção da corrente de ar, por meio dos defletores
	Abertura excessiva das peneiras	Reduzir a abertura das peneiras
	Curso insuficiente das peneiras	Comprovar se a velocidade do batedor está correta
Muita palha (talos) ou grãos na retrilha, com possíveis embuchamentos	Volume excessivo de palha miúda sobre as peneiras	Aumentar a vazão de ar do ventilador e aumentar a abertura das peneiras
	Corrente de ar muito forte ou mal regulada	Reduzir a vazão de ar do ventilador e ajustar os defletores
	Pouca abertura na peneira superior. Muita palha miúda	Aumentar a abertura da peneira superior Aumentar a folga entre cilindro e côncavo e reduzir a velocidade de marcha
Muita palha (talos) ou grãos na retrilha, com possíveis embuchamentos	A extensão da peneira muito levantada ou muito aberta	Baixar a extensão e reduzir a sua abertura
	Pouca abertura das peneiras	Aumentar a abertura das peneiras
	Corrente de ar muito forte	Reduzir a abertura do ventilador
Muita palha miúda	Corrente de ar muito forte	Aumentar a separação entre cilindro e côncavo ou reduzir a velocidade do cilindro.
	Muita palha miúda	Aumentar a separação entre cilindro e côncavo ou reduzir a velocidade do cilindro.

HIPERGRAN

### APRESENTA A SUA SUPERPRODUÇÃO

Aqui, a verdade provada: HIPERGRAN é superprodução na soja. É menor custo de adubação por hectare. É mais dinheiro por safra. É lucro certo na mão. Fale com quem usa HIPERGRAN e compare o dinheiro gasto na adubação, com o resultado na boca da colheitadeira. Converse com o representante CRA de sua região e veja os argumentos dele, provados e comprovados. Seja um campeão na produção de Soja.

COM HIPERGRAN A TERRA É BOA. HIPERGRAN É CRA.

companhia riograndense de adubos



OTILIMAR E ODIR DOS SANTOS - Caturpe - Área total - 320 ha - 25 ha de soja, variedade Prata Adubação - 220 kg/ha de HIPERGRAN 3-23-15\* Produção - 39 sacos (2340 kg/ha) Safra 76/77  
\* HIPERGRAN 3-23-15 corresponde ao produto Hipergran 33015 Reg. Ministério da Agricultura R\$ 1307  
Garantia - N: 2%, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> sol. ácido c/100% 2% 1.100, 22%, K<sub>2</sub>O sol. em água: 15% e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> sol. em água: 10%

## AS INVASORAS DO TRIGO

Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup> Rivaldo Albino DHEIN

Em muitas lavouras de trigo do Rio Grande do Sul, vem se constatando o aparecimento de certa invasora que até a bem pouco tempo era desconhecida ou ignorada pelos triticultores. Hoje está assumindo proporção tão grande capaz de prejudicar o rendimento da cultura. Trata-se do Polygonum convolvulus (cipó-veado ou enredadeira).

Com o uso de herbicidas para controle de invasores principalmente de folhas largas, como nabiça, mostarda, erva-de-bicho, tem surgido problemas com algumas espécies, como o "Cipó-Veado" que apresenta uma certa resistência a ação destes herbicidas.

Esta invasora possui o hábito de enrolar-se nas plantas de trigo, possibilitando a mesma competir com a cultura, em nutrientes, água, espaço vital e luz, chegando em certos casos

cobri-la completamente.

Sabemos também que estas invasoras apresentam um sistema radicular mais rústico e desenvolvido e consomem, conforme literatura, duas vezes mais nitrogênio, quatro vezes mais potássio e água que a cultura.

A concorrência dos inços é responsável pela perda de até 20% dos fertilizantes destinados a planta cultivada. Implicando fatalmente no rendimento, qualidade e valor comercial do produto.

Está havendo também um grande problema na produção de sementes com a insidência cada vez maior destas invasoras, dificultando a produção de semente de boa qualidade. Mas os órgãos de pesquisas estão se preocupando com o assunto e já alcançaram resultados satisfatórios com o emprego combinado de herbicidas

pós-emergentes.

O controle químico das invasoras de folhas largas é o método mais usado em todo o Estado por ser o mais prático, eficiente e de menor custo.

Os herbicidas indicados para o controle das invasoras na cultura do trigo são compostos orgânicos pertencentes ao grupo dos Fenoxiácidos.

### NOME COMERCIAL E TÉCNICO

U 46 D Fluid 720	Sal Dimetilamina de ácido
U 46 Ester 480	Ester Isoo-filico de ácido
U 46 Combi - Fluid - ácido 2,4 - D + MCPA	Ácido 2,4 D+ MCPA
Bi - Hedonal	Ácido 2,4 D+ MCPA
Herbamina 720	2,4 - D
Esteron 44	Ácido 2,4 - D
Esteron tem-tem	Ácido 2,4 - D

Weedone LV-4 Ácido 2,4 - D

Dicamba + 2,4 - D (amina) Apresentam-se sob a forma de esteres e aminas.

Quando a unidade ambiental for elevada ou na iminência de chuvas (em região onde chove muito), sempre usar esteres, cuja absorção é mais rápida.

As formulações amínicas são mais solúveis em água e de absorção foliar mais lenta recomenda-se para regiões onde a precipitação pluviométrica é menor. Não é recomendável aplicar, quando a superfície do solo estiver acima de 25° C.

Não pulverizar nas horas de intensa luminosidade solar e também quando há ventos. Escolher as primeiras horas da manhã ou à tardinha. Para um bom controle é necessário boa umidade do solo, que fornece melhor absorção e translocação do herbicida nas plantas invasoras.

### DOSES E ÉPOCAS DE APLICAÇÃO:

A dose a ser usada varia de 0,8 a 1,5 litros por hectare, dependendo do percentual de infestação dos inços e da concentração de 2,4 -D em ácido

livre que o produto comercial possui.

Diluir o produto em água na quantidade suficiente para a uniforme cobertura de área a ser tratada como média 200 litros de água por hectare.

Os bicos tipo leque 8003 e 8004 são os mais usados para pulverização com herbicidas.

A época indicada para a aplicação do controle químico vai desde que o trigo tenha 3 a 4 folhas até o início do emborachamento. O tratamento será de pós-emergência e a aplicação deverá ser feita em torno dos 30 a 40 dias após a germinação do trigo.

### PRECAUÇÕES:

Conservar as embalagens bem fechadas e em lugar seco, afastados de alimentos, sementes, inseticidas, fungicidas e adubos. A principal preocupação é a leitura atenta das instruções impressas no rótulo das embalagens.

Qualquer informação os associados poderão se dirigir ao Departamento Técnico da COTRIJUI, onde receberão todos os esclarecimentos necessários sobre o assunto.

Santo Augusto (RS), 30 de junho de 1977.

# AUMENTAR O CULTIVO DO FEIJÃO

O Brasil retém 81,3% do total da produção da América do Sul, 47% do Continente Americano e 22,9% do total mundial, colocando-se portanto como líder mundial na produção de feijão. O nosso país igualmente se apresenta como o maior consumidor mundial por ano e por pessoa, com cerca de 30 kg em média. Segundo o IBGE (1971), o Estado do Rio Grande do Sul é o terceiro produtor do país com 245.031 toneladas, com um rendimento médio de 950 kg/ha.

**Clima** — O feijão, como as demais culturas, depende de condições climáticas favoráveis para o perfeito desenvolvimento. A ocorrência de altas temperaturas, associada a baixa umidade relativa do ar, por exemplo, determina a queda de suas flores. Elevadas temperaturas influem desfavoravelmente à fixação das vagens. Entretanto, o fator água tem importância muito mais incisiva do que elevadas temperaturas. Quando a umidade do solo está próxima à capacidade de campo, ou do ponto de murcharamento, a fixação de vagens é pequena em virtude da cultura ser também bastante sensível ao excesso de água. Ventos e geadas também podem prejudicar bastante a cultura do feijoeiro.

A temperatura média de

21° C durante o ciclo regativo é o ideal, não devendo ultrapassar os 23,9° C. Precisa ser evitada a deficiência de umidade da semente à maturação. A maioria dos cultivares é indiferente ao fotoperiodismo, podendo ser plantadas em diferentes regiões do país.

**Época de sementeira** — Ensaios conduzidos pelo IPEAS indicam sementeiras de agosto a setembro. Em locais frios a sementeira deve ser feita a partir de 15 de agosto, devido o peri-

odo da ocorrência de geadas.

**Densidade de sementeira** — Quando manual, a distância entre linhas será de 30 a 50 cm e com 20 cm entre covas, com duas sementes por cova. Quando mecanizada, a distância entre linhas pode ser a mesma do plantio manual; na linha usar 12 sementes por metro.

Obs: Estas indicações são para sementes com 100% de poder germinativo. Peça ao armazém de semente a recomendação de densidade de plantio.

### CULTIVARES

Cultivar	Cor da Flor	Cor das vagens maduras	Cor da Semente	Hábito de crescimento	Ciclo
Rico 23	Violeta	Amarelo palha	preta	determinado	90/110 dias
Cuva 168 N	Violeta	Roxa	preta	determinado	90/110 dias
IAS - 3 Tambó	Violeta	Amarelo c/mancha roxo-escuro	preta	determinado	—
IAS - 4 Tayhiú	Branca	Rosa claro	rosada	Indeterminada	—
Maquiné	Violeta	Amarelo palha	preta	determinado	105/110 dias

**Correção e adubação:** — Conforme análise do solo. O feijão, como as demais leguminosas exige a utilização do calcário, não somente para elevar o pH como também e principalmente para reduzir ou eliminar a acidez do solo. Como as bactérias específicas do feijão possuem baixa capacidade em fixar nitrogênio, recomenda-se uma adubação em cobertura deste elemento, 30 dias após a sementeira.

Em experimentos do

IPEAS alcançaram boas produções com 60 kg de nitrogênio (N) por hectare, uma parte ao semear e o restante 30 dias após.

**Controle de Doenças do feijoeiro** — As doenças constituem uma das principais causas da baixa produtividade das lavouras. Portanto, se faz necessária a aplicação de fungicidas. Para maiores informações, os agricultores devem procurar o Departamento Técnico mais próximo.

## MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na sementeira de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

# TESTE DE CARCAÇAS DE NOVILHOS

Como parte da programação que este ano está assinalando a passagem dos 20 anos de fundação da COTRIJUI, a cooperativa realizará no período de 6 a 15 de outubro próximo, o Primeiro Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul. Para a promoção, a cooperativa está buscando apoio junto a Secretaria da Agricultura, e reivindicando a oficialização do certame por parte do Ministério da Agricultura. Segundo o engenheiro agrônomo Ruben I. da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI, este teste contará com a participação dos criadores da região de Dom Pedrito e representações de mais 10 ou 12 municípios.

## OBJETIVOS DO CONCURSO

Ao estabelecer o regulamento do Primeiro Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, a direção, juntamente com a chefia do Departamento Técnico da COTRIJUI, justificam a iniciativa pautadas em três objetivos principais:

apoiar os esforços que vem sendo desenvolvidos pelos poderes públicos e pela classe pecuarista no sentido de racionalizar e ativar a pecuária bovina de corte; obter subsídios para levar aos produtores uma segura e adequada orientação no que tange ao melhor tipo zootécnico de novilho a produzir e, finalmente, respaldar os produtores de novilho precoce no sentido de que a comercialização futura de carne se processe sob normas que indiquem sua qualidade e tipo, assegurando sua específica valorização.

Ao informar as autoridades governamentais da área agropecuária, a direção da COTRIJUI disse que a prova ainda possibilitará subsídios para ulteriores estudos de tipificação de carnes, devendo concorrer cerca de 100 animais.

## QUEM VAI PARTICIPAR DO CONCURSO

Todos os produtores interessados poderão participar do teste, devendo ser dada prioridade

àqueles engajados na recria e terminação de novilhos, nos moldes do programa oficial da Feira do Terneiro Riograndense. A seleção a campo dos animais que serão abatidos no concurso de outubro já está em andamento. Médicos veterinários da cooperativa estão individualizando os terneiros, através da colocação de brincos. Quanto a terminação, porém, esta continuará seguindo os modelos de produção do próprio criador inscrito.

Ao idealizar o Primeiro Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, a COTRIJUI reafirma o espírito de uma integração mais efetiva entre a região serrana que passaria a se dedicar a terminação dos terneiros, e a zona de campanha, tradicionalmente dedicada a criação de gado, e para onde os animais retornariam para abate.

Com exceção da seleção a campo, as demais etapas do concurso desenvolver-se-ão na unidade operacional da COTRIJUI em Dom Pedrito, dependendo do antigo IPECÉ.

# UNISINOS ENSINA COOPERATIVISMO

A Universidade do Vale do Rio Dos Sinos dá início a 29 deste mês um Concurso de Especialização Superior em Cooperativismo. É o CES-COOP II, a nível de pós graduação.

As disciplinas do curso são: história e doutrina cooperativista, comunicação e educação rural e cooperativa, sociologia da cooperação, co-

mercialização cooperativa, agro-indústria cooperativa — teoria e prática, direito e legislação cooperativa, ética social, administração cooperativa, empresas de auto-gestão, estudos de problemas brasileiros, problemas cooperativos especiais e trabalho de conclusão. As matrículas podem ser feitas até o próximo dia 29, dia de início do cur-

so, através de cartas ou telegramas.

Os professores são: Walmor Franke, Eugênio Giovenardi, Rafael Carbonele de Masy, Edgar Irio Simm, Ivo Schneider, Roque Lauschner, Emiliano Limberger, Aloysio Bohnen, José Odelso Schneider, Vergúlio Perius, Vicente Domingos Vial e Matias Martinho Lenz.

## PLANO DE REUNIÕES A SER EXECUTADO EM CORONEL BICACO, PELO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO, DEPARTAMENTO TÉCNICO E SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS.

LOCAL	DATA	HORÁRIO
VILA DINIZ	26/07/77	19,30 horas
CANHADA FUNDA	27/07/77	19,30 horas
PORTÃO VELHO	30/07/77	14,00 horas
SITIO LUTZ	31/07/77	9,00 horas
SITIO BREZOLIN	03/08/77	19,30 horas
VILA SALLETE	06/08/77	14,00 horas
ESQ. PEDRO PAULO — TURVINHO	07/08/77	9,00 horas
ESQUINA APARECIDA	10/08/77	19,30 horas
SITIO LANGNER — REDENTORA	13/08/77	14,00 horas
VISTA ALEGRE — REDENTORA	14/08/77	9,00 horas

## Use Adubos Trevo.

Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

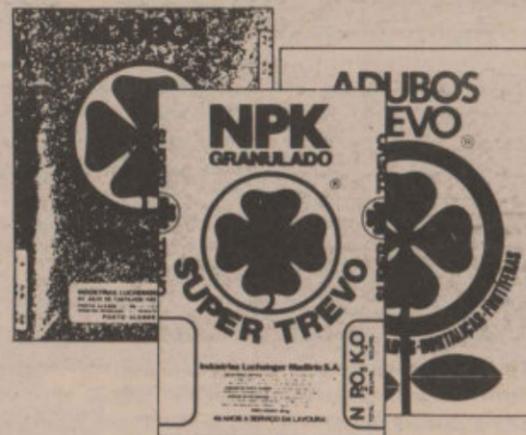
numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

**ADUBOS TREVO**

Indústrias Luchsinger MacDorin S.A.  
Av. Júlio de Castilhos, 435  
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



# AVIAÇÃO AGRÍCOLA E SEUS PROBLEMAS

Néstor Diaz QUIJANO

Nascida há mais de 50 anos, a aviação agrícola no mundo passou por uma série de etapas. No seu início foram uns poucos pioneiros com visão no futuro e grande amor pela aviação, que vencendo os obstáculos, com equipes improvisadas, efetuaram os primeiros tratamentos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o alto preço dos materiais estratégicos, como o algodão, deu forte impulso ao controle de pragas com aviões. Mais tarde, ao fim do conflito mundial, com a grande quantidade de pilotos e aviões que restaram da guerra criou-se uma frota de aviões adaptados para pulverizar, que embora não reunissem as condições hoje consideradas imprescindíveis, eram de baixo preço.

Na década de 50, o primeiro avião agrícola desenhado especificamente para essa função, nasceu pelos esforços de pesquisadores e alunos do "Texas College Station", nos Estados Unidos. Pouco a pouco começaram a surgir, especialmente desenhados por fábricas de prestígio, toda uma gama de aviões que povoam os céus dos países de agricultura técnica.

Nos primeiros quarenta anos de vida, a aviação agrícola progrediu nos aviões, mas as equipes eram basicamente as terrestres, apenas montadas em um "trator" que voava. O grande progresso nas equipes apareceu no ano de 1964, em Michigan, quando se usou pela primeira vez o ultra baixo volume.

A crise energética, o controle do meio ambiente, a inflação e o perigo da fome no mundo, levaram a muitos pesquisadores a investigar para tentar obter o máximo rendimento da aviação agrícola. A poderosa Associação de Aeroaplicadores dos Estados Unidos, que aglutina os proprietários de mais de 6.000 aviões agrícolas, conseguiu sensibilizar o governo americano para que destinasse verbas suficientes para que a instituição de maior prestígio tecnológico e com os melhores recursos humanos (NASA), associado com o departamento de agricultura do mesmo país e a comissão de controle do meio

ambiente, realizassem, em conjunto, o programa de pesquisa para o desenvolvimento da aviação agrícola.

Devemos esperar de tão poderosa associação de recursos humanos e tecnológicos um rápido crescimento de "know-how" que nos leve a solucionar os diversos problemas existentes. No Brasil, a COTRIJUI foi a cooperativa pioneira e deu seu apoio ao controle de pragas com aviões, assim como é pioneira em tantos outros empreendimentos. No começo, sofrendo a voracidade de comerciantes sem escrúpulos ou com falta de conhecimentos, mas sempre acreditando no futuro.

Em 1972, quando um ataque violento de pulgão demonstrou a fraqueza dos esquemas montados, começou a evoluir a idéia de uma aviação própria, visando, sem egoísmos, a solução dos problemas em benefício dos agricultores.

Ao fim de 1975, começou a operar a Aero Agrícola Cotrijuí Ltda com quatro aviões, dois Ipanemas Embraer 201 e dois Grumman Agcat. Os dois últimos aviões, com equipes desenvolvidas por nós na Guatemala, equipados para vôo noturno, com controle de tamanho e velocidade de impacto de gota, com controle de viscosidade, demonstraram uma alta eficiência no controle de pragas usando dosagens reduzidas.

Durante a primeira safra, a direção da Aero Agrícola Cotrijuí Ltda decidiu não operar com os Ipanemas até que fosse executada uma série de modificações nos aviões e equipes, que os colocaram à altura dos aviões trazidos da América Central. Para a safra de trigo de 1976 já estava em operação o primeiro Ipanema modificado, que rapidamente ganhou o apelido de "jatinho", pois superou em produção, por hora, aos prestigiados Grumman. Esse Ipanema modificado operou nas últimas duas safras, acumulando 400 horas de vôo entre pulverizações, testes e translados, efetuando mais de 45.000 hectares.

Recebemos a colaboração graciosa da fábrica Micronair

da Inglaterra, que efetuou várias modificações na sua equipe, a pedido nosso, para aprimorar a qualidade do trabalho e obter melhor distribuição dos produtos. Hoje, está já operando com uma redução de 33% das doses normais recomendadas.

Os trabalhos de aprimoramento de equipes ainda não estão terminados. A dificuldade principal com a qual se depara, e a pouca flexibilidade da legislação brasileira que não permite fazer alterações nas equipes dos aviões sem a correspondente homologação da CTA, a qual encarece e

desestimula qualquer tentativa de modificação. Para dar uma idéia dos problemas basta assinalar que um dos aviões adquiridos há mais de um ano e meio, só tem 25 horas de vôo, incluindo translados de fábrica e vôo de testes.

Da firma Agrinautics dos E.E.U.U., recebemos uma equipe de alto volume, com capacidade de até 200 litros por hectare. Já está instalado e testado, mas, em que pese a urgente necessidade de utilização para fungicidas, só tem licença provisória para operar até o fim de julho. E se não conseguirmos sensibilizar as autoridades, corre o risco de permanecer interdito enquanto as doenças devoram nosso trigo.

Muitas dúvidas se levantaram, especialmente no seio das empresas concorrentes, que desconhecem a seriedade com que a Aero Agrícola Cotrijuí Ltda encarou as pesquisas para baixar os custos. Por sorte, nos chegaram informações dos Estados Unidos que a NASA chegou às mesmas con-

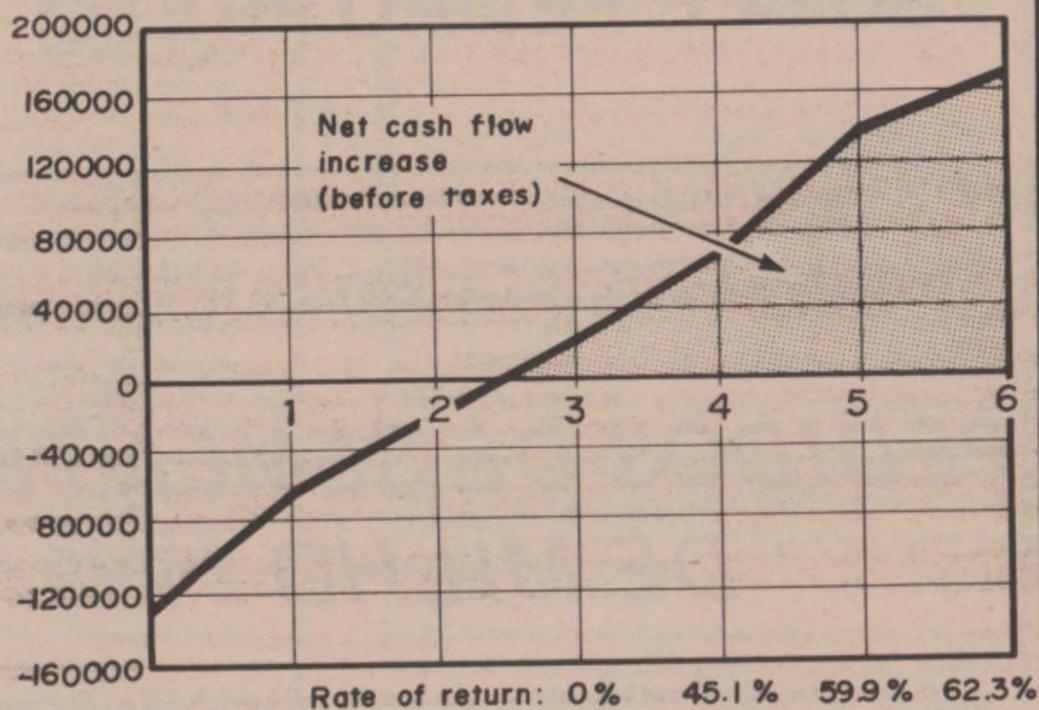
clusões que nós, com respeito as equipes. Essas conclusões obteve a NASA com a ajuda de um túnel aerodinâmico, coisa inexistente na América Latina. Talvez, em dois ou três anos, essas pesquisas cheguem em equipes importadas, que terão por conseguinte os "royalties" que deverão ser cobrados aos agricultores, porque "santo de casa não faz milagre".

Permito-me publicar uma fotocópia dos resultados obtidos por uma empresa americana, comparados com os da Aero Agrícola Cotrijuí Ltda. Pode-se ver que nossa produção é aproximadamente 500% maior e que as vantagens dessa produção maior se transferiram aos agricultores, ao cobrarmos só 1/3 do que foi pago por igual superfície pelo agricultor americano.

Não se pode transferir todo o excesso de produção, pois os custos são diferentes. Eles operam com gasolina a 2,40, equipamentos mais baratos e não têm problemas de importação de peças.

## Case study: Texas Rice Operation

	R1340 Ag-Cat	cotrijuí
No. of aircraft	3	3
A/C acquisition value	216,000	308,418
No. of acres/year	92,300	963
Total tach. hours/year	1345	
Gross revenue	257,390	
Pilots' salary: % gross rev.	20	



- Same job can be done with less aircraft in less hours for more profit

# LÍDERES DE NÚCLEOS ESTIVERAM REUNIDOS

Um encontro ao qual participaram mais de 100 líderes de núcleos da Cooperativa, foi realizado no último dia 6 de julho, na sede da Associação dos Funcionários da Cotrijui.

O encontro objetivou discutir assuntos relacionados com a Cooperativa, o Sindicato e os resultados já obtidos com as reuniões em cada núcleo.

No início da tarde, o presidente da Cotrijui, engr. Ruben Ilgenfritz da Silva, fez uma palestra para os participantes do encontro, que contou também com a participação do diretor comercial Alceu Carlos Hickem-

bick e do diretor de recursos humanos, Nelcy Rospide Nunes.

Sobre o setor de consumo da Cooperativa (Supermercados), o presidente adiantou, depois também acentuado pelo diretor comercial, que é uma intenção deste setor e que será discutida pelos associados, de eliminar os artigos de luxo e colocar a disposição os produtos de primeira necessidade, e sempre procurando manter os preços inferiores aos das casas comerciais.

Ao pedido de um associado que a Cooperativa apenas utilizasse a modalidade de preço médio, o presi-

dente Ruben da Silva disse que esta decisão cabe apenas ao associado. "Esse é um princípio que o próprio sistema cooperativo defende: a liberdade de ação".

Ruben Ilgenfritz da Silva também falou da necessidade do associado aumentar o seu capital na cooperativa, que mais tarde virá em benefício ao próprio associado, além de fazer uma previsão otimista do mercado da soja para este ano.

No final, fez duas indagações para os líderes dos núcleos: o associado está assustado com a evolução da Cotrijui? Está na hora de pararmos ou temos que ir em frente?

## CUIDADO COM OÍDIO DO TRIGO

O oídio ou cinza é uma moléstia que aparece, normalmente, aos 45 dias após o plantio do trigo. Esta moléstia se caracteriza por apresentar um mofo em forma de pó, de cor acinzentada, cobrindo a superfície das folhas. Aos primeiros sinais do seu aparecimento nas folhas inferiores, o produtor deverá comunicar ao Departamento Técnico para uma correta orientação.

## PLANTE PASTO ITALIANO

A COTRIJUI dispõe de semente de Pasto Italiano para entrega imediata. Os interessados podem entrar em contato diretamente com o Departamento Técnico ou pelos fones: 2066, 2866, 3177 e 3277.

### PEDIDO DE SEMENTES DE FORRAGEIRAS

Os associados podem fazer pedidos de semente das seguintes forrageiras:

Variedades	Densidade Kg/ha
Pasto Italiano	20
Feijão Miúdo	30
Panicum Gatton	6-8
Setária Kazungula	6-8
Pensacola	20
Rhodes Callid	10
Desmódio Intortum	2
Siratro	3
Alfafa Crioula	15

## PEDIDOS DE SEMENTE DE SOJA E FEIJÃO PRETO

O Departamento Técnico informa aos associados que está recebendo pedidos de reserva de semente de soja e feijão preto, em todas as unidades da Cooperativa.

As variedades de soja à disposição, são as seguintes: Bragg, Paraná, Prata, Bossier, Hampton, Hardee, Santa Rosa, Pérola, IAS - 1, IAS - 2, IAS - 4 e IAS - 5.

As variedades de feijão preto à disposição, são: Cuva nº 178, Rico 23, Tambó, Moquine e Cubano.

## PEDIDOS DE SEMENTE DE MILHO

A Cooperativa comunica a seus associados que está recebendo pedidos de reserva de semente de milho. Os pedidos poderão ser feitos no Departamento Técnico da unidade mais próxima.

A partir do dia 15 de julho esta semente já estará à disposição dos associados.

Quando você pensar em plantar não comece sem ter MANAH.

MANAH é lucro certo. É dev. aberto para quem planta. Maior qualidade. Maior produtividade. Vire e vá ganhar com MANAH.

Com MANAH adubando da



# A FEIRA DO TERNEIRO ALCANÇOU OBJETIVO

Os técnicos consideraram boa a média alcançada nas vendas da décima etapa da Quinta Feira do Terneiro Riograndense, realizada em Ijuí nos dias 9, 10 e 11 de junho último, constituindo-se a promoção numa das mais exitosas. Ainda que a presença de público não tenha alcançado a mesma expressão da feira de 1976, os números comprovaram a superação dos resultados para os criadores.

Dos 1.815 animais que deram entrada no Parque de Exposições "Assis Brasil", foram comercializados 1.540. Os não vendidos - explicaram os

promotores - não satisfizeram as exigências dos criadores, quer pela média de peso, fator raça ou outros.

O total das vendas atingiu a importância de Cr\$ . . . . 1.865.000,00, o que perfaz uma média de Cr\$ 1.211,45 por terneiro vendido. Junto aos números, outro fator de muita significação é que boa percentagem dos lotes arrematados ficou distribuída na região, consolidando-a como adequada para o preparo de animais destinados ao mercado do chamado novilho precoce.

Com a repetição da Feira do Terneiro em Ijuí, o Parque de Exposições "Assis Brasil" ganha tradição e deverá sediar em outubro uma Feira de Gado Leiteiro. Sua estrutura poderá a médio prazo receber melhoramentos, caso se concretize a idéia de promover feiras de suínos em Ijuí.



O bom tempo favoreceu o andamento dos remates, além de permitir que os compradores circulassem para melhor observar os lotes

# CARTÃO DE CRÉDITO NOS SUPERMERCADOS

A Cotrijui, além dos repasses para custos de lavouras, corretivos e implementos, mantém há longos anos, também um sistema de crédito aos associados para sua aquisição de bens de consumo familiar, com pagamentos nas liquidações das respectivas safras. É o mais conhecido "cartão de crédito".

Mas devido ao apreciável volume financeiro que este crédito envolve, vinha apenas sendo concedido através da loja da sede.

Agora, solucionada esta dificuldade, através do Centro de Processamento de Dados, o Conselho de Administração decidiu descentralizar a concessão do cartão de crédito a todas as unidades do

Departamento de Consumo (9 supermercados: Ijuí, Tenente Portela, Coronel Bicaco, Santo Augusto, Ajuricaba, Pinhal, Formigueiro, Rosário e Mauá; 6 lojas: São Gabriel, Tronqueiras, São Pedro, Linha 28 Norte, Linha 06 Norte e Santa Lúcia).

Receberão o crédito todos os associados que venham operando regularmente com a cooperativa e que estejam com sua situação financeira regular com a entidade e com o Banco do Brasil.

Os cartões de crédito estarão à disposição dos associados em cada unidade onde há escritório da Cotrijui, sendo, no entanto, facultado ao associado movimentar o seu cartão de crédito na unidade de sua preferência.

## O PH NA CULTURA DA SOJA

O menino Marcelo Duarte Mabilde Silveira, de 12 anos, aluno da 6ª série da Escola Cel. Pedro Osório, de Pelotas, foi o único concorrente do Rio Grande do Sul a ter trabalho selecionado para o XII Congresso de Jovens Cientistas, recentemente realizado na Cidade Universitária da USP, em São Paulo, com o patrocínio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

O certame admitia concorrentes de 12 a 19 anos e Marcelo participou com um trabalho experimental sob o título "A influência do pH na cultura da soja". Além de ter apresentado o trabalho em plenário, foi, também, entrevistado por um programa de televisão de âmbito nacional. O jovem, demonstrando essa precocidade para a agricultura, passa a ser candidato à Faculdade Eliseu Maciel.

TERRAS ou APLICAÇÃO EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL?  
VOCÊ SABE POR QUE APLICAR EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL É O MELHOR NEGÓCIO?

CREFISUL



- 1 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, rendem juros e correção monetária PRÉ-FIXADA a partir do primeiro dia de sua aplicação.
- 2 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL podem ser resgatadas em qualquer época, sem prejuízo dos juros e da correção monetária pré-fixada.
- 3 - Para aplicar em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, você não precisa esperar por datas ou por trimestres, nem para aplicar e nem tão pouco para resgatar seu investimento.
- 4 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, lhe proporcionam uma renda espetacular, são extremamente seguras, e o que é muito importante, você resgata na hora em que quiser.

ISSO NÃO É UMA BOA?

Então, enquanto você espera para comprar a terra de seus sonhos, não permita que o seu dinheiro diminua, aplique-o logo, em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL e viva despreocupado.

CREFISUL S/A. Crédito, Financiamento e Investimentos - Rua XV de Novembro, 481, na sobre-loja, junto ao escritório de contabilidade de WALDEMO NOLL - IJUÍ - RS, Fones: 2604 e 2879.

# OS 5 ANOS DO CORAL MUNICIPAL DE IJUÍ

Geralmente trajando preto, um vistoso crucifixo exposto, o andar rápido e vigoroso, a palavra fácil e inflamada expressando o argumento música: é o maestro Alcides Verza, regente do Coral Municipal de Ijuí, do Coral dos Funcionários da Indústria Abramo Eberle, de Caxias do Sul; Madrigal Municipal, Orfeão do Colégio Madre Imilda, Coral Pedancino e Coral "Canarinhos do Carmo", todos de Caxias do Sul e todos igualmente fundados por ele. E como se ainda fosse pouco, Alcides Verza é titular da cadeira de canto coral na Faculdade Musical Palestrina, de Porto Alegre.

De como arranja tempo e disposição para atender tantas atribuições em três municípios diferentes e tão distantes entre si, ele responde que o fundamental é gostar do que faz — e ele confessa adorar a música. Quanto ao mais, diz ser uma questão de disciplina e bom ordenamento do tempo.

A vida de Alcides Verza esteve sempre conectada com a música. Seminarista em Veranópolis (ele é nascido em Vacaria), primeiro no conhecido Seminário Vila Flores e depois na ex-cidade de Alfredo Chaves, foi organista na banda do Seminário. Ali organizou o primeiro coral dos muitos que no futuro iria fundar. Foi um coral de quatro vozes.

Foi quando teve como mestre de música e canto coral o padre Adenor João Terra — Frei Marcial — formado em música no Rio de Janeiro. Falando com muito carinho de Frei Marcial, diz ser dessa época seus primeiros estudos de teoria musical, solfejo, harmonia e composição, com aquele que considera até hoje seu mais influente mestre. Paralelamente a esses estudos musicais, estudou instrumentação. De instrumentos de sopro, aprendeu flauta transversal, clarineta, bombardino, trombone e flautim. Em cordas aprendeu violão e de teclado órgão (harmônio).

Em 1971 veio para Ijuí, onde concluiu a Faculdade de

Filosofia da FIDENE. E aí — pode-se antecipar — começou a nascer o Coral Municipal de Ijuí.

Alcides Verza diz que ao chegar em Ijuí, constatou haver diversos grupos corais, isto é, de igreja, mas nenhum de natureza artística para estudo e interpretação de lírico, erudito ou também folclórico. Passou a batalhar por isso. Em março de 1972, por decreto do então prefeito Sady Strapazzon, foi criado o Coral Municipal. Alcides Verza, seu criador e regente até hoje, diz lembrar com saudade da noite de 28 de maio daquele ano, quando em espetáculo de gala programado e realizado na Sociedade Ginástica, o coral foi apresentado ao público ijuicense. Ele lembra que o salão principal da SOGI estava literalmente tomado por um público de elevado nível cultural. E os aplausos — resalta — foram imensos.

Apaixonado por Beethoven, no sinfônico e por Haendel, no coral; manifesta seu gosto e predileção por Verdi no operístico, talvez pela força de exteriorização revolucionária do autor da Aida, Riggoletto, O Trovador, A Traviata, Baile de Máscara, Otello, A Força do Destino, Falstaff, e outras.

Em 1974 foi lançado o primeiro disco — LP — do Coral. Gravação do Instituto Adventista ISAEC, de Porto Alegre. Sua linha melódica é basicamente de folclore internacional. O segundo LP é de 1976. Este traz uma programação entre o folclórico e o clássico, com vocalização inclusive de Beethoven (Ode à Alegria, sobre versos de Schiller) e a Alleluia, de Haendel. Sem dúvida, dois bonitos lançamentos do Coral Municipal de Ijuí, que apesar de novo — acaba de completar o 5º aniversário — já plasmou na trilha sonora por duas vezes a justificativa de sua criação.

O grupo à época da fundação e primeira apresentação pública na Sociedade Ginástica, era constituído pelos seguintes componentes: regente, Alcides Verza, Carmem Brandt, já fale-



O Coral no dia da estréia na Sociedade Ginástica, a 28 de maio de 1972.



O Coral como é constituído atualmente, durante uma de suas últimas apresentações.

cida; Ana Maria Sala, Liana Maria Arais Pydd, Regina Elisa Frantz, Maria de Lourdes Miron, Mônica Brandt, Nelly Woczniak, Alfredo Brandt, Alberto Brandt, Gilberto Camps Issler e Francisco Baldissera.

Passados cinco anos, é a seguinte a composição do Coral Municipal de Ijuí: regente, Alcides Verza; integrantes, Eliseu Beckmann, Luiz Carlos da Cruz, Levi e Eunice Hammarstron, Rosemarie Berger, Rui Kriesel,

Ana Maria Sala, Liana Maria Arais Pydd, Regina Elisa Frantz, Maria de Lourdes Miron, Mônica Brandt, Alfredo Brandt, Florêncio L. H. Berger, Gilberto Camps Issler e Francisco Baldissera.

## NO LAMAÇAL DA RS-155 O DESAFIO

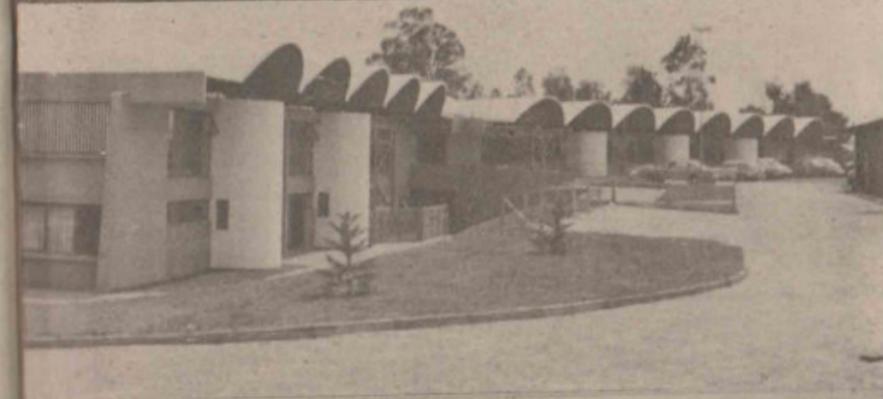
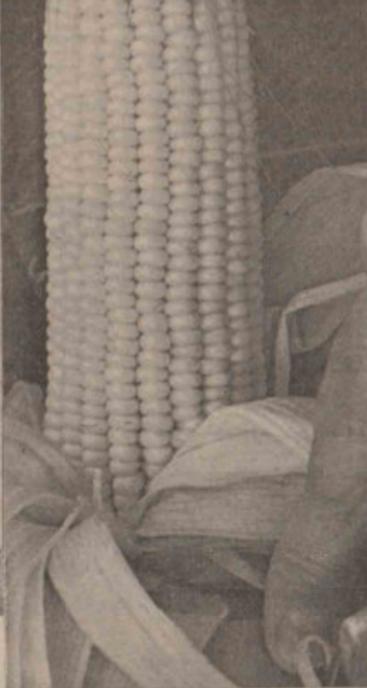
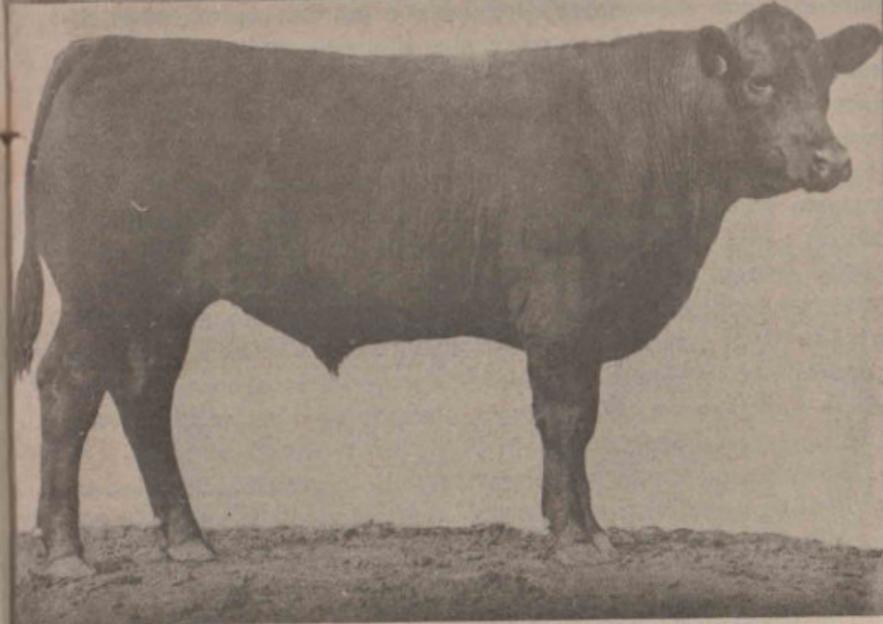
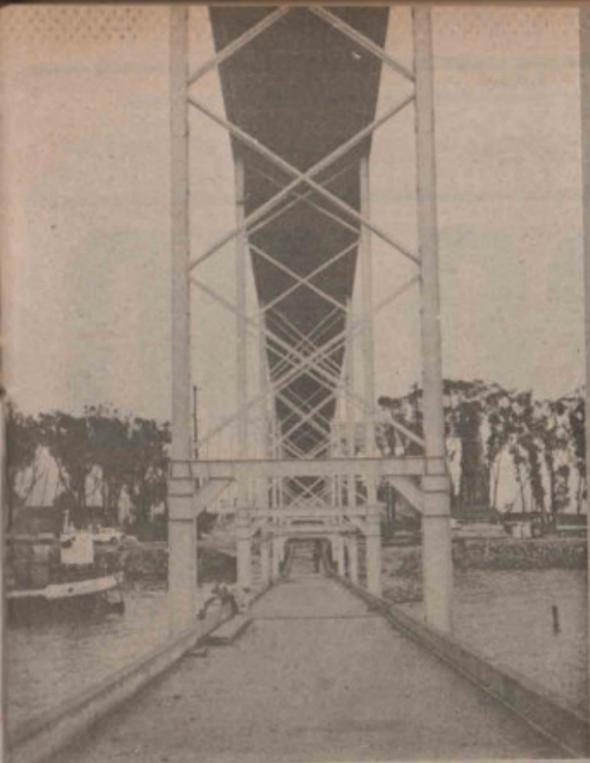
Fatos novos justificam um enfoque em torno da estrada Ijuí-Três Passos, como é o caso da construção de uma ponte sobre o rio Ijuí, e a suspensão de outra já existente na passagem do rio Noque. No entanto, a gravidade de alguns fatos mais recentes, nos leva a renovar a preocupação das classes produtoras da região a ser servida pela RS-155, quanto a continuidade — ou não — das obras de pavimentação. A menos que propositadamente, acreditemos que ninguém de sã consciência ignora as aflições e prejuízos porque têm passado nos últimos meses os caminhoneiros que fazem uso dessa estrada, transportando riquezas.

Há menos de um mês, centenas de caminhões ficaram impossibilitados de prosseguir viagem, tendo em vista as chuvas que tomaram a estrada — cujo traçado é de vital importância — intransitável. A este quadro veio se somar as dificuldades enfrentadas pelos srs. diretores do

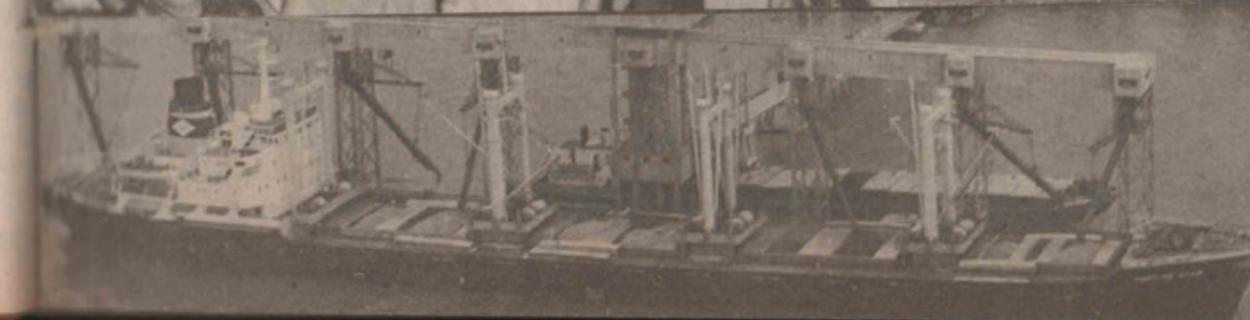
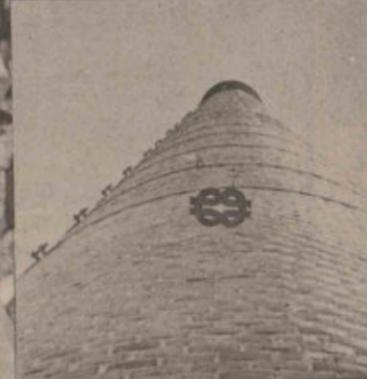
DNER — Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e do DAER — Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem. Juntamente com seus assessores, cumpriam o trajeto cidade de Ijuí-Hotel Balneário Fonte Ijuí, numa caravana de veículos, quando alguns deles atolaram. Não confiamos muito nas chamadas "ironias do destino", isso porque as autoridades representativas dos órgãos rodoviários do Governo aqui se encontravam a cumprir relevante missão. A verdade porém é que, no dia seguinte (29/06/77), ao regressarem do hotel para a cidade, os veículos voltaram a atolar. Vê-se pois que nem mesmo após uma noite de repouso em aprazível local, conseguiram os peritos rodoviários esquecer os problemas da estrada, ou segundo alguns, o problema: seu não asfaltamento conforme projeto que ainda sofre solução de continuidade. Só que no caso das autoridades, a intervenção de dois tratores foi suficiente para ajudar os veí-

culos a vencer o barro. Enquanto isso os caminhões, em número bastante expressivo e com cargas valiosíssimas, permanecem parados, a mercê das condições climatéricas. Para alguns, o fato de o DAER ter autorizado a construção de uma ponte, é sinal que as obras de asfaltamento terão reinício a curto ou médio prazo. Outros no entanto, vêem na medida um paliativo, por acreditar que seria mais urgente aplicar as verbas ainda disponíveis na pavimentação. As pontes viriam depois.

Quanto a nós, preferimos continuar dando crédito ao sr. Governador, como bem o demonstramos em cartas abertas dirigidas a Va. Exa. Porém, diante do aspecto sofrido das milhares de economias rurais que constituem a zona de produção servida pela rodovia, com reflexos negativos para o próprio Estado, somos levados a indagar: quando a sensibilidade governamental atingirá o ponto de dar prioridade ao asfaltamento da RS-155?



 **COTRIJORNAL**  
**COTRIJUI-20 ANOS**



# ERA NO TEMPO DO TRIGO PAPEL

Em âmbito nacional, o País vivia a euforia de Brasília. Juscelino Kubitschek de Oliveira, na Presidência da República, tinha os olhos voltados para o Planalto Central, para onde transportava tijolos por avião. E estes tijolos voadores foram usados na construção das primeiras olarias que se multiplicariam. Em seguida, máquinas poderosas cavaram o solo e do barro goiano produziu-se tanto tijolo que nem todos os aviões do mundo teriam capacidade para transportá-lo. E simultaneamente com Brasília — a Capital da Esperança — implantava-se a indústria automobilística e rasgavam-se estradas na planície ou na selva bruta, com destaque para a Belém-Brasília, obras que somente se justificavam pelo arrojo de um homem que sabia que era o momento do "agora ou nunca". E o País inteiro, mesmo que por vezes temeroso da audácia de seu Presidente, participava com seu trabalho produtivo e bebia a euforia do próprio crescimento.

Mas, enquanto Brasília nascia como que por encanto, do agreste do campo, engulindo bilhões de cruzeiros, a inflação crescia galopante. É um princípio tácito de economia política. Era preciso trabalhar; era preciso produzir para alimentar o apetite voraz, pantagruélico, dos tempos de Brasília.

O Rio Grande do Sul vivia a euforia do trigo. Contrariando Assis

Chateaubriand, que aconselhara os gaúchos a plantar capim e viver somente da criação de gado, pois "vão ganhar dinheiro com sobras até para importar francesas. . .", lavraram-se os campos e lançavam-se à terra preta a semente na esperança de colheitas fartas e generosas. Teve-se êxito, teve-se fracasso.

Era uma época de euforia, de esperanças, de expectativas. Médicos abandonavam consultórios; advogados, dentistas, engenheiros, vendiam os pertences e seguiam para o interior em busca de terras para comprar ou arrendar. O trigo estava na ordem do dia. O Banco do Brasil financiava, o Ministério da Agricultura estimulava. Os agrônomos não tinham mãos a medir. Aliás, não havia muita conscientização a respeito de pragas e fatores adversos à triticultura. Quando o pulgão atacou e a septoriose e a giberela começaram a fazer estragos, houve gente que tentou resolver a situação com rezas e benzeduras. . .

E paralelamente a esses azares cíclicos ou conjunturais, associou-se outro, porém de características humanas. O trigo papel, o passeio do trigo, que redundou nas estatísticas arrançadas, ocasionando graves prejuízos ao País e, de forma indireta, aos próprios tricultores. Estes, então, começaram a pensar em termos de união em torno do cooperativismo.

## AS PASSEATAS DO TRIGO

O resultado das safras era sempre uma incógnita. Além disso, para o produtor a vida era trabalhosa e difícil sempre. Quando a safra não compensava, havia-se com o Banco do Brasil. Foi o tempo das "passeatas do trigo", com centenas de colonos desfilar com suas máquinas e tratores pelas ruas principais das cidades, ameaçando entregá-las ao Banco do Brasil, principal credor.

O vocábulo, "moratória", esquecido desde a década de 30, quando foi largamente usado por Getúlio Vargas para salvar os fazendeiros às portas da falência, voltou a ser pronunciado com frequência. E para provar que o produtor enfrentava sempre os maiores problemas, atente-se para o fato que mesmo com a abundância das safras, ele não se livrava desses problemas. Ocorre

que não havia armazenagem disponível. Então o tricultor abarrotava a sua própria casa com o trigo, às igrejas, graças a condescendência dos padres e até as praças públicas das cidades recebiam o cereal, que ficava exposto ao tempo. É claro que se perdia muito trigo. E o produtor, sem ter onde conservar com segurança o produto, entregava aos moinhos a qualquer preço e muitas vezes para receber no futuro a dinheiro desvalorizado.

Era o drama do fraco, do desprotegido. E fraco e desprotegido porque era desunido. Os donos de moinhos, os empresários, tinham suas associações de classe, tinham o Centro das Indústrias, tinham até políticos influentes, deputados e senadores que defendiam seus interesses.

O agricultor falava em cooperativismo e che-



O trigo papel, as safras frustradas, as moratórias e as passeatas reivindicatórias dos agricultores. Quem lembra destes tempos difíceis que o cooperativismo venceu.

garam a ser criadas algumas; porém, a inexperiência de uns, a ganância imediatista e até a desonestidade de outros, prejudicou o movimento. Aliás, é im-

portante frisar, que ao empresário dos moinhos interessava sobremaneira a perpetuação da desunião entre os agricultores. Isolado, desunido, sem pers-

pectiva de crescimento sócio-econômico, é evidente que o tricultor continuaria atrelado eternamente aos interesses do dono do moinho.

# FEATRIGO É FUNDADA PARA CONGREGAR TRITICULTORES

A fundação da FEATRIGO – Federação das Associações dos Triticultores do Rio Grande do Sul, data de 27 de março de 1957; quatro meses antes da constituição da COTRIJUI. Quando da fundação da Federação, já se pensava, portanto, em organizar os triticultores em cooperativas, tendo em vista o sério problema da época: o trigo sem transporte, o que mais facilitava a atuação dos atravessadores, que pelas suas manobras acabavam ficando com a parte maior dos lucros das sa-

fras, em prejuízo direto da classe produtora.

Outro dado importante e que veio a ter influência direta na organização de cooperativas, foi a fixação do preço mínimo do trigo, pelo então ministro Mário Meneghetti, da Agricultura, no dia 28 de junho de 1957. O preço da saca foi estipulado em Cr\$ 400,00 (Quatrocentos cruzeiros), moeda da época.

O passo seguinte à criação da FEATRIGO foi a organização da COTRIN – Comissão de Organização

da Triticultura Nacional, órgão com abrangência em todo o território brasileiro, mas criado especificamente para solucionar a gerir os problemas, que envolviam produção, transporte e comercialização do trigo. Bem mais tarde, já existindo diversas cooperativas tritícolas, mistas e outras, viria a ser fundada a FECOTRIGO – Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja Ltda., com atuação hoje em âmbito nacional, contando com número superior a 60 federadas.



## UMA IDÉIA DE UNIÃO QUE AMADURECEU

Cansados de ser vítimas nas muitas manobras da época que envolviam os triticultores – trigo papel e outros artifícios dos aproveitadores da situação, os produtores passaram a tomar consciência da necessidade de fazer frente a tal situação. Por parte do Governo já havia a sugestão para que se unissem em entidades associativas para coibir os abusos e reivindicar, organizadamente. A Comissão de Organização da Triticultura Nacional – COTRIN, e o próprio Ministro da Agricultura da época, Mário Meneghetti, sugeriam a cooperação, a soma de forças como meio para fazer frente aos que fraudavam produtor e erário público.

A foto que ilustra esta página é anterior a assembléia de fundação da COTRIJUI. Nesse local, antiga Veterinária Helmers, se reuniam os triticultores da época: David José Martins, Francisco Rufino, Nilo A. Bonfanti, Helmuth Helmers, João Perondi, Humberto De Negri, Eugênio

Zimmermann, Luiz Fogliatto, Alceu Krug Ferreira, dentro outros. A organização, além de fornecer os produtos do ramo veterinário, vendia também adubo, constituindo-se assim em ponto de encontro dos plantadores de trigo. Diariamente, segundo Leo Miron, na época sócio da firma e hoje um dos diretores da COTRIJUI, esse grupo reunia-se na Casa Veterinária (hoje Loja de Calçados Naur) para discutir assuntos agrícolas, enquanto tomavam chimarrão. A idéia da união em forma de cooperativa foi tomando corpo até que chegaram a um denominador, que resultou na histórica assembléia de 20 de julho de 1957. O menino que aparece na foto é Volney Helmers, filho de Helmuth Helmers. Passados vinte anos, parte do grupo ainda se reencontra. Junto a comprovação de que da idéia surgiram frutos, ficou a saudade dos tempos idos, e dos companheiros que partiram deste mundo, deixando com a obra que iniciaram, uma imensa saudade.

## O 1º JORNAL A CITAR A COTRIJUI

Na época, em Ijuí, existiam dois órgãos de comunicação social: a Rádio Reporter e o jornal Correio Serrano. Recorrendo aos arquivos deste último, fomos encontrar a seguinte notícia, à página 8 da edição do dia 24 de julho de 1957, ou seja, edição seguinte à da que circulou na data de criação da cooperativa:

“Solenemente fundada a Cooperativa Tritícola Serrana Ltda. Isto a título de manchete, vindo a seguir: “Depois de demorados e frutíferos estudos, foi solenemente fundada sábado último, conforme noticiamos, a Cooperativa Tritícola Serrana Ltda, entidade que congrega os plantadores de trigo de quatro importantes comunas”.

A notícia foi complementada pela publicação de dois ofícios da primeira diretoria da cooperativa, informando que a área de ação se constituiria inicialmente dos municípios de Ijuí (sede), Tres Passos, Tenente Portela e Crissiumal. Em outra correspondência, endereçada ao diretor do “Correio Serrano”, o presidente Nilo Bonfanti assim se expressava: “A Cooperativa Tritícola Serrana Ltda, constituiu-se com o objetivo de congrega os plantadores de trigo de nossa região, para promover a defesa de seus interesses econômicos, com a finalidade precípua de superar as dificuldades de comercialização da safra de trigo, que vem se avolumando de ano para

ano”. Como se tratava de um período de instalação, as notícias não se repetiram. Em outubro de 1957, na sua edição do dia 18, o Correio Serrano viria a fazer referência sobre o início da construção dos armazéns da cooperativa.

A partir de então, paulatinamente, a cobertura não mais de um, mas de muitos jornais, revistas, enfim, de todos os veículos de comunicação, foram crescendo sempre. Outros enfoques deste caderno especial sobre os 20 anos da COTRIJUI, tomaram por base pesquisas nos arquivos do jornal Correio Serrano, e Museu Antropológico “Diretor Augusto Pestana”.

# A SEMENTE QUE FOI LANÇADA NA ROCHA

Disse alguém, ao comentar os 20 anos de existência da COTRIJUI, que se consideramos apenas o tempo passado — não mais que duas décadas — veremos que não é muito. O que realmente faz aumentar a significação desses anos todos é que houve um crescimento regional, como reflexo da atuação de homens unidos, cooperativistas convictos, até se chegar ao que é hoje a COTRIJUI. Não se faz necessário identificar aqui o mentor da idéia, senão que se trata, de um dos tantos produtores que venceu a luta que antes era na área do trigo, para se tornar mais complexa nos nossos dias, com o advento da cultura da soja e outros.

O que se afirma é que ele não trabalhou sozinho, à mercê da sorte. Foi um dos elos importantes para que em forma de cooperativa, a COTRIJUI lhe desse assistência. Por isso hoje, quando mais de 15 mil economias familiares sentem de perto a significação dos 20 anos da COTRIJUI em prol do bem comum, é impossível esquecer os nomes e até os semblantes dos pioneiros.

## A BOA CHUVA DE 20 DE JULHO

Para os que ainda recordam, a assembléia geral de fundação da Cooperativa Triticola Serrana Ltda, realizou-se sob chuva torrencial, o que impe-

diu que muitos agricultores comparecessem ao Clube Ijuí naquela tarde de sábado, 20 de julho de 1957. Mesmo assim, segundo registro em ata, a cooperativa contou com os seguintes sócios-fundadores: Granja Santa Cecilia, de propriedade dos srs. Luiz Fogliatto (já falecido), Nilo Antônio Francisco Bonfanti e Luiz Anselmo Bonfanti; Granja Amoreira, de propriedade dos srs. Rodolfo Franco, Ludwigh Mrozinski e João Itagiba Silveira; Granja Regina, de propriedade dos srs. Francisco Brasil da Câmara Rufino e Paulo Guimarães da Silva; Granja Nossa Senhora Aparecida, dos srs. Dr. Solon Gonçalves da Silva, Waldemar Padilha e Edwino Schroer; Empresa Tupi, de propriedade dos srs. Hilnon Guilherme Corrêa Leite e Arioaldo de Freitas Casanovas; Fazenda Olga, do sr. Alceu Ferreira; Cooperativa Mista dos Agropecuaristas Ltda, por seu representante autorizado, Artemio Corso; Cooperativa Mista Mauá Ltda, pelo sr. Reinholdo Luiz Kommers, mais os produtores David José Martins e Luiz Fogliatto, individualmente.

## A SEDE PROVISÓRIA E A primeira diretoria

É óbvio que, tão logo foi fundada, a cooperativa não dispunha de uma sede definitiva, que mesmo sendo própria ou alugada, comportasse os diversos departamentos em organi-



A foto é de 1958. Grupo de associados em frente a segunda sede da cooperativa, à rua Tiradentes nº 404. Consta que no dia havia faltado dinheiro para pagar o trigo. É uma foto histórica.

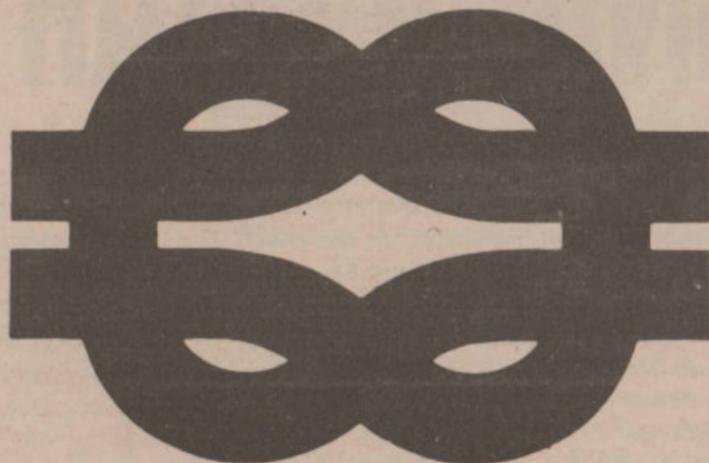
zação. Assim foi que, nos seus primeiros meses, ficou instalada provisoriamente no segundo piso do prédio nº 427 da rua do Comércio, em salas cedidas pelo tricultor Helmuth Helmers. No local está em construção moderno edifício que se constituirá em mais um hotel de categoria. No ano seguinte, já então em franco desenvolvimento e após a comercialização da safra triticola 57/58, a Cooperativa Triticola Serrana Ltda. se transferia para o pré-

dio onde hoje está estabelecido o Laboratório de Análises Clínicas Malmann, à rua Tiradentes nº 404. Ali permaneceria até 1962, mudando-se então para sede própria, à rua José Hickenbick nº 66/70, complexo até hoje da COTRIJUI e que abriga o Centro de Processamento de Dados e Assistência Social da Cooperativa.

Foram eleitos: Nilo Antônio Francisco Bonfanti, diretor-presidente; Rodolfo Franco, diretor-secretário e Léo

Miron, diretor-gerente contratado. Integraram o Conselho, eng. agr. Hilnon Guilherme Corrêa Leite, médico Solon Gonçalves da Silva, Reinholdo Luiz Kommers, Alceu Krug Ferreira, Luiz Fogliatto e Alberto Sabo. Para o Conselho Fiscal, foram escolhidos Beno Orlando Burmann, Francisco B. Câmara Rufino e Leopoldo Low, como efetivos; Arioaldo de Freitas Casanovas, Genésio Costa Beber e Artemio Corso, como membros suplentes.

**Serás  
mais um  
elo da  
união**



A união de muitos faz a força de todos. Associa-te à Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. Associa-te ao progresso!

**COTRIJUI**

# DIFICULDADES INICIAIS E PRIMEIROS RESULTADOS

Conforme ocorre com a grande maioria dos empreendimentos novos, a cooperativa enfrentou inúmeras dificuldades. Não havia armazéns e não havia estradas; o crédito era irregular e geralmente demorado. Os bancos financiavam, mas naturalmente exigiam garantias que nem sempre os verdadeiros triticultores — aqueles que realmente pretendiam investir na lavoura — podiam dar. Naturalmente havia desvio de recursos financeiros. A legislação que regia a aplicação dos financiamentos aos lavoureiros era falha, permitindo a que os aproveitadores se beneficiassem, colocando a culpa no sistema cooperativista.

O Banco Central e o INCRA não existiam e a legislação que regia o sistema era falha.

Assim, com muita luta, erros e acertos (felizmente mais acertos do que erros), inclusive com uma intervenção federal através do Banco do Brasil, os anos foram passando.

Ao final de seus primeiros oito anos de existência, era sentido que a COTRIJUI teria que aceitar desafios mais ousados para acompanhar o ritmo desenvolvimentista que experimentava a zona de produção que abrangia. E com a eleição de nova diretoria, em assembleia geral presidida pelo então prefeito municipal de Ijuí, Dr. Solon Gonçalves da Silva, no dia 2 de junho de 1966, se começou a projetar estruturas ainda mais sólidas para a cooperativa. Luiz Fogliatto, Ruben Ilgenfritz da Silva e Geraldo Uhde assumiram, por delegação da assembleia, a responsabilidade de prosseguir na luta.

Na síntese histórica que damos a seguir, vê-se que nos grandes momentos decisórios, para se alcançar o êxito almejado pelos cooperativistas, esteve presente a liderança do saudoso ex-presidente da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda, Luiz Fogliatto.

Em 1968 teve início uma nova fase para a COTRIJUI. Foram criados pelo então presidente Luiz Fogliatto, o Departamento de Crédito para financiamento da lavoura por repasse e o Departamento Técnico.

Em outro local desta edição estamos detalhando o crescimento e a significação sócio-econômica desses departamentos e outros, que foram criados a seguir.

Nesse mesmo ano de 1968 iniciou-se a descentralização do sistema de recebimento e armazenamento de cereais, com a construção do primeiro armazém interiorizado, em Santo Augusto. Posteriormente, foram construídos armazéns em Tenente Portela, Coronel Bicaco, Chiapetta, Vila Jóia, Augusto Pestana e Ajuricaba, voltando à Ijuí para a experiência pioneira em termos de Brasil, no ano de 1970: a construção de um moderno graneleiro com fundo inclinado e totalmente hermético, para uma capacidade de armazenamento de 45 mil toneladas. De tal forma cresceu a infraestrutura de armazenamento da COTRIJUI, que das 19.800 toneladas de capacidade em 1966, hoje armazena 737.500 toneladas. É bem verdade que algumas dessas grandes obras são recentes. Mas não se pode esquecer que o ritmo de desenvolvimento delineado por Luiz Fogliatto e demais diretores quando aquele ainda vivia, foi o ponto de partida para as demais conquistas.

Dentre essas e outras, quem sabe a mais ousada iniciativa do grande líder cooperativista Luiz Fogliatto, tenha sido a da construção de um terminal graneleiro no canal de acesso ao Porto de Rio Grande. Este caderno traz enfoque sobre o terminal que hoje se denomina Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", numa homenagem ao líder que foi e pelo exemplo que legou aos seus companheiros de ideal. Luiz Fogliatto faleceu dia 14 de outubro de 1972, dois dias antes da inauguração da portentosa obra.

Esta síntese tem o objetivo de mostrar o quanto foi valiosa a participação desse homem — Luiz Fogliatto — na direção da COTRIJUI.

Da maneira como ele trabalhava e influenciava seus companheiros de direção e conselheiros, parecia que um ano representava uma década. E ao final de seis anos na presidência da COTRIJUI, deixou uma obra grandiosa.



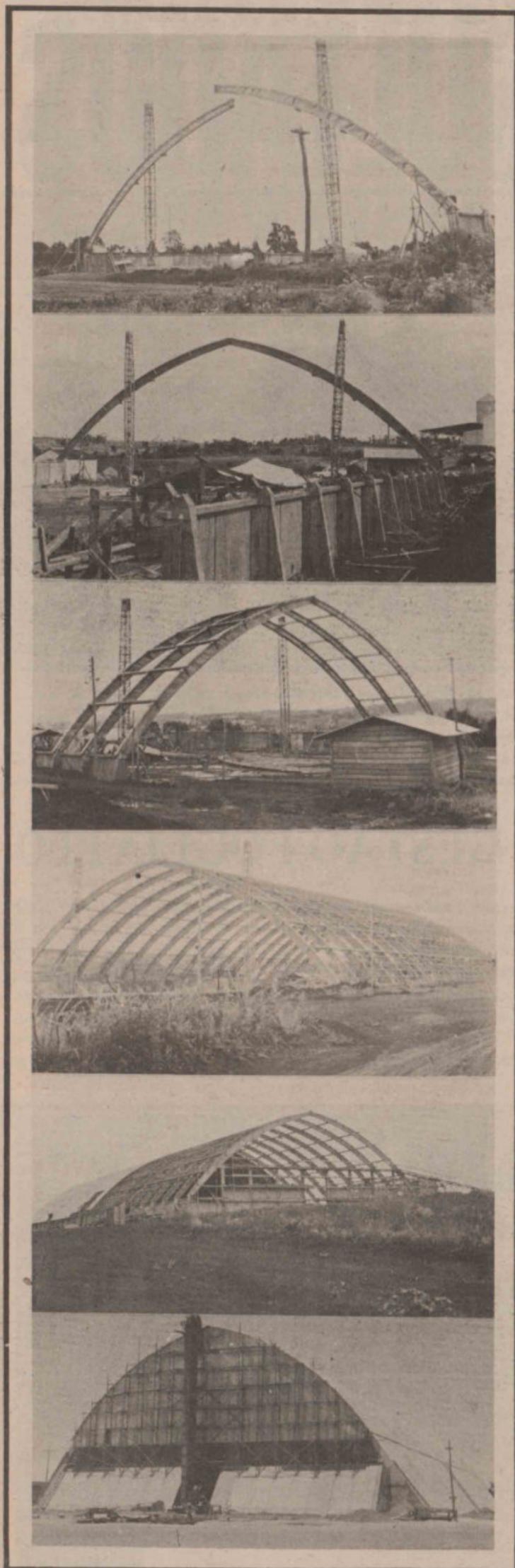
A foto é de 1971. Naquele ano a COTRIJUI foi distinguida com o prêmio Destaque do Ano — Setor Agricultura, pela Rede Brasil Sul de Comunicações. De retorno de Porto Alegre, Luiz Fogliatto, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Drews, respectivamente, presidente, vice-presidente e diretor-superintendente, concediam entrevista ao repórter Egone Franke, do "Correio Serrano". A COTRIJUI começava a aparecer em âmbito estadual e nacional.

## 2º ANO DE GESTÃO FOGLIATTO

Uma tradição que se manteve por cinco anos durante a administração Luiz Fogliatto, era festejar com bolos em formato de armazem, encimado pela vela correspondente ao respectivo ano da gestão. A festividade assinalada pela foto aconteceu a 2 de junho de 1968, quando se comemorava o segundo ano da dinâmica administração. Prepararam-se para apagar a velinha o então presidente, vice-presidente e diretor superintendente, respectivamente, Luiz Fogliatto, Ruben Ilgenfritz da Silva e Gherard Uhde. Essas comemorações, segundo informou ao COTRIJORNAL o diretor-comercial, sr. Alceu Carlos Hickembick, aconteceram até o 5º ano da administração Luiz Fogliatto. Depois, disse, Alceu Hickembick, a dinâmica da cooperativa tomou tal desenvolvimento e expansão que não foi mais possível parar para festejar coisa nenhuma...



# ARMAZÉM ESTILO COTRIJUI



Era no tempo do trigo depositado no adro das igrejas e mesmo nas praças públicas. Os silos tradicionais eram caros e de construção demorada; por isso, eram escassos. O produtor precisava do armazém para agora, quando a safra dava gorda. A solução existia. Era no estilo "ovo de colombo", só que ninguém pensou antes.

Mas a COTRIJUI pensou, e se pensou, tratou de passar à ação. Armazéns horizontais com armações pré-fabricadas, com um secador, recebimento do produto tipo aéreo, através de fitas transportadoras e excelente dinâmica carga-descarga. O primeiro armazém foi construído em Ijuí em 1967. Foi aprovado. Seguiram-se armazéns em Santo Augusto e Tenente Portela. Seu idealizador foi o engenheiro ijuicense Fernando Craidy, que posteriormente aperfeiçoou o sistema, tornando-os herméticos e com fundo em "V". Esse segundo processo revolucionou a tecnologia de armazenagem. Rapidez de construção e ampla viabilidade econômica como os primeiros, e com as vantagens de garantir a qualidade excelente do produto por muito mais tempo, com o dobro da capacidade armazenadora na mesma metragem exterior, dependendo das condições do terreno (lençol frático) e auto-descarregamento através do processo correias transportadoras.

Hoje, nos processos horizontal simples ou herméticos, que possuem controle de termometria, a COTRIJUI possui uma capacidade armazenadora instalada em pleno funcionamento de 734.800 toneladas estáticas. Em projeção para curto ou médio prazo somam-se mais 181.500 toneladas, com o que se chegará a 938.900 toneladas de capacidade estática.

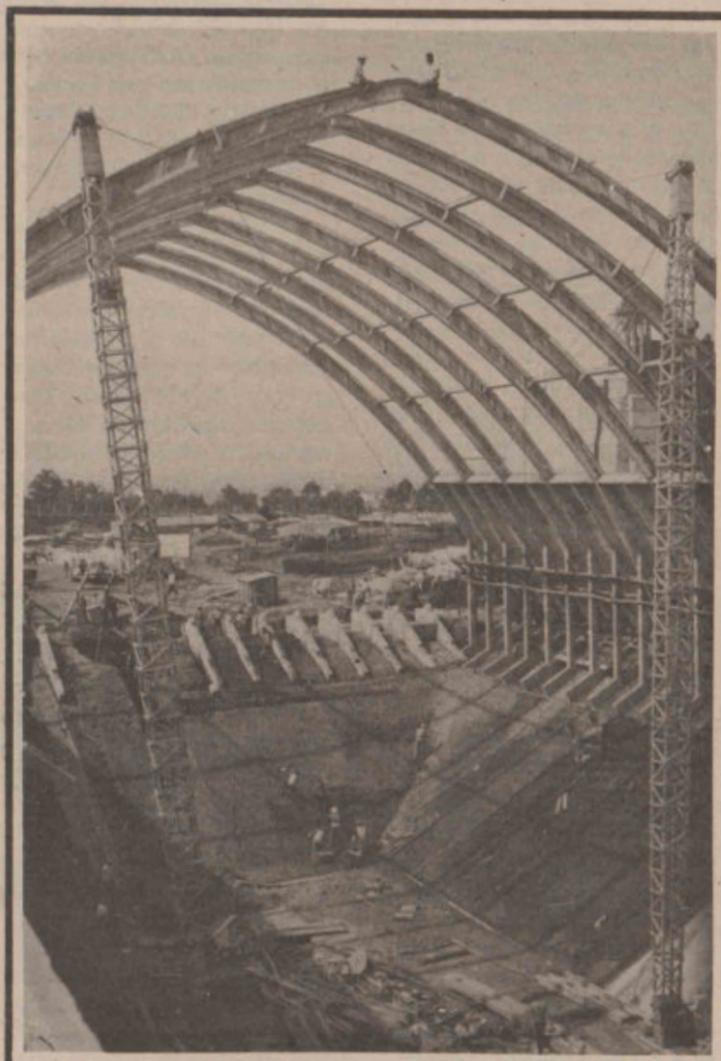
Damos a seguir a capacidade instalada, por município e a projetada, para que se faça idéia da infra-estrutura da COTRIJUI nesse importante campo de ação, hoje felizmente tão diferente daquele que se observou no Rio Grande do Sul antes do advento desta era do cooperativismo.

## CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM EM TONELADAS

LOCAL	INSTALADA	PROJETADA	FINAL
Ijuí	164.000		164.000
Santo Augusto	77.000		77.000
Tenente Portela	60.800		60.800
Vila Jóia	67.000		67.000
Chiapetta	60.000		60.000
Coronel Bicaco	20.000		20.000
Augusto Pestana	33.000		33.000
Ajuricaba	33.000		33.000
Rio Grande	220.000	32.000	252.000
Dom Pedrito	22.600		22.600
São Valério		23.500	23.500
Esquina Umbú		50.000	50.000
Faxinal		33.000	33.000
Miraguaí		20.000	20.000
Coronel Barros		23.000	23.000
TOTAL:	734.800	181.500	938.900

## GRANELEIRO FUNDO EM "V"

Os graneleiros horizontais foram construídos em primeiro lugar pela COTRIJUI, que neles viu a solução para as safras cada vez mais exigentes em termos de espaço. Aprovados esses armazéns pelo fator econômico e igualmente pela rapidez com que podem ser construídos, a cooperativa os aperfeiçoou, utilizando o fundo em "V", que não só aumentam, conforme as condições do terreno, até em cem por cento a capacidade de carga, como também não necessitam de achego do produto, proporcionando excepcional demanda em seu próprio descarregamento.



# A PARTICIPAÇÃO ATIVA E EFICIENTE DO ASSOCIADO



Conforme é fácil de constatar pela leitura deste suplemento, o associado esteve sempre e continua presente em todas as decisões da cooperativas. Seja nas reuniões de Núcleos de Base (atenção para a matéria Convênio Cotrijui/Fidene), onde o associado fala diretamente com os técnicos de comunicação e educação e muitas vezes com os diretores da cooperativas; seja nas assembleias gerais ou na própria cooperativa. Nenhuma decisão de vulto, apesar das autorizações constantemente renovadas em assembleias pelos associados, são tomadas pela direção sem novas consultas e não raro a participação do sócio em comissão de estudo.

Por esse motivo, as assembleias da COTRIJUI normalmente constituem-se em espetáculos bonitos, não somente pelo grande volume de participantes mas prin-

cipalmente pela atuação destes colaborando nos trabalhos pelas opiniões que manifestam nos problemas em debate e de mais difícil solução

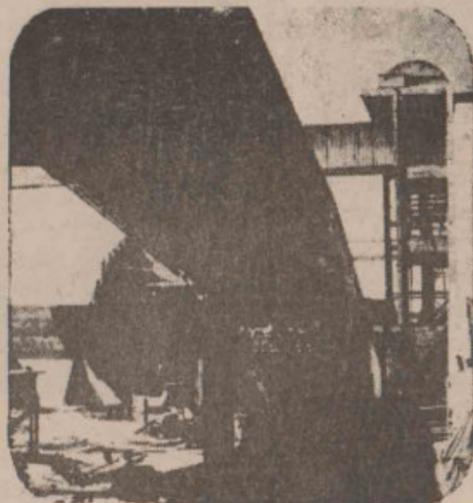
Quando a COTRIJUI quis construir um complexo portuário em Rio Grande, uma comissão de 40 associados participou da excursão com a direção e seus componentes observaram e opinaram sobre o assunto. Quando a convite do INCRA a cooperativa começou a estudar o Projeto Amazônia, antes de qualquer decisão por parte da direção, o quadro social foi consultado. Quando por decisão da diretoria e associados da Pedritense esta cooperativa buscou a integração com a COTRIJUI, foram realizadas reuniões de consultas através dos Núcleos de base, para sentir e acatar o ponto-de-vista dos associados, isso para citar apenas as decisões

de maior peso. E em todos os casos, só quando a maioria do quadro social opinou favoravelmente, a diretoria passou a encarar os novos empreendimentos na base de projetos.

Esse chamamento à participação do associado, na vivência de um sistema eminentemente democrático — pois a democracia é a essência do cooperativismo — tem se constituído no cerne não só do crescimento da cooperativa no seu sentido econômico mas principalmente no seu crescimento associativo, sempre num clima de perfeito entrosamento humano.

Na foto uma vista parcial de assembleia realizada na Sociedade Ginástica de Ijuí, quando da realização da última assembleia geral ordinária que aprovou o balanço do exercício financeiro.

## Cresce com o Rio Grande e com o Brasil



Serás mais um elo da união de muitos que faz a força de todos. Associa-te a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. Associa-te ao progresso!



COTRIJUI

# CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE ORIGENS-ESTÁGIO ATUAL

Para quem acompanhou o desenvolvimento da COTRIJUI nos últimos dez anos, não é difícil aquilatar a importância do Convênio COTRIJUI/FIDENE, cujas origens remontam a ativação do Movimento Comunitário de Base, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí — FAFI, no ano de 1961. Segundo o professor Mário Osório Marques, responsável pela organização e dinamização do movimento, o objetivo da iniciativa foi conscientizar os diversos grupamentos humanos de sua capacidade em discutir e encontrar soluções para os problemas operacionais. Ao completar 20 anos, a COTRIJUI sente os frutos da efetivação de tal convênio, daí porque se faz este relato com base em informações colhidas junto ao professor Mário Osório Marques (ex-Frei Mathias).

## OS NÚCLEOS NO INTERIOR

Já a partir do ano de 1962, o movimento se estende ao interior, e o agricultor então começa a se organizar em núcleos, onde passam a se reunir, debater problemas e buscar soluções. Naquele mesmo ano, foram criados em Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana, 76 núcleos, número que aumentou para 90, no ano seguinte.

Segundo o professor Marques, os núcleos se articulavam entre si, através de reuniões entre representantes e também por meio de campanhas gerais, como a de combate à formiga, da conservação do solo, de associativismo (sindicatos e cooperativas). Assim, os agricultores de Ijuí, levados pela necessidade de recuperar suas terras ao se voltarem para a cultura de trigo, se dirigem ao Banco

do Brasil na busca de financiamentos para custeio da lavoura. Isso os leva a ingressar na cooperativa, e a partir de então, é nítida a participação dos pequenos, chegando a se constituir numa característica da COTRIJUI — diz Mário Marques — a presença e participação do associado, graças ao sistema de comunicação e educação implantado e que consiste, basicamente, no hábito dos agricultores se reunirem periodicamente para debater e solucionar problemas.

À medida em que a agricultura modernizada na região exige mais assistência técnica para a capacitação do produtor, desenvolve-se na cooperativa o Departamento Técnico, que passa a utilizar grandemente o sistema de comunicação, ao discutir problemas eminentemente técnicos com os núcleos já existentes.

Com a descentralização da COTRIJUI (armazéns, unidades operacionais em outros municípios) surge a necessidade de se estender também o trabalho educativo aos demais municípios da área de ação da cooperativa, através do Convênio COTRIJUI/FIDENE, celebrado em 1970. No livro "Uma Comunidade em Busca de Seu Caminho", de Mário Osório Marques e Argemiro J. Brum, editado pela Sulina, se lê à página 47, a propósito das atividades mantidas pelo Movimento Comunitário de Ijuí no ano de 1966, portanto, antes de ter sido firmado o convênio: "participação ativa e destacada na superação da crise verificada na Cooperativa Tríticola Serrana Ltda, decisiva para a salvação da cooperativa e para a institucionalização da presença ativa do associado".

## PROJETOS ESPECÍFICOS OCASIONAM AS MUDANÇAS

De 1970 a 1976, o sistema de comunicação cooperativista e de capacitação técnica esteve centralizado nas reuniões de núcleos e encontros de lideranças, mais cursos direcionados a problemas específicos. A medida, porém, que os interesses dos agricultores se diversificam, os grupos de discussão e análise de problemas não surgem mais à base da vizinhança geográfica, mas daqueles interesses objetivos, através de projetos específicos. São exemplos os conselhos de produtores de sementes, a pecuária de leite, o uso de fungicidas e o projeto de saúde.

Atualmente, o sistema de comunicação e educação já está descentralizado através de um serviço próprio da COTRIJUI, com elementos nas diversas unidades operacionais. A função do IEP — Insti-



Professor Mário Osório Marques.

tuto de Estudos Permanentes, da FIDENE, se orienta mais para a assessoria, avaliação e planejamento de atividades; o estudo de alternativas de trabalho e a experientiação de novas formas de ativação da solidariedade do corpo associativo e da sua presença na vida da coope-

rativa. Não raro, no entanto, a FIDENE, através do IEP, ainda atua na complementação de trabalhos, afirmou Mário Osório Marques, seja reforçando o material humano em campanhas e cursos, seja nas áreas específicas já citadas, como planejamento e avaliação.



Uma reunião ao estilo COTRIJUI/FIDENE. Técnicos debatem com o pessoal do Departamento de Comunicação e Educação.

# PRODUÇÃO, ESCOAMENTO, ESTRADAS, TRANSPORTES

Conscientizados para o valor do trabalho e orientados através de suas cooperativas, os agricultores produziram mais e ordenadamente. Ervais foram arrancados e em seu lugar cultivado o trigo. Campos cobertos com barba-de-bode foram arados para neles ser semeado o cereal. Os anos que marcaram o ressurgimento do cooperativismo na região noroeste do Estado dão uma estatística progressiva nos montantes de produção agrícola. Era o trigo, o milho, o feijão e principalmente a soja, cujos montantes de produção cresciam a cada ano, que incidiam em maiores preocupações em relação a precariedade das instalações de armazenagem. Então, este setor foi sendo solucionado pelas cooperativas.

Armazéns, em unidades de bom porte, começaram a surgir como por encanto, no ermo dos campos e em meio às lavouras. A COTRIJUI, consciente da necessidade de baratear os custos das unidades para construí-las em maior número, lançou os armazéns horizontais. As primeiras experiências foram com armazéns horizontais em fundo plano; depois vieram unidades maiores com fundo em V, proporcionando maior capacidade de recebimento em idêntico espaço e também maior facilidade de descarga dos mesmos.

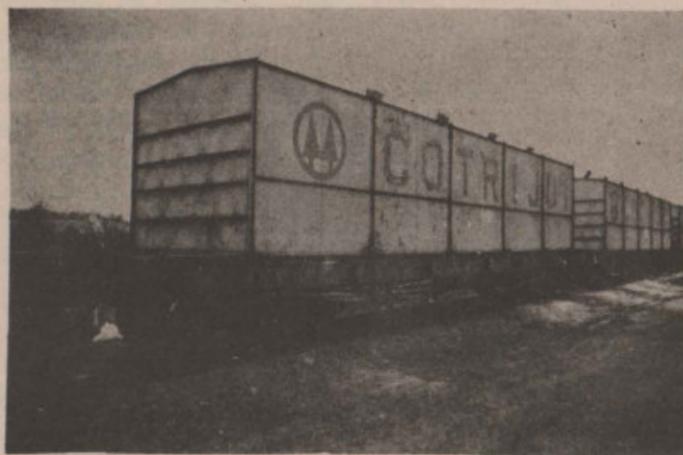
Solucionada a questão da armazenagem, apesar do aumento da produção agrícola, outros problemas sucessivos começaram a aparecer. O transporte. As estradas da região — problema ainda hoje carente de solução — na base do chão batido. Mas o transporte para fora de nossa região e principalmente para Porto Alegre e Rio Grande, era o mais problematizado. O transporte rodoviário para a Cidade Marítima tinha que passar por Porto Alegre, encumprindo o percurso em cerca de 200 quilômetros. A RFFSA não possuía vagões suficientes para satisfazer as necessidades da cooperativa nas épocas de grosso da safra.

Porém, a visão de perspectiva dos dirigentes da cooperativa, aliada a necessidade de acompanhar o progresso, culminou com o melhor aproveitamento da ferrovia no transporte para o porto de Rio Grande. Sabendo que a RFFSA possuía vagões fora de uso, a cooperativa gestionou a concessão dos mesmos para adaptá-los às suas necessidades. Setenta antigos vagões que estavam abandonados nos desvios foram recuperados em forma de "containers" e usados pela cooperativa, que aumentou sensivelmente a capacidade de transporte para o porto de Rio Grande.

Mas, a solução de um problema quase sempre degenerava no surgimento de outro problema. O maior volume de carga transportado para Rio Grande afunilava na incapacidade do porto em receber esse maior volume em tempo hábil. Foi quando as lideranças do cooperativismo passaram a raciocinar em termos da construção de um Terminal Graneleiro em Rio Grande, conforme historiamos nesta mesma edição.



Foto histórica. O líder cooperativista desaparecido, Luiz Fogliatto, cercado por diretores da RFFSA, outros dirigentes da cooperativa e representantes da imprensa de Ijuí, no dia que foi assinado o contrato de recebimento das plataformas para a construção dos containers.



Os containers da COTRIJUI rodando. Eles prestaram excepcional serviço numa época de apêndice para os transportes no RGS.

# UM TERMINAL PARA GRANÉIS

Por volta de 1968 e 1969, o porto de Rio Grande vivia congestionado de caminhões e trens que transportavam cereais destinados à exportação. Para citar apenas quatro dos principais produtos da lavoura gaúcha, a safra de 1969 produziu 2.400 mil toneladas de milho; 1.070 mil toneladas de arroz; 891 mil toneladas de trigo e 700 mil toneladas de soja. O excedente exportável dessa produção afluía ao porto de Rio Grande, que não tinha infra-estrutura de recebimento e re-embarque.

Nessa mesma época, no dizer do então diretor do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, engenheiro Flávio Fett, o porto riograndino possuía apenas um silo com capacidade de 20 mil toneladas estáticas. O próximo passo do DEPREC seria a ampliação dessa capacidade para 55 mil toneladas a médio prazo, porém sem uma data específica para início das obras de ampliação.

Para a produção primária gaúcha e em especial para os agricultores congregados no sistema cooperativista, era vital e urgente ao seu próprio desenvolvimento a construção de um terminal graneleiro com pier de embarque próprio, no porto riograndino.

O governo tinha especial interesse na solução do problema. Faltava quem o enfrentasse. A COTRIJUI topou a parada.

Caracterizando seus atos dentro de um princípio democrático, a cooperativa promoveu uma excursão a Rio Grande, levando mais de 40 associados para que tomassem contato "in loco" com a realidade. Os diretores da cooperativa sabiam que a solução era a construção de um complexo portuário com pier para carga e descarga de granéis sólidos, mas não desejava decidir sem que lideranças de associados opinassem a respeito.

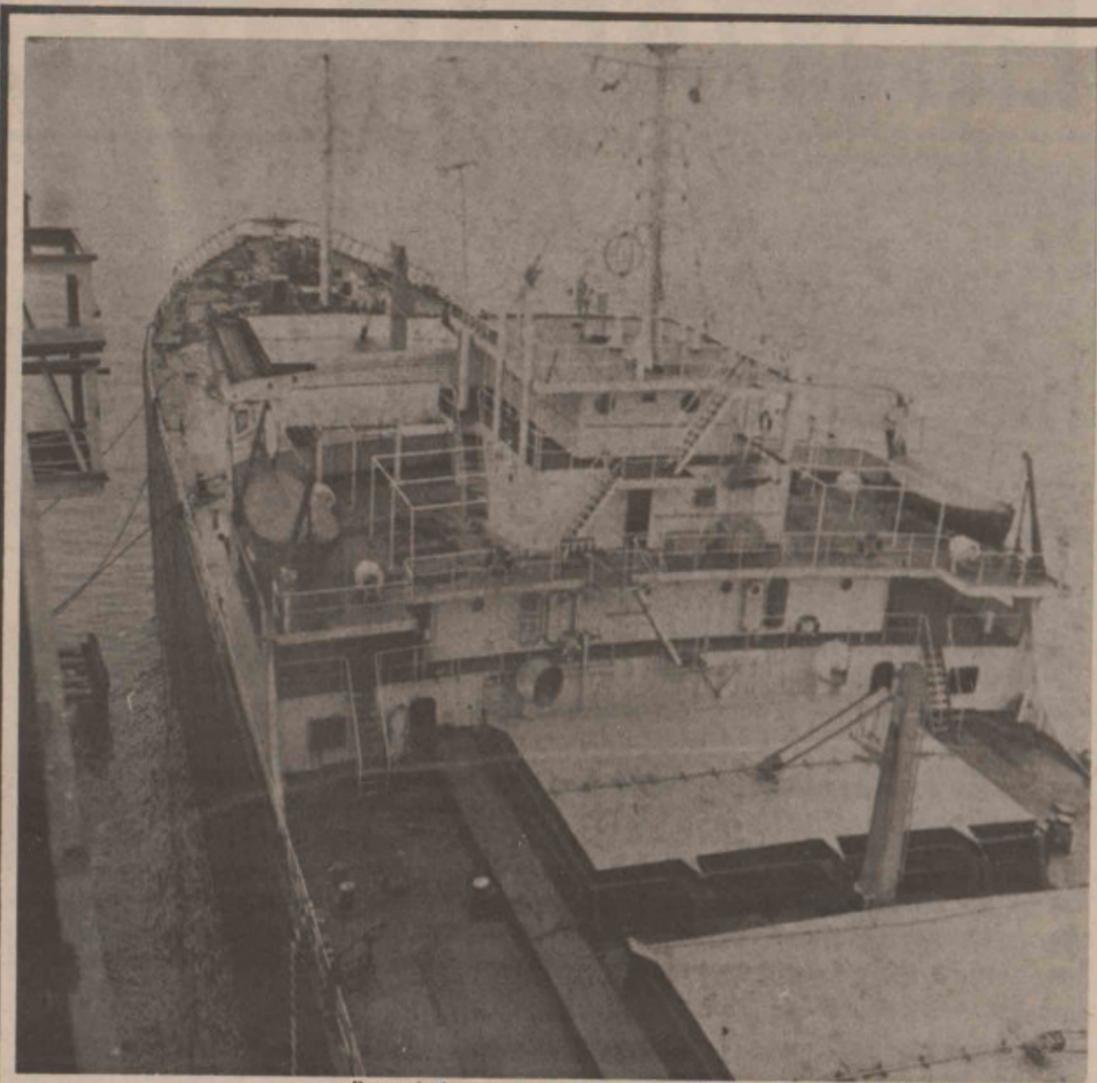
A viagem proporcionou aos agricultores conhecer o Porto e a Quarta Seção da Barra. Foram recebidos pelo diretor do Porto, o engenheiro Ivo Braga, que dispensou atenção especial aos visitantes e os colocou a par das dificuldades enfrentadas em vista do crescimento das safras e de cada vez maior ineficiência do mesmo

em face da maior necessidade do serviço. O resultado da visita foi o esperado pelos diretores da cooperativa. Os associados manifestaram-se dispostos a arcar com as responsabilidades de um enfrentamento a nível empresarial para construir o Terminal.

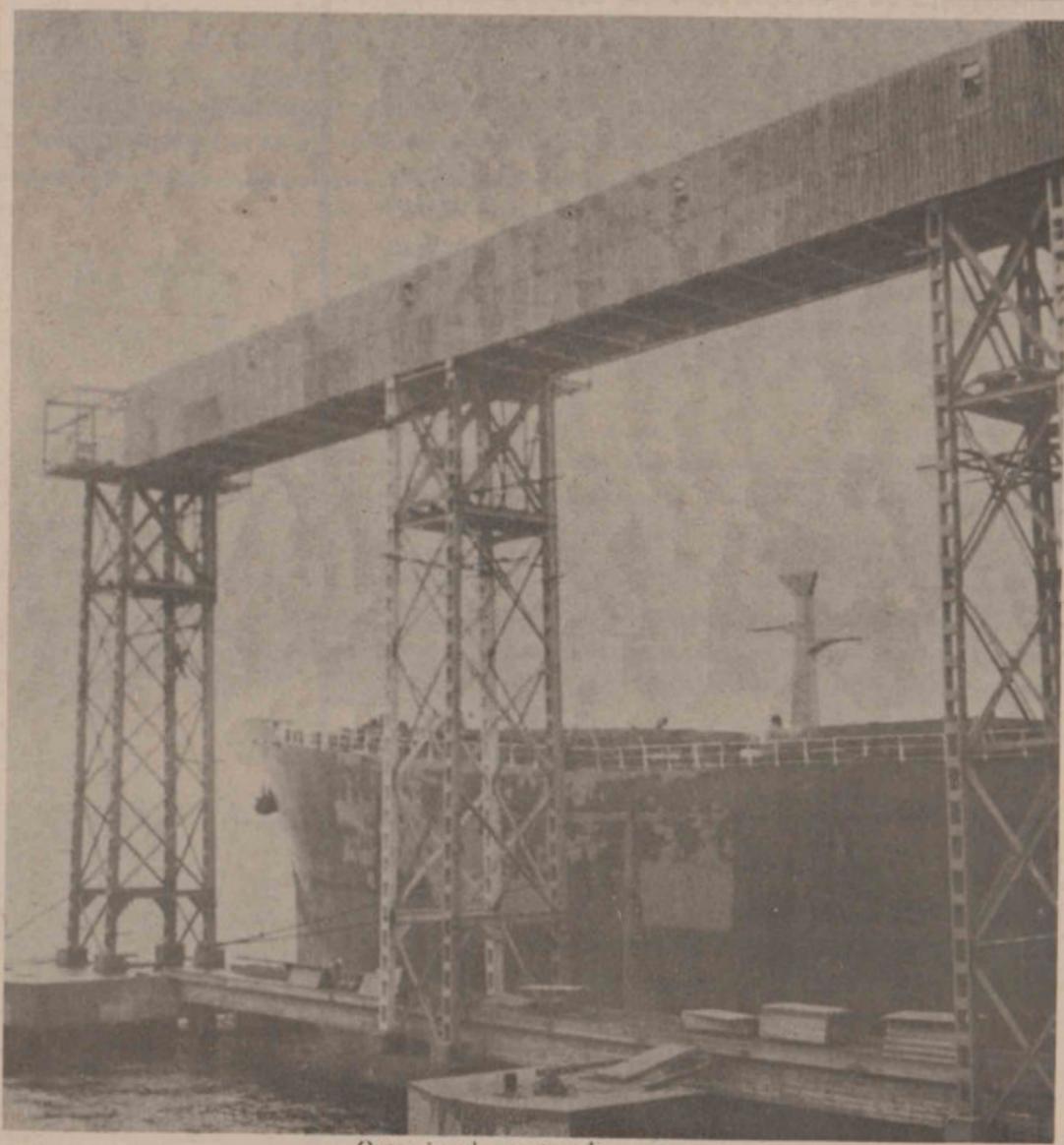
Mesmo assim a COTRIJUI, dentro de um espírito realista que sempre caracterizou seus atos, entendeu de dividir as responsabilidades, que eram grandes, com a Federação das Cooperativas de Trigo. No entanto, a FECOTRIGO rejeitou o projeto, por considerá-lo demasiado para as possibilidades do cooperativismo, à época. Mesmo sozinha, a COTRIJUI não se intimidou. Com a certeza de que obteria recursos financeiros e com o apoio do Governo do Estado, deliberou enfrentá-lo.

Uma assembléia de associados convocada para aprovar o Projeto reuniu 1.300 agricultores, que o aprovaram por unanimidade, dando uma excepcional prova de coragem e de espírito progressista, aprovando inclusive a participação financeira no Terminal. No princípio de 1970 a COTRIJUI iniciava essa obra pioneira, que no futuro teria repercussão não somente nacional mas também internacional. Em meados de 1971 entrava em operação a primeira etapa do Terminal, com capacidade de armazenamento estático de 110 mil toneladas e com cadência de carga a duas mil toneladas por hora e descarga a nível simultâneo de 500 toneladas a hora. Em outubro de 1972 o então presidente, general Emilio Garrastazu Médici visitou o Terminal.

A capacidade do Terminal hoje é de 220 mil toneladas estáticas, num total de oito armazéns horizontais. Pier de atracação simultânea de navios até 60 mil toneladas e chatas até 12 mil toneladas. Tem um desvio ferroviário para 200 vagões e moegas para descargas de vagões e caminhões simultaneamente, a capacidade de 500 toneladas por hora. Hoje, extrapolando o Projeto original funciona uma fábrica de óleo de soja (não refinado) com capacidade, em primeira fase, de transformação de 1.000 toneladas de soja por dia.



Popa de barco ancorado no Terminal.



Outro ângulo mostrando a proa.

# PRIMEIROS ASSOCIADOS EM RIO GRANDE



*O primeiro contato de agricultores em Rio Grande, visando a construção do Terminal, aconteceu no mes de agosto de 1969. Na fotografia aparecem os 40 associados que foram ouvir "o berro do mar", acompanhados pelos diretores da cooperativa. No dia seguinte, conforme estampamos na foto que aparece abaixo, os mesmos associados e os diretores aparecem na companhia do então governador Peracchi Barcellos, no Palácio Piratini.*

## AGRICULTORES COM GOVERNADOR

Após a visita a Rio Grande, quando os associados da COTRIJUI tomaram a decisão de enfrentar o Terminal, de Passagem por Porto Alegre, foram recebidos pelo então governador, coronel Walter Peracchi Barcellos. Aparecem ladeando o governador, entre outros, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, atuais presidente e vice-presidente; o atual prefeito de Ijuí, Wilson Maximino Mânica, Alfredo Driemeyer, conselheiro e jornalista Claude Nahor Wondracek. No mesmo dia tinha sido feita visita à direção da FECOTRIGO, quando se configurou o desinteresse da Federação em construir o Terminal.



# NO ERMO DA PRAIA DESERTA O NASCIMENTO DA GRANDE OBRA



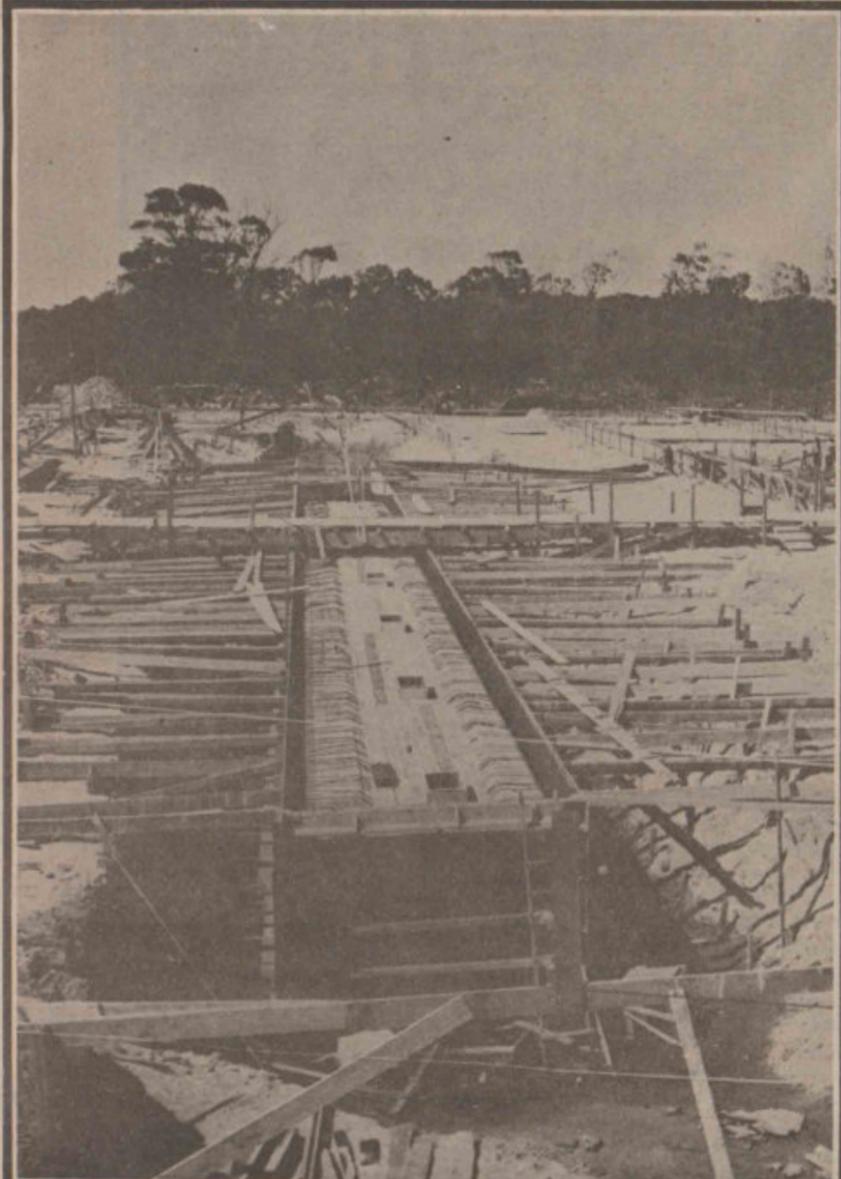
O lençol freático ocasionou sérios problemas à obra.



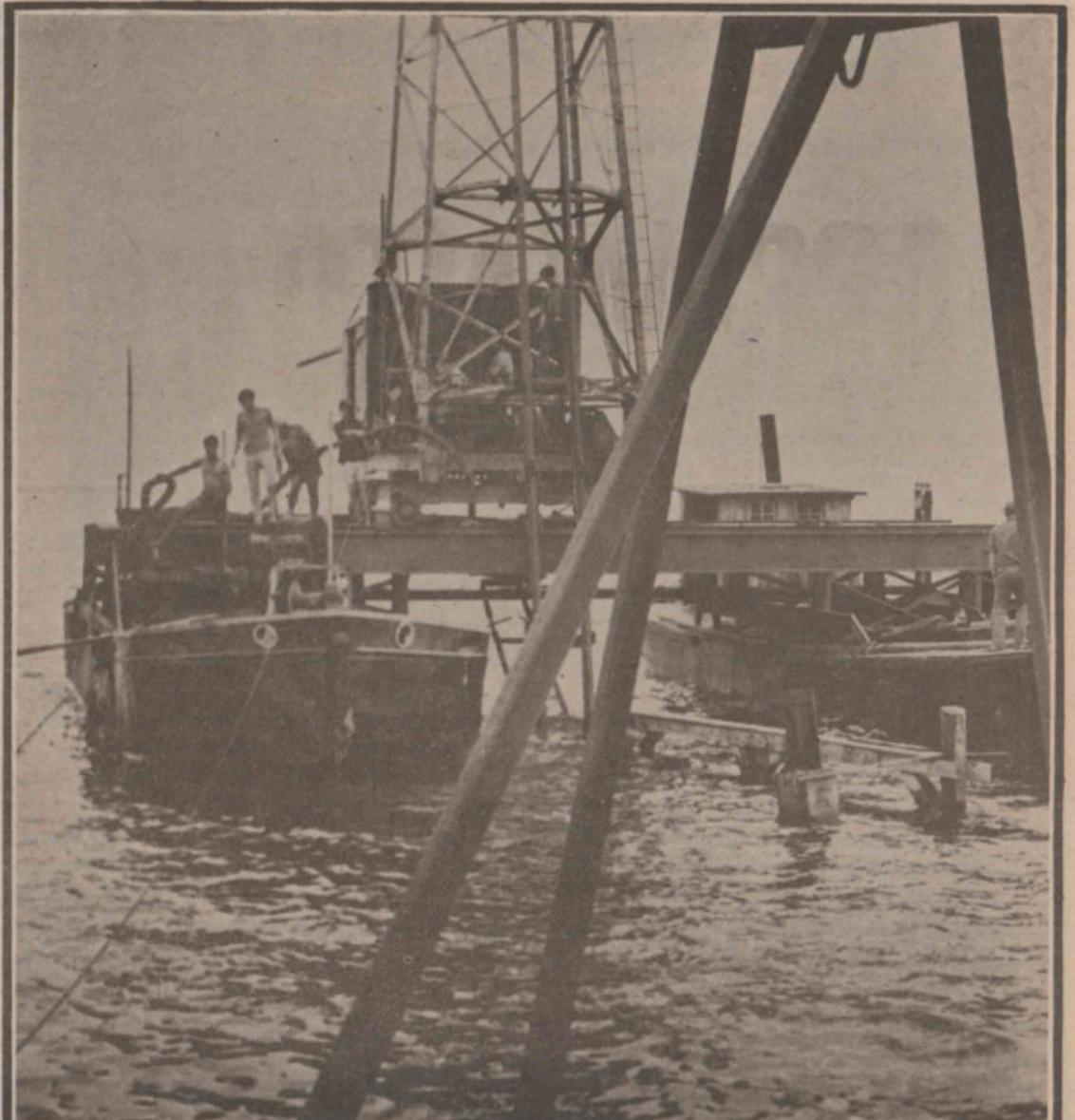
O trabalho começou pelas entranhas da terra. Era o preparo do caminho para as correias transportadoras.

Deliberada a construção da obra e garantida a linha de financiamento através do Banco do Brasil S.A., máquinas poderosas comandadas por mãos hábeis passaram a cavar as areias brancas da praia, na Quarta Seção da Barra. Numa primeira etapa, demarcou-se o espaço necessário à construção de quatro armazéns, que totalizariam 110 mil toneladas de capacidade estática, demais obras de infra-estrutura e de administração, além de pier de carga, este naturalmente já com sua capacidade definitiva de 2.000 toneladas de carga-hora, além de capacidade de descarga simultânea com a carga, a razão de 500 toneladas-hora.

As dificuldades foram grandes. O terreno falso, alagadiço, pareceu a princípio não ter condições de suportar as obras do porte que o Projeto estabeleceu nas pranchetas de cálculo. E outra particularidade: a obra foi totalmente nacional, desde o projeto inicial, de autoria de um brasileiro, o engenheiro Fernando Craidy, até o mais sofisticado mecanismo de funcionamento eletrônico colocado no painel de comando, tudo genuinamente nacional. E a COTRIJUI faz questão de frisar, quando ressalta a total nacionalidade do Terminal, que o mesmo é brasileiro, não porque sofra de qualquer fobia contra os estrangeiros. Em absoluto. Mas se ressalta essa realidade pelo fato de a COTRIJUI não ter dispendido gastos em divisas e nem estar pagando "royalties". As fotos a seguir dão uma idéia do início da construção do Terminal e pier de embarque na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande.



Aqui já começava a aparecer as bases dos primeiros graneleros.



Começava-se a conquistar o mar.



O pier recebendo o estaqueamento, podendo ver-se ao fundo a chata estaqueadora.

## O DINHEIRO DO BANCO DO BRASIL



O suporte financeiro para o deslanche desenvolvimentista da lavoura brasileira, principalmente no que se refere ao trigo e a soja, tem sido dado pelo Banco do Brasil. Na foto, sem que se necessite registrar data ou volume financiado, está sendo assinado mais um contrato financeiro entre o citado estabelecimento e a COTRIJUI. Assinam, pelo Banco do Brasil, o então gerente do estabelecimento em Ijuí (hoje na gerência de Santa Maria), Mário José Beck e pela cooperativa o sr. Luiz Fogliatto; Arnaldo Oscar Drews e Clóvis Adriano Farina.



A 16 de novembro de 1961 a COTRIJUI estava instalada na ampla sede que aparece na foto. Ali funcionaram a administração, escritórios centrais, departamentos Técnico e de Crédito e no térreo o Departamento Comercial e uma loja de ferragens aos associados. Passados os primeiros anos, e em face do crescimento da cooperativa, o local foi tornando-se pequeno, obrigando a direção a partir para uma nova sede de reais proporções, que aconteceu com o planejamento e construção da sede atual no bairro Oswaldo Aranha. Hoje, no prédio da foto, que serviu de sede de 1961 a 1974, localizado à rua José Kickembick, funcionam o Centro de Processamento de Dados (CPD) e o Departamento de Assistência Social. Na outra foto vê-se um ângulo parcial do Departamento Comercial da cooperativa, onde o espaço foi aproveitado através da construção de amplos depósitos e câmaras frias no sub-solo.



## COLÔNIA DE FÉRIAS



O deslocamento de interesses da cooperativa para Rio Grande, através do Terminal, passou a despertar curiosidade entre os associados não só em relação a Rio Grande mas a zona sul em geral. A praia do Cassino passou a ser o sonho acalentado principalmente pela mocidade, filhos de associados. Durante os primeiros anos a cooperativa manteve uma colônia de férias em prédio alugado. Porém, dada a receptividade crescente de interesse e a necessidade de racionalizar o serviço, a cooperativa optou pela compra de um hotel - o antigo Turis - localizado na avenida central

do Cassino. Hoje, os associados e seus familiares tem a sua própria casa-hotel para veranejar, em praia de mar, uma vez por ano. Os funcionários da cooperativa também tem aproveitado o local para uns dias de veraneio. Milhares de associados com os familiares já gozaram desse benefício pelo menos uma vez ao ano.

Só na temporada de veraneio de 1977, período dezembro-março, um total de 2.920 pessoas, entre associados e funcionários, participaram do veraneio Cotrijui no seu próprio hotel do Cassino. A foto é vista parcial da fachada do hotel.

## RECREAÇÃO SOCIAL

O crescimento da cooperativa em termos de infra-estrutura e prestação de serviços, gerou naturalmente a ampliação do quadro de funcionários. Hoje, em toda a área de ação da cooperativa, incluindo-se Rio Grande, Dom Pedrito e Porto Alegre, mais de 2.100 funcionários dedicam-se à organização. E apenas para considerar a região mais próxima de Ijuí, isto é, de Tupanciretã e Tenente Portela, nada menos do que 1.400 funcionários estão diariamente à disposição da COTRIJUI.

Foi para que o funcionário dispusesse de um local para recrear-se através do esporte, dos encontros sociais e festivos, que a COTRIJUI prestigiu e forneceu recursos financeiros, originando-se a criação da Associação dos Funcionários da Cotrijui (AFUCOTRI), o que aconteceu a partir de 7 de agosto de

1967. Portanto, a 7 do próximo mês, a tradicional entidade sócio-esportiva da Linha 3-Oeste, em Ijuí, estará completando sua primeira década de existência.

A necessidade da recreação do funcionário, hoje reconhecida como terapêutica para a saúde, tem feito com que a direção da cooperativa prestigie cada vez mais a ampliação desse setor. A AFUCOTRI de Ijuí possui amplo parque sócio-esportivo, possuindo piscinas para adultos com dois trampolins, médias para infante-juvenil e para crianças até de colo. Possui quadra de esportes e salão festivo. A tendência a médio prazo é existir uma AFUCOTRI em cada grande unidade da COTRIJUI. Dentro desse objetivo, estão em fase de organização AFUCOTRI em Chiapetta, Santo Augusto, Rio Grande e Dom Pedrito.



# OS FINANCIAMENTOS ATRAVÉS DE REPASSE

O binômio trigo-soja a nível estadual, com projeção futura a nível nacional, teve o mérito de polarizar a atenção das autoridades da área fazendária, para o financiamento da agricultura. De acordo com estatística da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil - agência de Ijuí - o cultivo de trigo nesta região encontrava-se estacionário até o ano de 1966. Se poucos eram os financiamentos para a formação de lavouras, mais reduzidos ainda eram os números dos investimentos. Já com relação a soja, havia uma diferença. Talvez porque pudesse ser consorciada com o milho, além da maior rusticidade da planta em relação aos fatores de clima e pragas, demonstrava na referida época uma preferência maior por parte dos agricultores.

Mas o Governo, através do Banco do Brasil, sempre procurou garantir recursos à agricultura. Não somente financiando a lavoura como também estabelecendo taxas de juros acessíveis ao produtor além de outros incentivos governamentais, tiveram o efeito de marcar um novo determinismo dos agricultores na busca do progresso.

No quinquênio 1967-1972, motivado por essa política governamental de fomento, além do crescimento ordenado das cooperativas, que por sua vez garantiam a assistência técnica, a agricultura cresceu. Lamentavelmente, esse crescimento não

foi natural e regular. O incentivo financeiro apenas para o trigo e soja, foi fator determinante para que os produtores fossem aos poucos abandonando as culturas tradicionais de subsistência, para se dedicarem aos dois produtos hoje tradicionais: trigo e soja. Então, a policultura, que em outros tempos foi fator determinante para o crescimento regular da riqueza na região, cedeu lugar para dois únicos produtos agrícolas.

Em 1968 foi criado o Departamento de Crédito da Cotrijui (DECRÉ), para repasse financeiro aos associados com recursos do Banco do Brasil. Foi essa disponibilidade de recursos, somada a uma distribuição racional e equilibrada em face das necessidades dos associados, o responsável pelo surto de crescimento que passou a se verificar em nossa agricultura.

No começo, apenas o trigo e a soja recebiam financiamento através de repasse pela COTRIJUI. Hoje, porém, está bem diversificada a linha de produtos agrícolas incluída no repasse. A partir de 1975 o calcário foi incluído; em 1976 o milho e o feijão preto e neste ano de 1977 a cevada, a aveia e o centeio, isso na área da agricultura, como custeio de lavoura. E no setor de investimentos, também a partir de 1977, financiamento para máquinas e implementos.



# ELEVAÇÃO TECNOLÓGICA PARA A ALIMENTAÇÃO

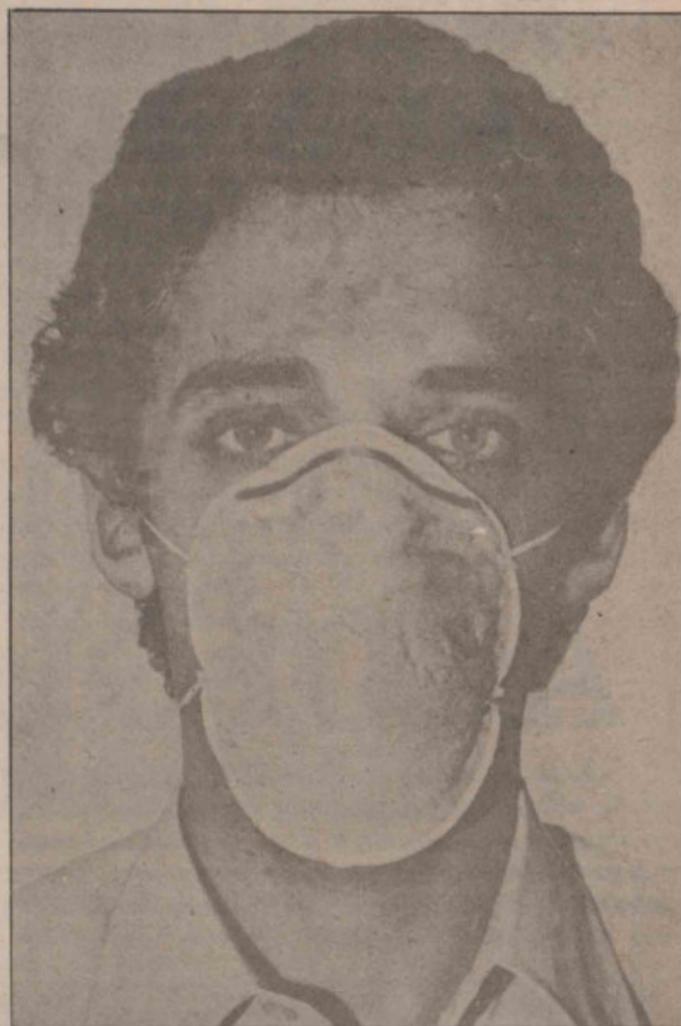
A cooperativa tem-se caracterizado pela preocupação a nível de elevação tecnológica. Seu Departamento Técnico, conforme está detalhado em outro local deste suplemento, é dos mais bem equipados e dinâmicos, contando com 15 engenheiros-agrônomo, seis médicos-veterinários, 35 técnicos agrícolas e um bacharel em administração de empresas. Dessa forma, o atendimento a nível de produção está bem orientado, inclusive na parte de fomento à pesquisa, através do Centro de Treinamento Cotrijui, que é o antigo Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, localizado no município de Augusto Pestana.

Mas a COTRIJUI pretende ir além, desenvolvendo pesquisas em torno da alimentação humana. Essa importante setorial será alcançada através da

CODETEC (Companhia de Desenvolvimento Tecnológico), empresa criada junto a Universidade de Campinas, estado de São Paulo. A participação da COTRIJUI numa organização científica do porte e prestígio da CODETEC, organismo agregado a importante universidade, somada a incorporação da Pedritense, cooperativa estruturada em bases de produção e distribuição de alimentos, mostra que seu direcionamento tem por base a busca de soluções através desse campo de atividade.

Em face disso, a COTRIJUI hoje pode dispor de algumas variantes alimentares da produção de seus associados, com perspectivas de ampliar a médio prazo, com reais benefícios para a economia nacional, além da garantia de colocação a preço ideal para seus associados

## SAÚDE, UMA PREOCUPAÇÃO



Todos sabem como é carente o nosso interior, de infraestrutura em relação a saúde pública. Municípios há onde sequer existe um pequeno hospital. Muitos outros onde um único médico desdobra-se para atender todo um município. Esse problema sempre preocupou as administrações da cooperativa.

Data de 1964 o primeiro convênio de assistência médica, a nível de consultas, e assistência odontológica, prestado pela COTRIJUI a seu quadro social. Hoje, naturalmente, esse setor importante da saúde possui uma excelente estrutura, a nível ampliado para o campo da hospitalização em toda a área de ação da cooperativa. E no caso de Santo Augusto, com a manutenção de hospital de propriedade da cooperativa, o Hospital Santa Teresinha.

Convênio em vigor com a UNIMED-IJUI (vem sendo mantido desde julho de 1976), ampliou esse atendimento a todos os campos da saúde, desde o exame preventivo até a hospitalização, exames laboratoriais, clínica odontológica, etc.

Breve estatística dos últimos 12 meses de operação do convênio mostra os seguintes números, nas diversas setoriais de atendimento: clínica odontológica - associados e seus familiares atendidos, 12.541; funcionários e familiares atendidos, 1.086 Total, 13.627. Atendimento para restaurações, 10.314, para extrações, 4.125. Atendimentos diversos, 20.137, totalizando 34.576.

Serviços médicos, hospitalares e laboratoriais - total de associados e dependentes atendidos, 12.279. Funcionários e dependentes atendidos, 1.835, totalizando 14.114. No período foram feitas 23.454 consultas médicas e 7.708 exames de laboratório e atendidos 1.112 serviços de ginecologia e 1.392 internamentos hospitalares. Esse serviço é pago parte pelos associados e funcionários em descontos diretos e parte pela cooperativa.

A COTRIJUI sente que a área da saúde é a mais problematizada. Por isso, dedica-lhe atenção especial, pois o homem é o bem maior de uma cooperativa. No cooperativismo o homem vale mais do que o capital, por isso precisa ter saúde. Buscando ampliar esse atendimento, mantém também um convênio com a Secretaria Estadual da Saúde com vistas à desenvolver na região a medicina comunitária.

# ASSISTÊNCIA COMERCIAL AOS SEUS ASSOCIADOS

Em outubro de 1964, a cooperativa começou a prestar novo tipo de serviço aos associados, atendendo reivindicação. Esse serviço constou da instalação de Postos para recebimento de produto dos associados e armazém para fornecimento de artigos de primeira necessidade. O primeiro Posto foi instalado no município de Ajuricaba, no distrito de Ramada. Hoje esse Posto de ramada foi extinto, e construído um supermercado na vila de Pinhal, com maior capacidade de atender a ambas as comunidades que ficam bem próximas.

A seguir foram instalados postos em Santa Lúcia, interior de Ijuí; São Pedro, município de Tupanciretã; Sitio Gabriel, município de Miraguaí; Linha 28, município de Ajuricaba; Tronqueira, Miraguaí e Linha 6 Norte, Ijuí. Esses Postos continuam a prestar serviços hoje.

Em dezembro de 1973 foi aberto o primeiro auto-serviço. Este, localizava-se em Ijuí, na sede velha da rua José Hickembick. Seguiram-se a abertura de supermercados em Tenente Portela, Ajuricaba, Santo Augusto, Coronel Bicaco, todos nas respectivas cidades e nas localidades de Rosário, Augusto Pestana, Formigueiro, Ajuricaba, Mauá, interior de Ijuí e o já referido supermercado de Pinhal, em Ajuricaba.

O supermercado de Ijuí, com a mudança da sede da cooperativa para o bairro Osvaldo Aranha, recebeu modernas e amplas instalações, sendo dividido em auto-serviço na parte de alimentação e mais loja, com artigos femininos e masculinos e seção de eletrodomésticos. Outros supermercados estão projetados, inclusive em Dom Pedrito, a nova unidade incorporada a COTRIJUI.

## AQUI, ÓLEO MUCAMA

Com o crescimento da COTRIJUI, inclusive com sua entrada este ano no setor da carne, laticínios e mesmo numa faixa mais ampla da agricultura, com perspectivas a médio prazo de atuação até nos hortifrutigranjeiros, a tendência é da cooperativa estar presente nos supermercados com uma linha cada vez maior de produtos. Houve época, porém, que a presença da COTRIJUI deu-se com apenas um produto, o

óleo de soja Mucama, um veterano no paladar de gaúchos, paranaenses e cariocas e por isso mesmo o preferido das donas-de-casa nessas praças consumidoras. A foto que ilustra este texto foi tirada em Curitiba, num dos supermercados do grupo Mercadorama. Não lembramos a data, mas é antiga, pois como poderá ver-se pelo preço afixado no topo da "pirâmide", seu custo era de 2,85 a lata.



Durante  
da em Ijuí a  
incorporou a  
Agro-Pastoris.

Ao ser o  
destacamos em  
COTRIJUI  
to mereca, dis  
dente Ruten II  
"Nesta pl  
semblante e ap

O casam  
cuária; isto é  
racional da po  
mica da terra  
transformando  
até mesmo no  
so Estado. Ter  
tatação progr  
COTRIJUI  
mostrar a seu  
noroeste, onde  
so de seu qua  
tância de mola  
tra a fazenda  
das conquistas  
mos de "mola  
porque do p  
nistrativo e ec  
atualizada. Co  
casa grande de  
tuguês, mas be  
estilo de vida,  
res da estância  
princípio deste

Focalizam  
creio, da Parce  
do R. da Silva  
trada pelo pecu  
tônio Cândido  
lizada à equer  
tas Livramento  
da cidade de D

A constru  
remonta do an  
esses anos, o p  
linhas arquit  
apesar de já ha  
A manutenção  
que os historia  
memória visual  
o estudo da só

# COTRIJUI NA REGIÃO DA CAMPANHA

Durante assembléia geral extraordinária realizada em Ijuí a 17 de fevereiro deste ano, a COTRIJUI incorporou a Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris.

Ao ser oficializada a incorporação, conforme acabamos em reportagem na edição de março do TRIJORNAL, com o destaque que o acontecimento mereceu, disse entre outras coisas o diretor-presidente Ruy Ilgenfritz da Silva:

"Nesta platéia já nos é difícil identificar pelo semblante e aparência, a existência de qualquer sepa-

ração pelas origens, dos membros que compõem esta assembléia. Já é quase impossível saber quem veio de Dom Pedrito ou de Ajuricaba; Tenente Portela, Coronel Cicaco ou mesmo de Ijuí. O que podemos ver é que as mãos de todos são calejadas pelo trabalho produtivo.

Nós, que a partir de hoje, podemos nos dirigir aos companheiros de Dom Pedrito como nossos associados, nos declaramos satisfeitos por esta integração que é o resultado de um esforço de homens lúcidos e desprendidos, desapegados de cargos. Que ao darem-

se conta que havia um meio de centralizar a administração para baratear os custos e com isto oferecer melhores resultados econômicos aos associados, buscaram esse centralismo que sem dúvida é a solução para o crescimento e a definitiva consolidação do cooperativismo.

A partir daquele dia a Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris deixou de existir, passando a integrar seu ativo e passivo, bem como seu quadro social, bens patrimoniais e quadro de funcionários na COTRIJUI.

## A ESTÂNCIA E A LAVOURA NO CASAMENTO DA PRODUÇÃO

O casamento agricultura-pecuária; isto é, o aproveitamento racional da potencialidade econômica da terra, vai aos poucos transformando-se em realidade, mesmo no extremo sul do nosso Estado. Tendo em vista a consciência progressiva desse fato, o TRIJORNAL entendeu de mostrar a seus leitores da região Oeste, onde se localiza o grande seu quadro social, uma espécie de moldes visuais que mostra a fazenda típica dos tempos conquistados castelhanos. Diz-se de "moldes visuais" apenas, que do ponto-de-vista administrativo e econômico, ela já foi realizada. Conserva, porém, na grande de estilo colonial por nós, suas benfeitorias, e no seu modo de vida, os mesmos caracteres da estância do século XIX e do início deste.

Focalizamos a Estância Recreio, da Parceria Pecuária Cândido R. da Silva e Filhos, administrada pelo pecuarista e médico Antônio Cândido da Silva Neto, localizada à esquerda da rodovia Pelotas-Livramento, nas proximidades da cidade de Dom Pedrito.

A construção da casa grande remonta ao ano de 1912. Passados 35 anos, o prédio mantém suas linhas arquitetônicas originais, apesar de já haver levado reforma. A manutenção desses princípios, segundo os historiadores qualificados de importância visual, é importante para tudo da sócio-gênese da cam-

panha gaúcha às gerações vindouras e até para o próprio turismo — interno e externo — pois é cada vez mais rara a existência de estâncias com visão arquitetônica do passado, no nosso interior.

Mas a Estância Recreio, que se olhada apenas da fachada de seu casarão principal vai lembrar ao visitante uma estância característica do tempo das xarqueadas, conforme aludimos antes, está na realidade adaptada para o enfrentamento social e econômico dos dias modernos. Dividida em 96 poteiros de 75, 15, 5 e uma hectare, respectivamente, dispõe de 24 açudes e duas barragens, inclusive com perspectivas de criação de peixes. Sua extensão é de 20 quadras de sesmarias, que equivalem a 1.740 hectares.

A população dos campos conta-se por 1.400 bovinos-carne,

raça Shortorn; 2.000 ovinos e cerca de 150 equinos da raça Crioula. Na área agrícola a situação da última safra foi a seguinte: 60 quadras de arroz (uma quadra é igual a 17.774 metros quadrados); 150 hectares de soja; 480 hectares de pastagens artificiais (trevo, cornichão, festuca e azevém) e 40 hectares de sorgo.

Eis, em síntese, uma estância racional e economicamente administrada, dando um excepcional montante de lucro a seus proprietários, enquanto o patrimônio se valoriza pelo recebimento de benfeitorias novas a cada ano. O dr. Antônio Cândido da Silva Neto, um veterano pecuarista apesar de médico, confessa que principalmente agora com a entrada da COTRIJUI na região, pretende dinamizar mais ainda a estância da Parceria, ampliando as lavouras.



O médico Antônio Cândido da Silva Neto, que dirige a Parceria.



Vista a distância da fachada do prédio principal, com frente para o norte.

## CHARQUE SECA NOS VARAIS



Com a incorporação da Pedritense, a COTRIJUI passou a operar também no setor pecuário. A carne bovina e ovina, a lã, couros e os diversos sub-produtos da carne, são industrializados e comercializados pela COTRIJUI através da COTRIEXPORT. Na foto aparece o charque secando no varal do frigorífico em Dom Pedrito. É, porém, atividade secundária.

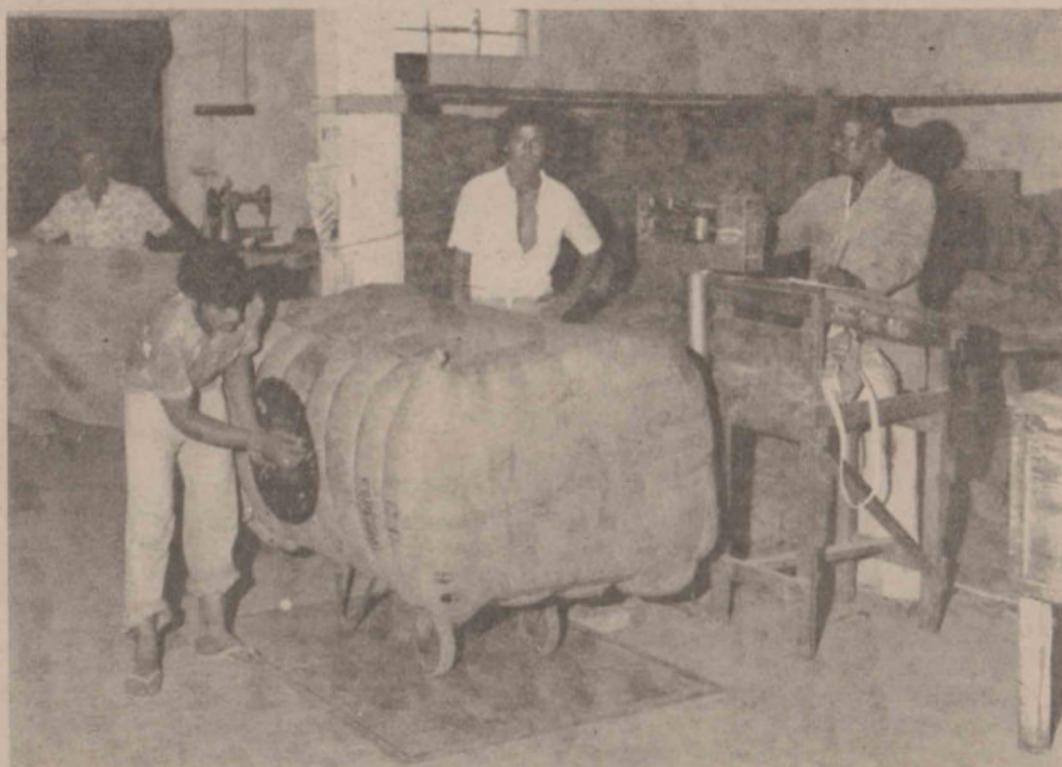
Um estudo da sócio-gênese do gaúcho mostra o charque como elemento agregador e propulsor da campanha. Ao redor da charqueada formavam-se os núcleos catalizadores dos grupamentos humanos que deram origem a maioria, senão a totalidade, das cidades de hoje de nossa região campesina. Dom Pedrito é uma delas.

Em primeiro lugar, a unidade militar, o forte bélico, erguido nos pontos estratégicos para manter nossa integridade territorial livre dos avanços espanhóis, isso, primordialmente, durante os séculos XVII e XVIII. E nas proximidades dos quartéis, com a missão, inclusive, de alimentar a tropa, o núcleo agregador da charqueada. Houve época que o Rio Grande do Sul viveu exclusivamente da renda do charque. Além de abastecermos o Brasil com a chamada carne seca, exportávamos enormes quantidades para os países da América Central. Cuba, por exemplo, era grande importador.

O primeiro ensaio econômico escrito sobre o Rio Grande do Sul tem como parâmetro de análise, o charque. São as "Memórias Econômico Políticas do Rio Grande de São Pedro". Seu autor foi o charqueador português radicado desde moço em Pelotas, Antonio José Gonçalves Chaves. Aliás, Pelotas está a merecer de há muito um estudo sócio-científico da gênese social e política do Rio Grande do Sul. Pois foi da sombra de suas charqueadas e do entrevero comercial de suas "tabladas", que se estabeleceram os parâmetros definidores e se implantou os marcos divisórios de nossa fronteira política. Houve época que Pelotas manteve em pleno funcionamento, 80 charqueadas entre médias e grandes. E sua "tablada" (local de concentração e leilão de gado) era tão movimentada como as de Buenos Aires e Montevideo.

Sem dúvida, o ciclo do charque foi decisivo para a formação social e política do Rio Grande do Sul. Ninguém que desconheça essa realidade terá condições de entender nossa economia — seu histórico e níveis atuais. A redação do COTRIJORNAL voltará, com mais vagar e maior espaço, a estudar o importante assunto.

## A LÃ PARA A EXPORTAÇÃO



A lã ovina é uma das riquezas do Brasil e o Rio Grande do Sul é o principal produtor, com cerca de 90% da produção nacional. Dom Pedrito e os municípios próximos — Bagé, São Gabriel, Rosário do Sul, Livramento e outros — concentram o grosso da produção lanígera do Estado. A barraca da COTRIJUI — ativa-se para receber quantidades cada vez maiores de lã. Na foto, a pesagem e marcação de um fardo destinado à exportação.

Produto nobre por excelência, a despeito do crescimento e da generalização do uso de fibras sintéticas na indumentária do homem, a lã, por suas propriedades naturais em questão de qualidade, é insubstituível. Quanto mais o homem moderno é obrigado a usar as fibras sintéticas em sua indumentária, dado a avalanche da industrialização em massa dessas fibras, mais ele fica saudoso dos tecidos e agasalhos feitos a base de lã.

E se a lã adquire singular importância no conjunto da vida dos povos que vivem em regiões frias, é fácil imaginar a importância do animal que a produz. O ovino pode ser qualificado como o toirão de ouro de que fala a mitologia. Os cientistas não descobriram ainda (resta saber se o descobrirão) um fio tão moldável como a lã. Mas essa lã, que tem a finura de delicado fio de seda quando isolada, adquire o peso e o impacto de malha tão forte quanto o aço, quando seus fios são acumulados uns aos outros. Com a lã você pode fabricar um delicado abrigo para usar no verão como um poncho capaz de lhe proporcionar o máximo de conforto mesmo ante a intempérie de rigoroso e inclemente inverno, guasqueado com o gelado minuano. Dizem os zootecnistas que a fibra lanígera é eternamente viva. É também elástica, amoldando-se perfeitamente às linhas do corpo.

E quanto ao ovino, todos sabem que este não dá apenas a lã. Sua carne é macia e saborosa, e adquire cada vez maior número de consumidores. Não é difícil prever que a ovinocultura terá cada vez maior importância no concerto sócio-econômico dos países cujas condições naturais lhes possibilitem manter em seus campos manadas cada vez maiores de ovinos.

A COTRIJUI, atuando hoje na região de Dom Pedrito, tem consciência da importância da ovinocultura e fará o que estiver ao seu alcance para melhorar seus índices de produtividade.

# COTRIEXPORT É A COTRIJUI NA COMERCIALIZAÇÃO

“O crescimento da COTRIJUI em termos de infraestrutura de armazenamento, produção e transporte, inclusive com aumento paulatino do recebimento dos produtos, principalmente soja, indicou que a cooperativa necessitava aparelhar-se a níveis comerciais para garantir a boa colocação dos produtos de seus associados. A dinâmica de mercado em relação ao produto, tendo em vista que no caso da soja esta precisa ser comercializada na entressafra da similar norte-americana, fez com que a direção da cooperativa pensasse em termos de criar uma própria empresa de comercialização. Assim nasceu a COTRIEXPORT, e paralela a esta, a COTRI-CÂMBIO é COTRISEGURO, como organismos assessores.

A COTRIEXPORT S.A. — Exportação e Importação, matriz em Porto Alegre e filiais no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Rio Grande, foi fundada a 14 de janeiro de 1975.

Na safra de 1975 a COTRIEXPORT já funcionou como agente corretor da COTRIJUI na colocação dos seus produtos no mercado consumidor interno e a nível

internacional. Neste caso, para soja em grão e farelo de soja.

Em 1976 a COTRIEXPORT se lançou na conquista de novos mercados no exterior, quando se concretizou a venda de 150 mil toneladas de soja para o México, o que se constituiu na primeira venda de produto primário brasileiro para aquele país, até então comprador exclusivo dos Estados Unidos. Esta venda significou o início das vendas diretas a nível multinacional, num trabalho de “hedging” entre COTRIEXPORT e COTRIJUI no ano de 1976. Com a entrada em funcionamento da unidade industrial de Rio Grande, a COTRIEXPORT ampliou suas ofertas de produtos próprios: óleo bruto e farelo. Até o momento já foram efetuadas vendas de soja prensada (“pellets”) na proporção de 60 mil toneladas para uma grande cooperativa holandesa — Cehave NV Veghel, na abertura de um intercâmbio direto (ver COTRIJORNAL de março), estando se desenvolvendo entendimentos semelhantes com cooperativas da França.

Com o mesmo objetivo, da mesma forma, am-

pliam-se as possibilidades de novas vendas ao México, bem como a outros países da América Latina.

A partir do corrente ano de 1977, ocorreu a entrada da COTRIEXPORT e da COTRIJUI como “operadores diretos” na Bolsa de Cereais de Chicago. Este trabalho é feito em convênio com a Drexel Burnham do Brasil, que tem sede naquela metrópole do meio oeste dos Estados Unidos. A Drexel Burnham realiza o “hedging” para a COTRIJUI/COTRIEXPORT graças a esse esquema de ação. Através da infraestrutura montada, neste ano de flutuações violentas no mercado, a COTRIJUI tem enfrentado o mercado internacional com segurança.

Com a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, concretizada a 17 de fevereiro deste, novos produtos passaram a integrar o montante de oferta da COTRIJUI. Carnes de bovinos e ovinos, lãs e couros no setor pecuário e, na agricultura, o arroz e o sorgo, conforme damos maiores detalhes em outro local desta edição. Esta é uma síntese da empresa responsável pelas vendas da Cotrijui.

## TROCA DE IDÉIAS NAS REUNIÕES DA COTRIJUI



Uma reunião nos moldes COTRIJUI, na campanha. Tendo por local a sede do CTG Rodelo da Fronteira, realizou-se a 31 de maio reunião com a participação de cerca de 200 associados, que ouviram o diretor-superintendente Clóvis Adriano Farina e técnicos em comunicação e educação discorrerem sobre importantes assuntos de aplicação de técnicas e associativos em geral. Essas reuniões, que são comuns na região noroeste do Estado, de a COTRIJUI mantém o grosso de seu quadro social, passarão agora a fazer parte do trabalho dos técnicos também na região da campanha, onde a cooperativa conta com cerca de 2.000 associados. As fotos, que mostram na parte superior o sr. João Clóvis Gonçalves Maia, último presidente da extinta Pedritense prestigiando a reunião presidida pelo diretor-superintendente Clóvis Adriano Farina, por retratar a primeira reunião naquele município, tem conotação histórica. Na seção de Municípios estamos dando maiores detalhes desta reunião.

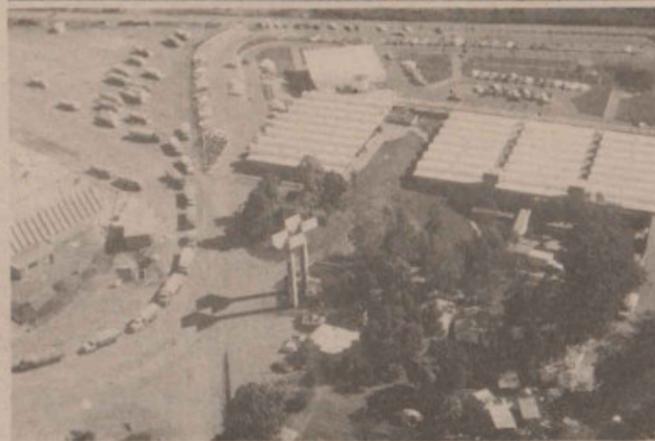
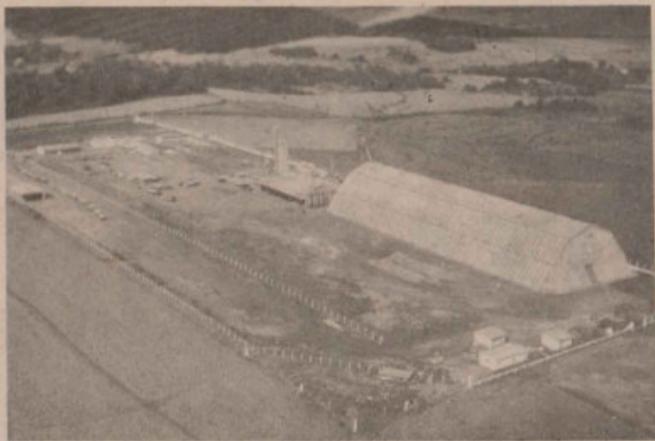
## TRABALHO DE EXTENSÃO COM AS SENHORAS



A partir de maio de 1976, a COTRIJUI passou a dar mais atenção ao trabalho que desenvolve junto as esposas e filhas de associados, com a integração ao quadro de funcionários do setor de comunicação e educação, da professora Noemi Huth. A movimentação inicial foi para organização dos núcleos. No ano passado foram organizados oito, com os quais a extensionista desenvolveu trabalhos de economia doméstica. Atualmente, estão em funcionamento efetivo 16 núcleos, a saber: Esquina Santo Antônio, Potreirinhos, Cará, Coronel Lima e São João da Bela Vista no Distrito de Jóia, Tupanciretã; Linha Progresso, Ponte do Ijuizinho, Rincão dos Müller, Pa-

raíso e Ijuizinho, no município de Augusto Pestana; e Linha 4 Leste, Colônia Santo Antônio, Linha 8 Leste, Boa Esperança, Santa Lúcia e Saltinho, em Ijuí. No período de um ano de existência, o setor já realizou 111 reuniões, quatro cursos de corte e costura e um curso sobre o emprego da soja na alimentação, ministrado para professores rurais de Coronel Bicaco. Essa atividade deverá ser ampliada, proporcionando às esposas e filhas de associados de outros municípios, a participação de cursos de economia doméstica, culinária e corte e costura.

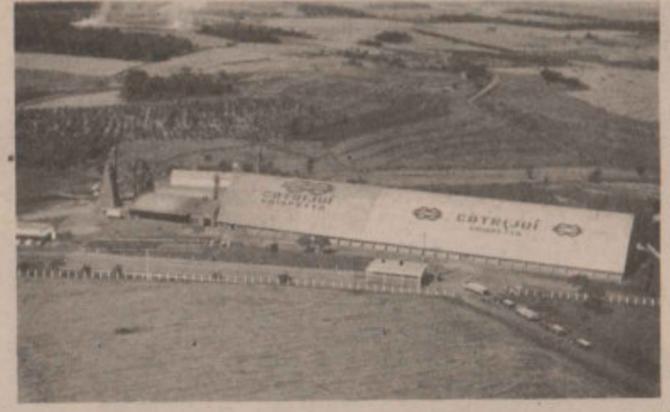
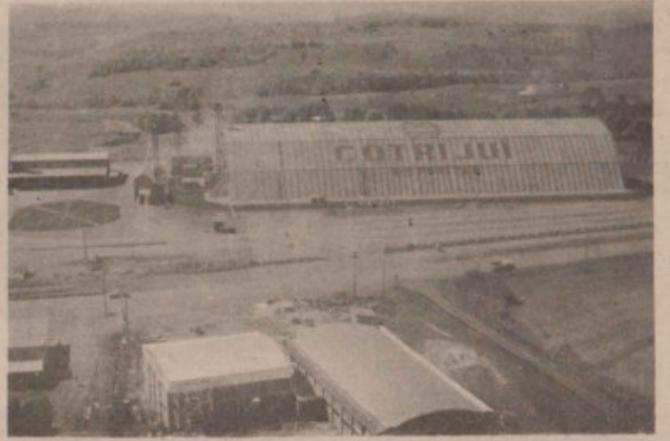
Na foto, senhoras do Núcleo São João da Bela Vista, Vila Jóia.



## ALGUMAS UNIDADES DA COTRIJUI

Não é fácil reunir por ordem cronológica a exposição de empreendimentos quando eles adquirem a expressão e o porte de uma COTRIJUI. Nas 32 páginas deste Suplemento Histórico dos 20 anos da cooperativa, pensamos ter exposto o que de mais expressivo existe na organização. Com isso, queremos confessar que algo deve ter ficado fora, pois consideramos tarefa praticamente impossível programar hoje a COTRIJUI de corpo inteiro numa publicação, por mais maçuda que venha a ser. Mesmo porque, é possível que apenas durante o breve período em que o material escrito na redação passou pelas diversas seções da gráfica, tenham se concretizado novos empreendimentos que ficaram à margem do conhecimento da redação.

Focalizamos nestas páginas unidades da COTRIJUI nos municípios de Ajuricaba, Augusto Pestana, Chiapetta, Coronel Bicaco, Ijuí, Santo Augusto, Vila Jóia e Tenente Portela. A cooperativa possui unidades em Rio Grande (220.000 toneladas estáticas) e Dom Pedrito, conforme constam em outros locais deste Suplemento.



# Cresça conosco.



# COTRIJUI ENFRENTA O DESAFIO DA AMAZÔNIA

Depois de uma tramitação formal que excedeu um pouco as previsões de tempo, foi celebrado na segunda quinzena de março do corrente ano, no gabinete do sr. Ministro da Agricultura, o contrato de concessão de terras públicas, entre o INCRA e a COTRIJUI, através do qual se transferiu uma área de 400 mil hectares localizada a 85 km de Altamira e destinada à execução de programa pioneiro de colonização através da Cooperativa, associado a projetos de rememoração no sul do país.

Secundando aquele procedimento protocolar, foi firmado outro contrato entre o INCRA e COTRIJUI, através do qual aquele cedeu a esta, sob forma de comodato, um motel e uma serraria, com respectivas instalações e benfeitorias, na localidade denominada Brasil Novo, Agrópole situada à margem da Transamazônica, a 46 km de Altamira.

Com o apoio do INCRA, a 5 de junho deslocou-se para a Amazônia, a equipe precursora da COTRIJUI que marca, desta forma, sua presença efetiva no norte do país.

## AMAZÔNIA SE CONSCIENTIZA E ATIVA SUAS POTENCIALIDADES QUEBRANDO OS TABUS DE SUA INTOCABILIDADE

Os resultados da colonização procedida pelo INCRA, através de seus Projetos Integrados de Colonização, a despeito das dificuldades naturais a todas as iniciativas pioneiras, estão demonstrando a plena viabilidade agrícola de uma das maiores reservas de recursos naturais do mundo. As necessidades alimentares de uma crescente população mundial, por um lado, e o esgotamento das fronteiras agrícolas tradicionais por outro lado, fazem o mundo volver seu interesse para os enormes mananciais existentes nos trópicos úmidos do globo. O Brasil, titular de uma das maiores áreas daquele manancial, por razões de ordem política, econômica e social, aceitou o desafio de ocupar e desenvolver as potencialidades

amazônicas. Sem dúvida, as tarefas são enormes. Mas a cada passo delinea-se uma metodologia racional de ocupação em benefício da economia agrícola nacional e do mundo. É preciso ocupar e desenvolver sem destruir e sem comprometer o equilíbrio ecológico.

O programa de ocupação e colonização é executado a partir de minuciosos estudos relativamente a solos, topografia, vegetação, recursos hídricos etc. a aptidões das diferentes culturas ao meio ecológico. As áreas agricultáveis são identificadas através dos levantamentos aerofotogramétricos com o indispensável apoio terrestre. Nenhum desmatamento se processará sem que fique devidamente comprovado e garantido a eficácia da produção e a possibilidade da conservação e controle de todos os recursos naturais: solo, fauna, flora, mananciais hídricos etc. As combinações de culturas recomendadas para o emigrante do Rio Grande do Sul serão sempre compatibilizadas com aquele princípio fundamental e por outro lado com a disponibilidade quantitativa e qualificativa de mão-de-obra disponível.

## PREVÊ-SE PARA JULHO O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DAS ESTRADAS DE ACESSO

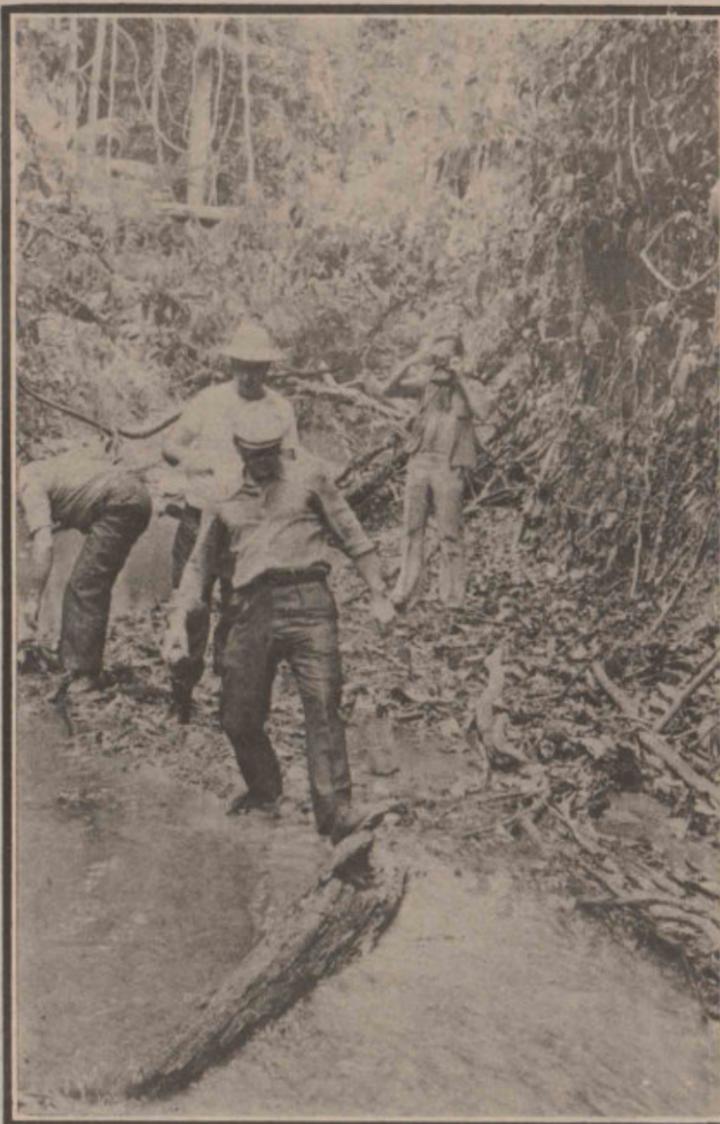
Os recursos já postos à disposição de Projeto pelo POLOMAZÔNIA garantem o início dos trabalhos. A COPAGRO, entidade de economia mista vinculada ao Governo do Estado do Pará será a executora das obras cujo contrato deverá ser firmado nos próximos dias. Com as obras das estradas e preparação das áreas para os lotes de colonização entrará em atividade imediata a serraria recebida do INCRA.

Deverão ter início nas próximas semanas os trabalhos de inscrição e seleção dos candidatos a emigrante para a Amazônia. Se as condições de tempo ocorrerem favoráveis e os rendimentos dos trabalhos de demarcação e preparação dos lotes se mostrarem compatíveis com a programação,

existirá a possibilidade de se transferirem agricultores antes do início da próxima estação das chuvas, isto é, fim do ano. Todavia, a pressa sendo inimiga da perfeição, não preocupa a época da transferência desde que se possa dar ao emigrante o mínimo de garantia de êxito e estabilidade.

O Projeto da COTRIJUI em seus aspectos relacionados com a colonização, bem como o rememoração de minifúndios está sendo detalhado para conhecimento da opinião pública. Todavia, podem ser assim resumidos os principais tópicos relativamente à Amazônia:

- 1) O emigrante receberá uma gleba de 100 a 400 hectares que haverá em propriedade particular e que administrará com o auxílio de sua família.
- 2) A gleba decompor-se-á em duas partes: a primeira, que poderá utilizar integralmente em atividade agrícola de caráter intensivo; a segunda, que manterá englobada com outras áreas, de forma contínua, se assim for recomendado, para satisfação das exigências legais de reserva mínima e dos imperativos do equilíbrio ecológico;
- 3) O emigrante não exercerá, de forma individual, nenhuma atividade florestal. Com vistas à eficiência e racionalidade da exploração madeireira, todo empreendimento será de responsabilidade da Cooperativa, participando cada associado da forma prevista pelo próprio sistema;
- 4) O emigrante exercerá atividade agrícola intensiva, mecanizada e tecnificada com o apoio cooperativo em termos de assistência técnica, crédito, suprimento de insumos e bens de uso doméstico, armazenamento, transporte e comercialização de sua produção;
- 5) O emigrante receberá área limpa e destocada, para utilização imediata, rigorosamente compatível com a disponibilidade de mão-de-obra em sua família, determinada através da combinação de cultivos e sua exigência de trabalho, ao longo de todo o ano agrícola;
- 6) A combinação de cul-



O coordenador do Projeto, economista Edgar Irio Simm, prepara-se para saltar um igarapé.

turas será feita de tal forma a proporcionar ao emigrante a necessária estabilidade em termos de rendas familiares, bem como proporcionar-lhe, diretamente, os benefícios decorrentes da integração lavoura-indústria, com respeito às unidades que serão implantadas;

7) A quantidade de terra agricultável que será transferida ao emigrante será potencialmente suficiente para duas famílias — a do pai e do filho adulto. Criar-se-ão, paralelamente, condições através da implantação de programas vocacionais, para que os filhos do emigrante possam integrar-se nas unidades agro-industriais e de prestação de serviços que serão implantadas;

8) O emigrante será estimulado a utilizar, de forma associativa, não apenas as máquinas e equipamentos de maior porte, mas também a própria terra quando as vantagens de escala recomendarem a organização de lavouras contínuas;

9) O emigrante investirá, na Amazônia, a maior parte dos recursos apurados com a venda de suas terras e benfeitorias aos nucleadores do Rio Grande do Sul, a fim de assegurar, juntamente com o apoio financeiro da cooperativa e do governo, a condição da lavoura

capitalizada e com isso elevar ao máximo a produtividade de seu trabalho;

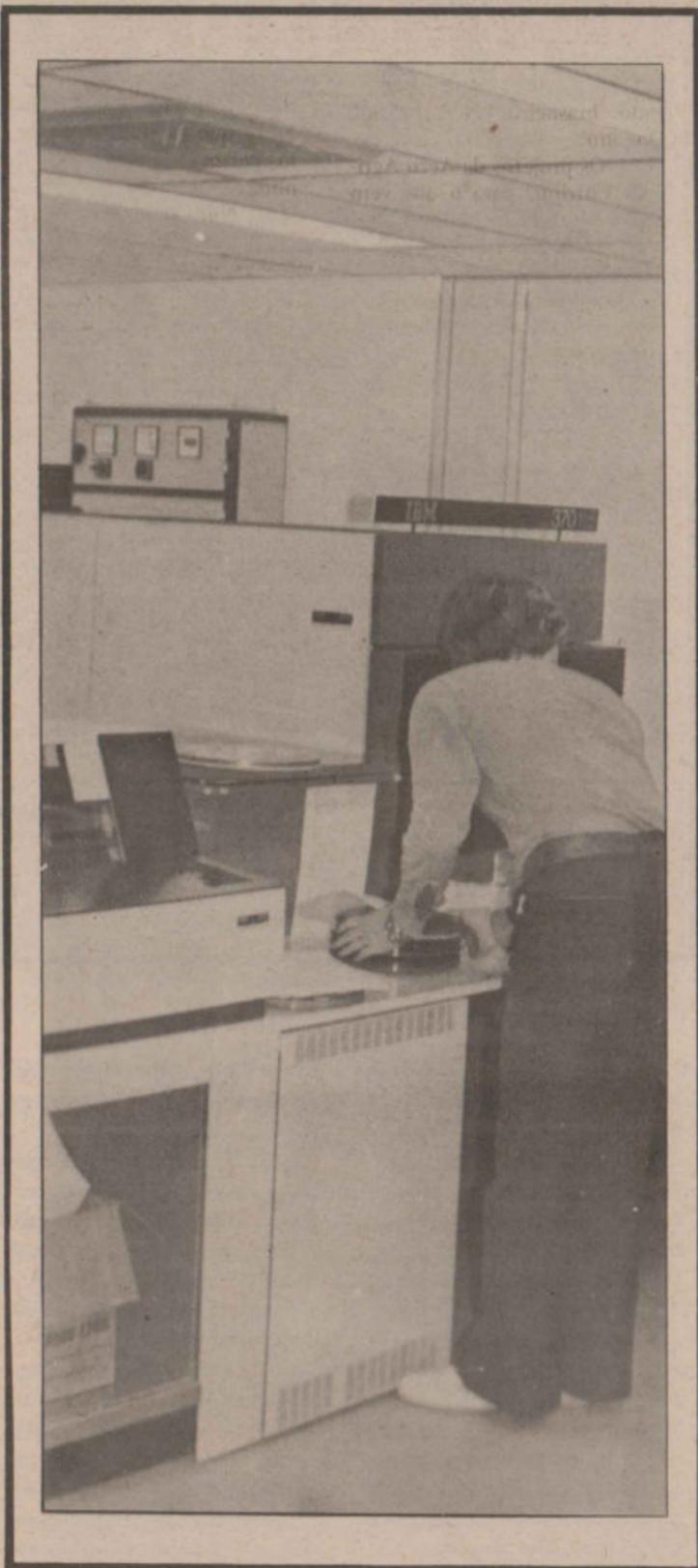
10) Nenhuma atividade ou forma organizacional terá caráter impositivo. Não se estimulará, todavia, nenhuma cultura cuja viabilidade técnica e econômica não tiver sido previamente testada;

11) As normas de utilização associativa de terras ou máquinas terão caráter absolutamente voluntário, devendo os agricultores que se propuserem a operar nestas condições serem selecionados previamente, a fim de receber treinamento compatível e identificar-se desde logo com seus parceiros.

12) Não se adotará, na Amazônia, nenhuma circunstância provisória ou emergencial. Agricultores somente serão transferidos no momento em que as condições para localização definitiva estiverem criadas;

13) Afora a participação governamental que representa o exercício de sua natural competência e aqueles que se compatibilizem com os programas regionais de desenvolvimento, o Projeto rejeitará toda forma de paternalismo, devendo todas as suas atividades caracterizarem-se pela mais legítima competitividade.

# CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS



A veracidade e esmero com que a cooperativa sempre se ateu em relação ao conjunto da administração dos bens e dinheiro de seus associados, a despeito de ser um dever moral e legal do dirigente, motivou estes a tomar medidas inéditas nesse campo. A modernização da contabilidade a nível de processamento de dados e a contratação de auditoria contábil,

ano seguinte, em abril de 1973, a soja da safra 1972-1973 passava também a ser contabilizada pela Prodasa, e mais a conta-corrente e conta-capital da cooperativa, para no ano de 1975, em novembro, lhe serem entregues o processamento da folha de pagamento dos funcionários e conta de crédito dos associados.

## AUDITORIAS

Desde o começo do

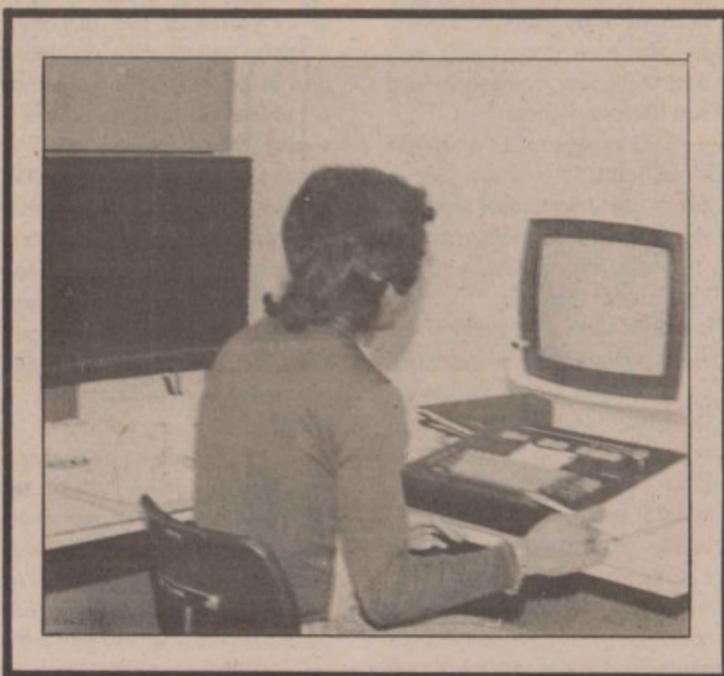
cooperativa, através do uso do que havia de mais moderno e dinâmico no campo da economia e contabilidade comparada, para acompanhar o processo desenvolvimentista que se processava em todas as suas setoriais. Ambas essas auditorias continuam operando para aferir a exatidão dos dados contábeis operacionais da COTRIJUI.

## COTRIJUI COMPRA REGIONAL DATA

A permanência da contabilidade da cooperativa sendo operada em Porto Alegre, agravava-se por dois fatores fundamentais. Primeiro, a distância Ijuí-Porto Alegre, e consequente cobertura em toda a região interior (noroeste do Estado) da cooperativa, levantando dados in loco e trazendo as respostas processadas. Era excessiva a quilometragem a ser feita. De outro lado, a expansão da própria área de ação da cooperativa, mostrava a necessidade de se centralizar o serviço de processamento de dados em Ijuí.

Isso foi possível com a compra da Regional Data, empresa de processamento de dados instalada em Ijuí. O negócio foi efetivado a 9 de junho de 1976. E a antiga Regional Data passou a chamar-se Centro de Processamento de Dados COTRIJUI - CPD.

O CPD, equipado com moderno sistema de análise eletrônica, está localizado à rua José Hickembick, no local onde funcionava a COTRIJUI.



foram dois serviços de singular importância para a vida da cooperativa e a forma mais racional de acompanhar seu desenvolvimento que procedeu de forma horizontal e vertical.

Em outubro de 1972 a COTRIJUI contratava os serviços da Prodasa S.A., empresa porto-alegrense de processamento de dados, para escriturar a safra de trigo daquele ano. A eficácia da medida foi a melhor que se poderia esperar. No

ano de 1974 a cooperativa mantinha um serviço de auditoria interna. No final daquele ano, graças a constatação da importância do serviço, principalmente em face do crescimento da cooperativa, a auditoria foi ampliada para todos os setores, com a contratação dos serviços da ASCOP Ltda. - Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria, também da Capital do Estado.

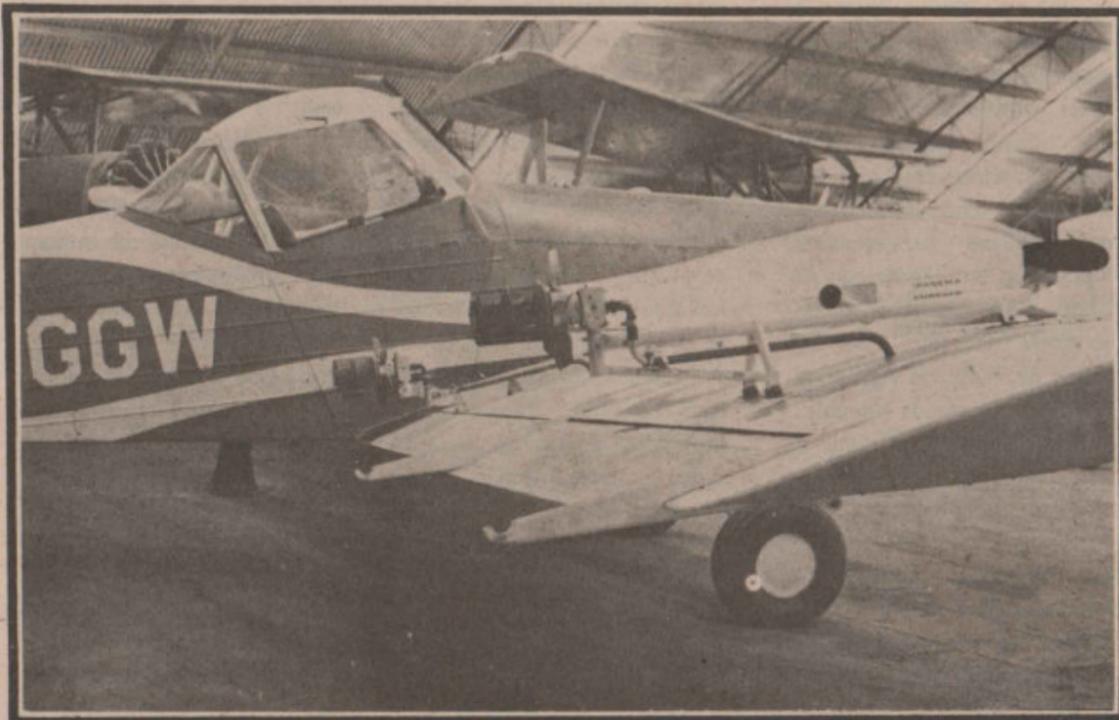
Era a preparação da

**Conte com ela.**

**COTRIJUI**

- A FORÇA DA UNIÃO.

# AERO AGRICOLA COTRIJUI



O Ipanema, com algumas inovações para o melhor desempenho agrícola.

O crescimento vertical das safras, isto é, o aumento da produtividade na mesma área, depende fundamentalmente do controle de pragas e moléstias que atacam os cultivos em pleno crescimento ou amadureci-

mento. E já de alguns anos, não apenas no Brasil mas em todos os países onde se cultiva agricultura extensiva, usa-se o avião para o combate das pragas e controle das doenças, fúngica.

Desde 1973 que a COTRIJUI conta com os bons serviços da Aero-Agrícola Cotrijui, uma empresa que contou desde sua fundação com a orientação técnica e de gerência de um especialista, o argentino naturali-

zado brasileiro, Nestor Diaz Quijano.

Os projetos da Aero Agrícola Cotrijui, para o que vem desenvolvendo tecnologia desde a sua fundação em 1973, é operar com aviação noturna. Ainda no período de sua fundação, realizou duas demonstrações para autoridades do Ministério da Aeronáutica e do Ministério da Agricultura, tendo-se constatado a eficácia do sistema. Mas essa técnica ainda não foi aprovada, estando em estudos pelas autoridades do setor.

A Aero Agrícola Cotrijui desenvolveu a técnica de aplicação a Ultra Baixo Volume, obtendo a desaceleração da velocidade de impacto da gota, com melhor distribuição vertical do produto. Com essa técnica, obteve redução de até 50% da dose necessária para o controle de pragas na lavoura.

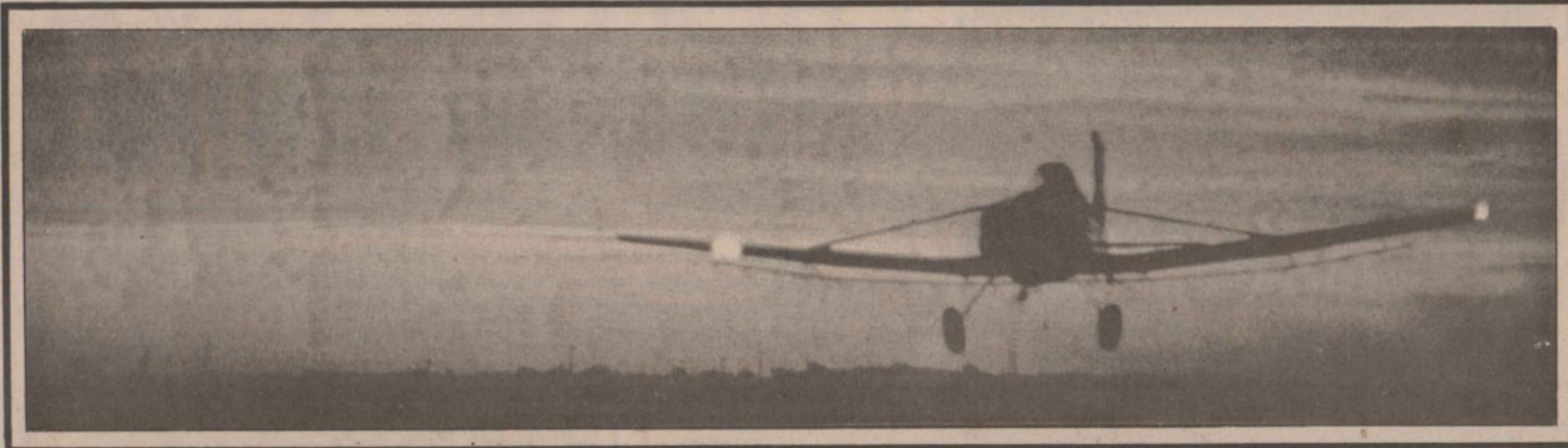
A empresa possui quatro aviões, sendo dois aparelhos Ipanema de fabricação nacional - EMBRAER - e dois Ag-Cat, da Grumman, fabricação norte-americana. Graças a modificações procedidas nos aparelhos Ipanema, estes ficaram com

maior capacidade operacional, tanto que foram apelidados pelo pessoal da Aero, de "Jatinhos".

Num trabalho inédito no País, a empresa operou com pequenos produtores que individualmente não teriam condições de aproveitar os recursos da tecnologia aero-agrícola. Isso foi possível pelo barateamento dos custos.

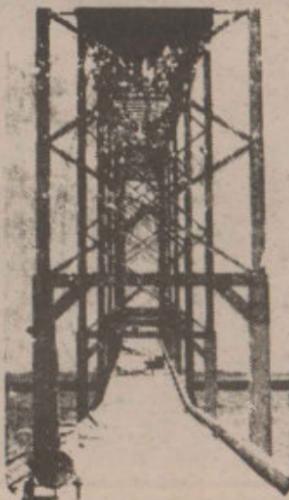
Mas a meta mais importante nesse campo é a modificação da legislação brasileira que impede o trabalho noturno de aviões de categoria agrícola. Experiências realizadas pela COTRIJUI ainda em 1973 em Ijuí e em Chiapetta, com a presença fiscalizadora de autoridades do Ministério da Aeronáutica e do Ministério da Agricultura, provaram a eficiência da técnica bem como a segurança dos vôos.

Mas independentemente da aprovação da regulamentação para vôos operacionais noturnos, a Aero Agrícola é hoje uma grande realidade, com imensas possibilidades potenciais de crescimento. Sem dúvida, mais uma vitoriosa realização da COTRIJUI.



A eficiência operacional, a segurança do trabalho não só para o piloto - protegido pela natural diminuição de temperatura e queda dos elementos tóxicos - mas também para o pessoal de apoio em terra, além da economia já devidamente testada nos países de agricultura mais adiantada, está transformando a aviação agrícola com aplicação noturna, na solução ideal. A foto, já publicada no COTRIJORNAL, mostra "a razante" de um avião agrícola sobre um campo de soja na região do Vale do Tennessee, nos Estados Unidos.

## Associa-te ao progresso!



Associa-te à Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. e cresce com o Rio Grande e com o Brasil. A união de muitos faz a força de todos.

  
COTRIJUI

# CENTRO DE TREINAMENTO COTRIJUI



Experimento para controle da erosão.

Em março do ano passado, mediante termo de ajuste com o Ministério da Agricultura, a COTRIJUI assumiu o controle do Posto Agropecuário de Ijuí, localizado no município de Augusto Pestana. Esta reportagem, passados 16 meses da posse, mostra o que a Cooperativa já conseguiu realizar

em benefício da pesquisa, com projeções futuras do que se pretende desenvolver a seguir, por etapas sucessivas, pois o antigo Posto Agro-Pecuário está sendo preparado para ser um centro de treinamento e experimentação agropecuária.

O Posto Agro-Pecuário já vinha servindo, há anos, como

local de pesquisa. A COTRIJUI, ao assumir seu controle, procura aliar-se a outros órgãos de experimentação e pesquisa para dinamizá-lo. Como resultado desse esforço foram conduzidos trabalhos conjuntamente com as seguintes entidades: EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias; FECOTRIGO - Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja Ltda; IPAGRO - Instituto de Pesquisas Agrônomicas da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul; Faculdade de Agronomia de Porto Alegre; Institut Führ Pflanzebau und Pflanzenzüchtung der Universität Göttingen - Alemanha.

A COTRIJUI conduziu conjuntamente com estas entidades os seguintes trabalhos: multiplicação de linhagens de trigo e soja, ensaio com fungicidas, competição entre variedades e linhagens de trigo, ensaio preliminar e estadual de trigo, pesquisa na área de conservação do solo, experimentos sobre fertilizantes usados na cultura da soja, estudos sobre colza, plantio direto, milho,

feijão-preto e desenvolveu trabalhos conjuntamente com firmas comerciais. Na área de forrageiras, com a colaboração da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conduziu os seguintes experimentos: Comparação de cultivares de aveia submetida a diferentes sistemas de utilização para produção de forragem e grão; comparação de 204 cultivares de aveia, além do estabelecimento de áreas com Panicum Gatton mais Desmódio e Siratro, Setária mais Desmódio e Siratro, Trevo Vermelho, Trevo Yuchi e melhoramento de áreas de campo nativo com trevos.

No setor da pecuária iniciou o trabalho com um rebanho da raça Fleckvie, composto de 43 animais. Neste primeiro ano ocorreram 12 nascimentos, onde animais que apresentaram bom desempenho foram enviados para a estação de avaliação de bovinos. Apesar do rebanho não ser próprio para produção leiteira, conseguiu-se no período atingir uma produção de 17.474 litros de leite.

No setor de treinamento

dedicou esforços para sua estruturação. Esta área será dinamizada com a construção do centro de treinamento, composto de salas de aula, alojamento e refeitório, dando assim condições para atingir os objetivos propostos.

Na área de diversificação, além do programa de integração lavoura-pecuária, outras opções como horticultura, fruticultura e um projeto para criação de peixes estão sendo programadas no sentido de dar ao produtor outras alternativas de produção.

Procurou-se neste curto espaço de tempo difundir os trabalhos ali realizados, proporcionando visitas com agricultores, com técnicos, treinamento para técnicos, demonstrações práticas, além de treinamento para alunos do Centro de Ciências Rurais da FIDENE e do Curso de Técnicas Agrícolas do IMERAB.

A par do que foi realizado no Centro de Treinamento, acredita-se que muito ainda deverá ser feito no sentido de transformar esta unidade de trabalho.

## VISITAS AO "CENTRO"

O Centro de Treinamento Cotrijui cada vez desperta maior interesse das áreas técnicas do Estado e do País, que visitam-no sempre que vem a Ijuí. A diversificada linha de ensaios e multiplicações nos campos de experimentos, são de largo interesse principalmente para engenheiros-agrônomo, médicos-veterinários e técnicos-agrícolas. Na foto um grupo de técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias - EMBRAPA - confraternizam com técnicos da COTRIJUI no antigo Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, hoje Centro de Treinamento Cotrijui, localizado no município de Augusto Pestana.



Campo de multiplicação de semente.



Agrônomos da COTRIJUI recebem colegas da EMBRAPA.

# DEPARTAMENTO TÉCNICO

Quando foi estruturado o Departamento Técnico, em 1968, a COTRIJUI tinha 5.266 associados, que já recebiam assistência técnica em Ijuí através de 2 agrônomos e 1 veterinário nos Programas de Produção de semente de trigo, conservação do solo e suinocultura.

No ano seguinte a assistência já era descentralizada para Santo Augusto e em 1970 para Tenente Portela. E o quadro social subia para 5.719 associados.

O Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", construído em Rio Grande, iniciava seu funcionamento em 1972 e já no ano seguinte novas unidades eram instaladas nos municípios de Chiapetta, Coronel Bicaco e Vila Jóia. O quadro social crescia para 8.374 associados e a lavoura de trigo sofria uma grande frustração, mostrando que a diversificação de culturas deveria ser o objetivo central a ser alcançado.

Em 1975, ao lado da ampliação das unidades já existentes, eram construídas as unidades de Ajuricaba e Augusto Pestana e ao mesmo tempo o quadro social crescia para 11.361 associados. Uma nova frustração parcial na lavoura de trigo confirmava a necessidade urgente de

acelerar as atividades de diversificação de explorações.

A assistência técnica que inicialmente era prestada na produção de sementes de trigo, na conservação do solo e suinocultura, foi dinamizada, atingindo outros setores da atividade.

Elementos especializados em diferentes áreas como forrageiras, leite, terneiro precoce, horticultura e fruticultura, se incorporam a equipe do Departamento Técnico, definindo um plano de exploração integrada entre lavoura e pecuária. Dessa maneira, o Departamento Técnico da COTRIJUI passou a oferecer diversas alternativas de exploração, dentro da capacidade de uso dos solos de cada propriedade e do sistema de exploração integrando lavoura-pecuária.

De outro lado, elementos de comunicação, extensão e treinamento, desenvolvem um trabalho de catequese paralelo ao trabalho técnico, a fim de acelerar o desenvolvimento dos projetos já estabelecidos.

O grande número de pequenos produtores associados é um desafio que enfrenta o próprio departamento para levar a sua assistência técnica com custos compatíveis com esse pequeno agri-

cultor. A organização desses agricultores em forma de núcleos dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, tem facilitado em muito o contato do técnico com os produtores. Por outro lado, esse contato facilita e estimula a discussão sobre problemas e o aparecimento de novas idéias mais adequadas a realidade, enriquecendo assim, também, a equipe técnica.

A assistência indireta através dos diferentes projetos tem sido muito importante para atingir um grande número de associados. Dessa maneira funciona o projeto de produção de sementes, o programa de conservação e melhoramento da fertilidade do solo, a assistência e supervisão de crédito, além de outros. O técnico agrícola devidamente preparado e treinado tem sido fundamental na participação do trabalho de assistência técnica.

Por outro lado, toda a prestação dessa assistência é em parte paga pelo produtor beneficiado, estimulando a execução correta da assistência preconizada, além de evitar as solicitações desnecessárias. Eis, numa breve síntese, o Departamento Técnico da Cotrijui, quando esta comemora 20 anos.

## AVEZ DA HORTICULTURA

Eng. Agr. Helio Ito POHLMANN

Os produtos hortigranjeiros são característicos nas zonas coloniais, onde predominam as pequenas propriedades, contribuindo como fator de melhoria na alimentação e auxiliando a economia familiar, seja pela diminuição nas despesas de compra dos gêneros alimentícios, seja com geração de lucros na venda dos excedentes da produção.

Esta situação tradicional vem sofrendo claras modificações, principalmente pelo afastamento por parte do produtor da atenção com a horta e pomar, dedicando-se exclusivamente às atividades de lavoura, optando em consequência pela compra desses produtos para a alimentação familiar.

Analisando-se esses fatos, concluiu-se que muitos pequenos proprietários estão, dessa maneira, se descapitalizando com excessivos gastos em alimentação, usando os recursos da lavoura, quando poderiam usar melhor a mão-de-obra familiar em culturas mais exigentes e de ciclo curto, com alto retorno econômico paralelamente à lavoura tradicional.

A COTRIJUI, preocupada com a situação, criou o Setor de Horticultura, no Depar-

tamento Técnico sede, atuando em fruticultura e olericultura (hortaliças) com o objetivo de estudar as melhores condições de desenvolvimento do setor, oferecendo novas alternativas de receita para a viabilização de produtores que tenham na horticultura uma atividade econômica básica, com retorno suficiente para seu equilíbrio financeiro e possibilitando investimentos na melhoria do processo produtivo.

Essa busca de soluções envolve contatos com outras regiões produtoras, Instituições de pesquisas e Universidades, o que já está sendo levado a efeito com boas perspectivas técnicas para a região.

O estudo da comercialização é muito importante, residindo nesse fator o desafio que é preciso vencer, dando condições a que o produtor tenha assegurada a colocação de seus produtos com o justo retorno econômico. Paralelamente ao estudo das alternativas desta atividade agrícola, está sendo prestada a assistência técnica aos associados que já se dedicam a horticultura, no sentido de obter melhores rendimentos em quanti-

dade e principalmente em qualidade, de modo que os produtos possam alcançar melhor comercialização.

O uso de defensivos agrícolas em horticultura é fundamental. E considerando-se que os produtos hortícolas são consumidos ao natural em sua maioria, é extremamente importante a observação técnica na sua aplicação e essas informações podem ser obtidas junto ao departamento técnico.

As sementes — fator básico na produção — devem ser cultivares adaptadas a região para obter os altos resultados produtivos e para obter essa informação é necessário testá-las, comparando os resultados ao produtor. Este trabalho está em fase inicial com o programa de implantação de uma área experimental no Centro de Treinamento Cotrijui, o qual poderá a médio prazo fornecer as informações necessárias.

Uma horta demonstrativa igualmente está em implantação no Centro de Treinamento Cotrijui (antigo Posto Agropecuário) para servir de base nos es-



tudos de técnicas de manejo integrado do solo, abrangendo seu uso, rotação de culturas, teste de variedades, irrigação, com análise econômica para melhor orientação dos associados em seus empreendimentos.

As culturas de batata e feijão-preto, apesar de não serem essencialmente hortigranjeiros, estão incluídas no programa de assistência técnica na busca de melhor produtividade e maior retorno econômico ao produtor.

A preocupação na área

hortigranjeira era, até data recente, toda do produtor. Presentemente, com as informações de pesquisa veiculadas pela assistência técnica e acesso a crédito rural, com financiamento de investimento e custeio desde que integrado a um plano de produção, é possível novo rumo ao setor, aumentando a estabilidade de seus empreendimentos, notadamente aqueles que possuem pequenas áreas e que necessitam máximo rendimento econômico em suas culturas.



# EVOLUÇÃO DA ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA NA COTRIJUI

A atuação do médico-veterinário no Departamento Técnico da COTRIJUI iniciou em janeiro de 1968. Nesta época, excetuando-se a suinocultura, os demais setores de exploração pecuária praticamente não tinham importância econômica. A prestação de assistência veterinária tinha apenas o caráter de um benefício que a COTRIJUI prestava a seus associados, pois o fato da Cooperativa não comercializar nenhum produto de origem animal inviabilizava qualquer programação mais ambiciosa na área de produção pecuária. Nestas condições, o veterinário da Cooperativa limitou-se ao exercício da atividade clínica, assumindo no entendimento do agricultor associado o caráter de um "médico de animais", cujo único objetivo era o de prescrever tratamentos terapêuticos para os animais doentes. Estabeleceu-se então, entre os associados, o hábito de somente procurar o veterinário, quando a doença atacava o rebanho. Com o passar dos anos, as solicitações de atendimento desta natureza foram-se multiplicando, o que levou a Cooperativa a contratar mais profissionais para esta área.

Em setembro de 1971, em razão de convênio firmado entre a COTRIJUI e a Prefeitura Municipal de Ijuí, o Serviço de Inseminação Artificial, que era realizado por esta última, passou a ser executado pelo Departamento Técnico da COTRIJUI, sob a orientação do Setor de Assistência Veterinária. Criavam-se assim, condições para promover o melhoramento do padrão zootécnico do rebanho bovino da área de ação da Cooperativa, pelo uso de sêmen de ótima procedência. Em termos quantitativos o Serviço de Inseminação Artificial evoluiu rapidamente, o que levou ao estabelecimento de postos de inseminação nos demais municípios que compõe a área de ação de Cooperativa.

Quadro 1 - Desempenho do Serviço de Inseminação Artificial Periódico de 1974 a 1976.

Posto de Inseminação	Número de Inseminadores	Inseminações Realizadas			
		1974	1975	1976	Totais
Ijuí (sede)	3	1.082	1.105	1.333	3.520
Linha 6 N.	1	297	328	377	1.002
A. Pestana	1	843	1.034	888	2.765
Vila Jóia	2	109	127	94	330
Ajuricaba	1	134	157	154	445
Chiapetta	1	79	96	211	386
Tte. Portela	1	460	553	437	1.450
Cel. Bicaco	1	-	-	124	124

Obs: Este quadro demonstra apenas as inseminações artificiais realizadas nas pequenas propriedades, não estando computadas as inseminações realizadas em fazendas.

Nos três primeiros anos, a partir de sua implantação na COTRIJUI, o Serviço de Inseminação Artificial atuou somente na pequena propriedade. As inseminações eram realizadas em caráter individual, de acordo com as solicitações dos proprietários. Posteriormente este serviço chegou às grandes propriedades, procedendo-se então a inseminação coletiva dos rebanhos previamente selecionados, com bons resultados.

Ao Setor de Assistência Veterinária que até então se limitava ao atendimento clínico e ao Serviço de Inseminação Artificial, veio somar-se o Setor de Forrageiras, criado em 1973. Consubstanciava-se assim uma estrutura de assistência técnica capaz de promover inovações tecnológicas nos diferentes fatores do processo produtivo da pecuária regional. No entanto, o momento econômico da região não oportunizava um incremento no setor da produção animal. Dificuldades de comercialização e preços desestimulantes, aliados a valorização das safras agrícolas faziam com que o cooperativismo regional se voltasse inteira e exclusivamente para as lavouras de trigo e soja. Não havia área, nem interesse e nem tempo para a atividade pecuária. Nestas circunstâncias o setor de assistência veterinária não encontrava condições para executar um trabalho mais programado na área da produção animal. Excetuando-se alguns criadores mais evoluídos que não se submeteram ao modelo agrícola proposto e buscaram assessoramento técnico para outras alternativas de produção, os demais produtores associados continuaram utilizando os serviços de assistência veterinária de forma eventual, buscando soluções imediatas para problemas isolados. A equipe técnica estava consciente de que tanto o atendimento clínico como a inseminação artificial, atuando de forma dispersiva, desvinculadas de qualquer programação, não poderia produzir modificações significativas na produtividade da pecuária. Havia um potencial técnico de certa forma ocioso. A propriedade rural da região, embalada pelos sucessos da lavoura, não configurava um substrato capaz de absorver esse potencial. Estava claro que o modelo agrícola vigente não era ideal e nas páginas do COTRIJORNAL começaram a desfilar artigos que apontavam a insegurança do modelo e propunham novas alternativas de produção. Também de outras fontes emergiram idéias que falavam em

diversificação. Era o conceito de integração lavoura-pecuária que começava a ganhar forma. E os resultados começaram a aparecer.

As Feiras de Terneiros criados pela Secretaria da Agricultura em 1973, encontraram uma boa receptividade entre os criadores da área de ação da Cooperativa. Alguns associados, assistidos pelo Departamento Técnico, começaram a ajustar suas propriedades para produzir o novilho precoce. Os resultados foram excelentes. Tanto foi assim que já em janeiro de 1975, daqui saíram os primeiros novilhos precoces que foram abatidos na Cooperativa Castilhense de Carnes, acompanhados e assistidos na fase de recría e terminação pelo pessoal do Departamento Técnico.

Nossa paisagem rural começava a mudar e a terra que só produzia trigo e soja começou a produzir novilhos, que aos 24 meses de idade estavam prontos para o abate. As feiras subsequentes apenas vieram confirmar a aptidão desta região para a produção de carne. A cada ano novos produtores foram se incorporando ao programa de produção de novilhos precoces de tal modo que a Secretaria da Agricultura decidiu criar a Feira do Terneiro de Ijuí. Modificou-se o panorama produtivo da região e ao mesmo tempo o setor de assistência veterinária encontrava melhores condições para executar um trabalho mais produtivo. Pode-se afirmar que muitos criadores que se incorporaram ao programa de novilho precoce foram estimulados, entre outros fatores, pela disponibilidade de assistência técnica proporcionada pela COTRIJUI. Já não se buscava apenas o atendimento clínico, mas também o assessoramento zootécnico e a orientação sanitária.

O programa do novilho precoce se ajustou perfeitamente à média e grande propriedade. No entanto era preciso encontrar uma alternativa para a integração lavoura-pecuária na pequena propriedade. A pecuária leiteira surgiu, como a opção mais favorável. O cooperativismo regional abraçou a causa da produção leiteira, o que resultou na criação da CCGL. Agora é preciso promover profundas alterações no sistema atual de exploração da pecuária leiteira regional, através de uma assistência técnica objetiva e integral, visando aumentar a produtividade. Há muito o que ser feito e o setor de assistência veterinária já se reorganizou para enfrentar o novo desafio. Novas contratações foram feitas e os programas de trabalho já estão estabelecidos. Uma nova página começa a ser escrita.

Texto de: Méd. Vet. Otalíz de Vargas Montardo

# CONSERVAÇÃO DO SOLO NA ÁREA DA COTRIJUI

O antigo município de Ijuí, incluindo os atuais municípios de Augusto Pestana e Ajuricaba, iniciou o processo de colonização da região com a chegada dos primeiros colonos oriundos das "colônias velhas", que se radicaram inicialmente na localidade denominada Picada da Conceição, hoje conhecido como Barreiro. Receberam lotes de 25 hectares, iniciando a exploração da área com o cultivo do milho, mandioca, cana-de-açúcar, feijão-preto e com a criação de suínos.

Muitos anos se passaram com o colono cultivando suas lavouras dentro de um sistema tradicional, preocupando-se inicialmente com a derrubada das matas para a formação de suas lavouras. Eram os instrumentos de trabalho o machado e a enxada, sendo utilizada a força animal para a realização dos serviços de preparo da terra.

Com o advento do cultivo do trigo, obrigou o agricultor a introduzir a mecanização na sua lavoura, seguida da adoção de novas técnicas culturais. O trigo logo conseguiu uma companheira: a soja. Intensificou-se a mecanização, sendo realizada uma rotação de culturas empíricas. Aos poucos a sucessão trigo-soja passou a dominar o panorama agrícola da região. A erosão já se manifestava e começava a alcançar nova dimensão. A topografia acidentada da região, aliada ao regime de chuvas, cujos extremos já alcançaram 2.300 mm/ano, 470 mm/mês e 164 mm/dia, juntamente com o sistema fundiário, fizeram da erosão um dos sérios problemas a serem enfrentados por técnicos e agricultores.

Em 1949 foram iniciados no município os trabalhos de conservação do solo, através do Posto Agropecuario, do Ministério da Agricultura. Embora a execução de práticas conservacionistas alcançassem 2.685 hectares no período de 1958-61, as solicitações eram muito maiores do que a capacidade de execução dessa unidade de trabalho. A partir de 1960 o crescimento e a mecanização intensa da lavoura de

trigo estavam a exigir uma assistência conservacionista cada vez maior.

Em 1962 foi criada a Unidade Conservacionista da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, com pessoal dedicado exclusivamente a assuntos conservacionistas. Intensificaram-se assim a adoção de práticas conservacionistas pelos agricultores mais progressistas.

Em que pese os milhares de quilômetros de terraços construídos e por mais meritória que fosse essa atividade não conseguiram atender as necessidades crescentes dos agricultores quanto a esse tipo de trabalho. Uma solução deveria ser encontrada para resolver o impasse surgido. Foi então que a equipe da Secretaria da Agricultura baseada nos Distritos Conservacionistas norte-americanos criou a Associação Conservacionista de Ijuí. Era o dia 16 de agosto de 1965. Reuniram-se na sede da COTRIJUI as seguintes organizações, para criarem a Associação Conservacionista de Ijuí, com a finalidade de congregar os agricultores, suas entidades associativas e demais instituições públicas e privadas da comunidade, para instituírem e executarem "Um Programa Conservacionista dos Recursos Naturais em nossa Região".

1 - Prefeitura Municipal de Ijuí; 2 - Unidade Conservacionista da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul; 3 - Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda - COTRIJUI; 4 - Instituto de Educação de Base da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí; 5 - Posto Agropecuario do Ministério da Agricultura; 6 - Associação Rural; 7 - Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S/A - IMASA; 8 - Banco Nacional de Crédito Cooperativo - BNCC; 9 - Caixa Rural União Popular - CRUP; 10 - Cooperativa Mista Tuiuti Ltda; 11 - Cooperativa Mista Formigueiro Ltda; 13 - Auto Agrícola Ijuí S/A; 14 - Alberto Sabo e Irmãos Ltda; 15 - Reimann S.A.

Nasceu assim a primeira Associação Conservacionista do país, graças ao espírito comunitário existente e graças a visão e tenacidade dos técnicos que foram pioneiros na assistência conservacionista em nosso município. Nesta mesma reunião foi eleita a primeira diretoria, que ficou assim constituída: presidente, Walter Müller, prefeito municipal; vice-presidente, Bruno Fuchs, industrialista; 1º secretário, Lourenço Schorr; 2º secretário, Nilo Bonfanti; tesoureiro, Alberto Sabo; diretor técnico, dr. Rubem Ilgenfritz da Silva. Graças à colaboração das entidades comunitárias, principalmente da Prefeitura Municipal e COTRIJUI, pode a Associação apresentar já no primeiro ano um significativo trabalho, com a marcação de terraços em uma área de 2.802 hectares, com a locação de 210 canais escoadouros, além da assistência no controle de voçorocas, manutenção de terraços, recomendação na aplicação de corretivos, rotação de culturas, adubação verde, melhoramento de pastagens nativas, formação de pastagem cultivada, estendendo essa assistência a 109 agricultores. Os trabalhos evoluíram, atingindo no período 75/76 o atendimento de 576 agricultores, numa

área de 10.165 hectares, como demonstra o gráfico.

A prática de terraceamento foi a mais difundida, por ser a primeira medida a ser empregada no controle da erosão. No entanto, face ao sistema produtivo, que exige uma intensa mobilização do solo, nem sempre esta prática consegue reter as perdas de solo, principalmente naquelas áreas de declividade acentuada. Através da observação prática dos técnicos, viu-se que determinadas áreas onde se tinha manejo do solo diferente do convencional, apresentavam reações diferentes ao processo erosivo. Pouco ou nada se dispunha de informações da pesquisa. Nesse momento, procurando sensibilizar os órgãos oficiais de pesquisa, motivando seus representantes à realizarem experimentos na área de conservação do solo, foi promovido pela Associação Conservacionista de Ijuí o Iº Encontro Interestadual de Práticas Mecanizadas para Conservação do Solo, realizado em nossa cidade nos dias 3 - 4 e 5 de novembro de 1972, sob o patrocínio da Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs SA e Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda - COTRIJUI.

Esse encontro alcançou um sucesso do ponto de vista promocional porque reuniu técnicos gaúchos, de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, incluindo vários pesquisadores. Dentro desse espírito, a Associação Conservacionista de Ijuí vem executando suas atividades hoje integrada ao Departamento Técnico da COTRIJUI.

Podem hoje os técnicos no setor contar com especialistas em pastagens, refloresta-

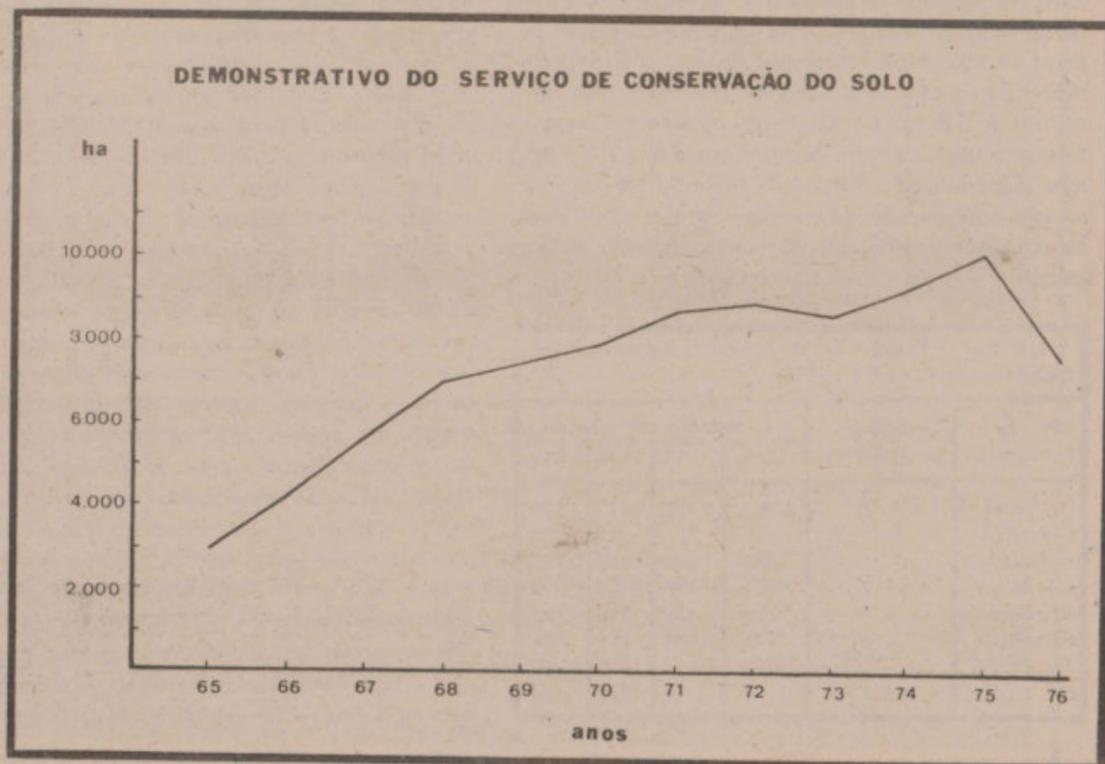
mento, fruticultura, integrando essas atividades dentro de um programa de racionalização do uso do solo. Também no setor de pesquisa os órgãos oficiais já têm incluído em suas pautas de trabalho, experimentação na área de conservação do solo.

No centro de Treinamento Cotrijui se encontra instalado um dos primeiros trabalhos de avaliação de perdas de terra por erosão em nossa região.

O próprio Governo Federal, preocupado com os sérios problemas na área de conservação de solos, criou o Programa Nacional de Conservação dos Solos - PNCS, com o objetivo de disciplinar a ocupação e uso do solo, visando a sua conservação e restauração de recursos naturais. Ijuí está incluído dentro dos municípios prioritários, onde uma área de 10.737 hectares deverá participar desse projeto. O Programa foi criado em 1975. Infelizmente por falta de definições na área de crédito rural, somente uma parte foi executada, que foi a escolha da área e cadastramento dos produtores onde o programa será implantado.

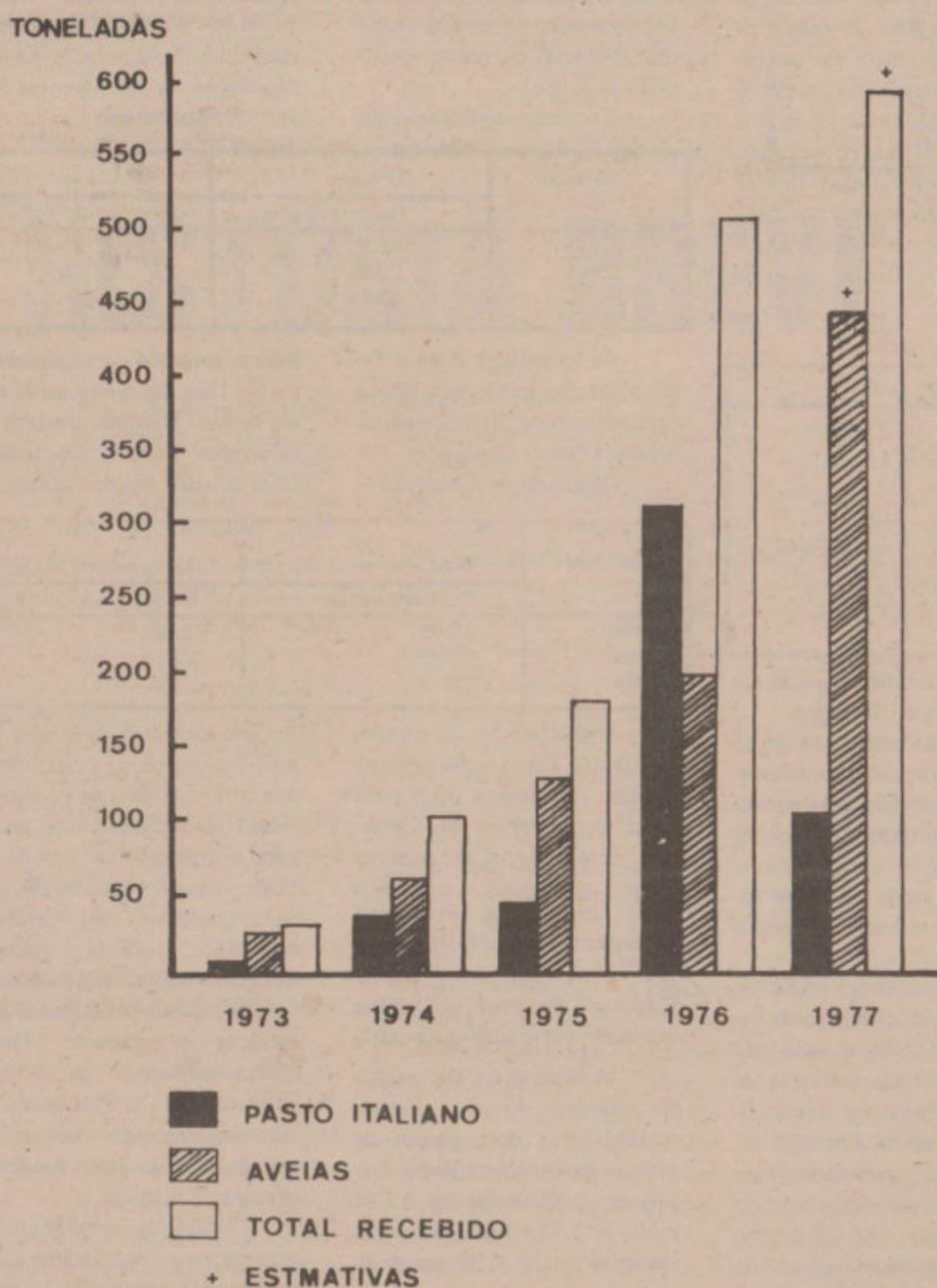
Podemos dizer que a participação, tanto da Associação Conservacionista de Ijuí, como dos demais órgãos que atuam nesse setor, teve um reflexo no desenvolvimento da agricultura regional. Em que cada atividade realizada, além do lado objetivo, há também o lado subjetivo, que não se pode medir em termos de grandeza numérica, mas que deve ser considerado, pois muitas vezes apresenta maior importância que a simples enumeração de dados.

Texto do Eng. Agr. Luiz Volney Mattos VIAU



# SEMENTES DE FORRAGEIRAS

DEMONSTRATIVO DO RECEBIMENTO DE SEMENTES DE FORRAGEIRAS



A história nos revela que o homem sempre lutou contra as adversidades do meio na procura de melhores condições de vida. Nesta caminhada a produção de alimentos se constituiu no maior desafio. Nos últimos anos com o advento da tecnologia moderna, o homem tem realizado verdadeiros milagres no campo da agricultura. Na impossibilidade de mudar as condições ecológicas, a pesquisa tem procurado através do melhoramento, apontar as cultivares mais adaptadas e produtivas.

O trabalho do melhorista terá alcançado seus objetivos se o pequeno número de sementes que ele obtém for multiplicado em milhares de vezes. Entretanto, este trabalho deve ser realizado dentro de critérios e normas, de tal forma que seus resultados cheguem ao produtor: uma semente de qualidade garantida.

Por que a qualidade da semente é importante? A produção agrícola, como se sabe, resulta da combinação simultânea de vários fatores. Um dos principais, sem dúvida, é a semente de boa qualidade. Até mesmo, dizem muitos autores, o que mais diferencia a agricultura empírica da agricultura moderna é a diferença entre um "grão" utilizado para a semeadura e uma semente de qualidade garantida. Sem boa semente jamais poderá existir uma agricultura rentável e produtiva.

Como nos demais cultivos, a qualidade das sementes também é importante nos cultivos forrageiros. O sucesso da produção forrageira depende, em primeiro lugar, de um número satisfatório de plantas, e isto requer uma boa semente. No custo total da formação de uma pastagem a diferença de preço entre uma semente de alta qualidade e uma outra semente é, geralmente, insignificante. O produtor deve, sempre que possível, utilizar sementes com germinação e pureza garantidas—sementes certificadas são sempre um bom investimento. É necessário ainda que as sementes sejam de espécies ou variedades tecnicamente recomendadas e que satisfaçam as pretensões do produtor e a aptidão do solo.

Toda esta preocupação terá pouca validade se não forem acionados programas de multiplicação de sementes, com critérios padrões bem definidos. O Brasil ainda se ressenteste neste aspecto, embora em alguns cultivos, como trigo e soja, já exista um trabalho bem encaminhado. Talvez a produção de sementes de forrageiras seja a menos desenvolvido. E é fora de dúvida que o atraso da pecuária está estreitamente relacionado com a escassez e o baixo padrão das sementes forrageiras. E mais do que isto, com seus preços elevados.

A COTRIJUI, consciente deste problema e sabendo que a maioria das sementes importadas podem ser produzidas aqui, iniciou um programa de multiplicação de sementes forrageiras em 1973. É claro que aliado a ele lançou-se no programa de integração da lavoura-pecuária e, mais recentemente, procura reativar a produção leiteira. Este trabalho integrado, embora em fase de implantação, já viabilizou a produção de sementes de forrageiras. O gráfico mostra a evolução deste programa, onde aparecem as quantidades de aveias e pasto Italiano, bem como o total dos recebimentos.

Atualmente a COTRIJUI já produz sementes de mais de 15 variedades. Conforme pode ser observado no quadro, o maior volume é representado por aveias e Pasto Italiano. Entretanto, o programa total inclui, além de 4 cultivares de aveias (Coronado, Ipecoen, Suregrain e Preta) e Pasto Italiano, Centeio crioulo e obuzzi, azevém anual, trevo branco Yi, trevo Yuchi, tremoço, alfafa Crioula, setária kazungula, rhodes Callid, panicum Gatton e Pensacola. A seguir outras espécies e variedades serão incluídas, dentre elas, siratro, trevo vermelho, cornichão, ervilhaca e aveias TAM 101 e Cortez.

Após a implantação definitiva do programa que inclui equipamentos apropriados de beneficiamento, a COTRIJUI estará preparada para dar o apoio necessário aos projetos de engorde e produção leiteira. Além disto contribuir com o aprimoramento da produção forrageira do Estado.

# COLZA

Eng. Agr. Luiz Volney Mattos VIAU

Tem surgido ultimamente na imprensa algumas referências ou descrições botânicas sobre o cultivo da Colza - sua denominação em francês, ou Rapeseed em língua inglesa, ou ainda Raps em alemão.

A colza é uma planta anual, da família das crucíferas. Segundo alguns autores é um híbrido entre a couve (*Brássica oleracea*) e o nabo (*B. napus*), considerado por alguns botânicos como *B. napus oleifera*, *B. campestris* variedade oleifera, etc. Esta crucífera vem sendo cultivada em larga escala no Canadá e Europa em zonas frias.

Segundo o professor C. Robblen, da Universidade de Gottingen, os maiores produtores são a Índia, Paquistão e China, com percentuais de produção de 43% e área de 72%, seguido da Europa com produção de 31% e área de 12%, e América do Norte com participação na produção na casa de 20%, com área de 14%.

Em 1974 a produção mundial foi de 7.000.000 toneladas, numa área de 9.000.000 hectares. Com relação a produtividade, na Índia é de 500 kg/ha; no Canadá 1.000 kg/ha; na França, Suécia e Polônia 1.900 kg/ha e na Alemanha é de 2.000 kg/ha.

As variedades canadenses produzem em torno de 1.300 kg quando cultivadas na Alemanha. A Europa possui as melhores condições climáticas para o cultivo da colza.

O cultivo da colza tem por finalidade a produção de óleo, que inicialmente foi utilizado pelas civilizações do Mediterrâneo e da Ásia, com a finalidade de iluminação. Com o advento da máquina a vapor, o óleo teve grande utilização como lubrificante, devido suas características de fácil adesão às partes metálicas atingidas pela água e vapor.

Em 1942, no Canadá, a necessidade de óleo com tais propriedades para aplicação nas máquinas dos navios das Forças Aliadas proporcionou grande incremento na sua produção.

As dificuldades da utilização do óleo para consumo humano decorria do fato da colza possuir demasiada quantidade de ácido erúsico e glicosinolat, que provocava no ho-

mem distúrbios cardíacos. E a torta quando utilizada para fabricação de rações, devido a presença dessas substâncias orgânicas, atacava a tireóide, prejudicando o crescimento dos animais jovens. Em função disso, vários institutos oficiais de pesquisa no Canadá e Alemanha iniciaram trabalhos de melhoramento da planta, com o fim de reduzir as taxas dessas substâncias tóxicas.

Decorrentes desses trabalhos obteve-se variedades com níveis aceitáveis dessas substâncias, fazendo com que se tornasse viável o seu emprego na alimentação humana e animal. Hoje dispomos de variedades que podem ser utilizadas como matéria-prima na fabricação de margarinas, banha, óleo para frituras, maioneses, etc, enquanto que o farelo é utilizado como fonte de proteínas no preparo de rações animais, especialmente na Europa e no Japão. Na Alemanha se diz que uma variedade é livre de ácido erúsico quando este teor é menor que 2%.

Características de algumas variedades de colza

Variedade	Procedência	Ac. Erúsico	Glicosinolat	Uso
Midas	Canadá	0	100	grão
Tower	"	0	0	"
Erglu	Alemanha	0	0	"
Kossa	"	0	100	"
Egra	"	0	0	"
Mali	"	100	100	forragem verde
Tira	"	100	100	"
Janetzei's	"	100	100	grão
Zollergold	"	100	100	"

Devido a fecundação cruzada, deve-se ter o cuidado no cultivo dessas variedades, pois se forem plantadas juntas podemos contaminar aquela que não possui ácido erúsico. Estas variedades foram cultivadas no Centro de Treinamento Cotrijui.

Atualmente estamos conduzindo trabalhos de pesquisa somente com as variedades Tower, Erglu, Egra e linhas 00 (Doble Zero) selecionadas pelo prof. G. Robbelen em Gottingen.

#### PESQUISA NA COTRIJUI

O objetivo dos trabalhos de pesquisa no Centro de Treinamento Cotrijui é determinar o comportamento produtivo de cultivares de colza em nossa região. Esses trabalhos vêm sendo orientados pelo prof. G. Robbelen, do Instituto für Pflan-

O Instituto de Gottingen, na Alemanha, conseguiu recentemente obter a variedade Erglu, que pode ser utilizada na alimentação humana e animal sem problemas. No Canadá depois de 10 anos de pesquisa obteve-se a variedade Tower, apropriada para o consumo humano. Existem também variedades utilizadas para produção de forragens verde; no entanto temos poucas informações dessa planta.

Descrição botânica - A planta tem um porte ereto, alcançando 1,50 m. de altura. As flores são de coloração amarela. O fruto é uma siliqua de 6-7 cm de comprimento. As sementes são pequenas, arredondadas e de coloração castanha escura. Os frutos são indecentes, sendo que as sementes caem ao solo com facilidade depois de maduras.

Propriedades - Na Alemanha a semente possui 40% de óleo e o farelo de 35-40% de proteínas. A quantidade de fibra varia de 15-20%.

Novas variedades de sementes amarelas estão sendo desenvolvidas com teores de 11-12% de fibra. O farelo de colza quando livre de glicosídeos se assemelha ao farelo de soja. No Canadá e na Alemanha os resultados na alimentação animal são satisfatórios. Devido a maior percentagem de fibra na torta de colza, ela se equivale a 80% com relação a torta de soja.

zenbau und Pflanzenzüchtung der Universität Gottingen.

A colza em nossa região seria mais uma cultura de inverno a ser desenvolvida na resteva junto com o trigo e forrageiras de estação fria. Seria mais uma alternativa, vindo assim ao encontro do programa de diversificação.

Os trabalhos iniciaram em 1974 com o cultivo da variedade Midas. Neste ano não se obteve muitas informações devido o plantio ter sido realizado tardiamente. Em 1975 recebemos oito variedades para cultivo e também a visita do Dr. Robbelen, quando se deu início ao trabalho da seleção de plantas, visando melhoramento e sua adaptação. Instalamos um ensaio com nove variedades em duas épocas de plantio ou seja: em 10.06.75 e 10.07.75.

Variedade	Obteve-se neste ensaio os seguintes rendimentos	
	1ª época Produção kg/ha	2ª época Produção kg/ha
Midas	1.280	920
Erglu	920	920
Tower	1.240	1.000
Kossa	1.760	1.480
Egra	960	480
Mali	1.300	560
Tira	680	132
Janetzei's	1.280	800
Zollergold	1.360	1.100

Estimou-se uma perda de 20-25% por debulha no momento da colheita nas duas épocas de plantio. Como não tínhamos muitas informações sobre a cultura, tanto o espaçamento entre as linhas de plantio como a densidade de semente empregada por hectare não foram ideais.

Também neste ano foi realizado um trabalho de autofecundação de plantas de variedade Erglu e Egra, que apresentaram melhores características de produção.

Em 1976 realizamos os seguintes trabalhos: multiplicação de plantas auto-fecundadas das variedades Egra e Erglu; ensaio de épocas de plantio; ensaio de espaçamento; multiplicação de linhas 00 (Doble Zero) provenientes da Alemanha; multiplicação de grupos de variedades Erglu.

Em todos os ensaios con-

duzidos usou-se delineamento experimental em blocos ao acaso.

Multiplicação de plantas auto-fecundadas - Foram cultivadas plantas selecionadas na safra de 1975. Foram plantadas em linhas espaçadas de 40 centímetros. Plantas que acusaram altos teores de ácido erúsico foram eliminadas, conforme análise realizada na Alemanha. Foram multiplicadas 24 plantas da variedade Erglu e obteve-se rendimentos que variaram de 875 a 3.500 kg/ha. Das 17 plantas da variedade Egra obteve-se rendimentos de 1.167 a 4.500 kg/ha.

Ensaio de épocas de plantio - Este ensaio se encontra no segundo ano de plantio. As épocas de plantio foram 14.06.76 e 02.07.76. Foram cultivadas 3 variedades com 3 repetições. Os rendimentos médios obtidos foram:

Variedade	1ª época	2ª época
	Produção kg/ha	Produção kg/ha
Tower	1.608	1.504
Egra	1.643	-
Erglu	1.863	-

As variedades Egra e Erglu plantadas na segunda época apresentaram-se muito desuniformes e foram eliminadas.

Ensaio de espaçamento -

Foram testados os espaçamentos de 18 a 36 centímetros entre linhas. Usou-se também 3 variedades com 3 repetições. Os resultados obtidos foram:

Variedade	Espaçamento 18 cm	Espaçamento 36 cm
	Produção kg/ha	Produção kg/ha
Tower	1.666	2.106
Erglu	1.550	2.418
Egra	1.573	2.395

Multiplicação de linhas 00 (Doble Zero) - Foram cultivadas 133 linhas 00 (Doble Zero) provenientes da Alemanha. Este material foi recentemente selecionado e apresenta teores aceitáveis de glicosinolat. Os rendimentos obtidos oscilaram entre 250-2.600 kg/ha. Dispomos de mais 115 linhas que serão cultivadas nesta safra.

Multiplicação de grupos da variedade Erglu - Foram multiplicados dois grupos de plantas da variedade Erglu. Obteve-se rendimentos de 1.848 kg/ha e 1.839 kg/ha respectivamente no 1º e 2º grupo de plantas.

Estas são as informações que já dispomos da colza. Devemos continuar os trabalhos de pesquisa por mais um período

do mínimo de 2 anos para depois incentivar ou desestimular seu cultivo a nível de produtor. Nossa preocupação está sendo com a obtenção de variedades mais precoces para não prejudicar o plantio da soja. Também dedicamos grande atenção quanto a determinação de substâncias tóxicas no material que estamos trabalhando. Desta forma enviamos anualmente amostras para a Alemanha do material cultivado, para as determinações de ácido erúsico e glicosídeos tóxicos.

Dadas as condições climáticas de nosso Estado e em função dos resultados já obtidos, se vê probalidades da introdução da colza em nossa região, contribuindo no processo de diversificação de culturas.

# PRODUÇÃO DE SEMENTE FISCALIZADA

O Projeto de Produção de Sementes foi anterior a própria estruturação do Departamento Técnico da COTRIJUI. No ano de 1965 foi criada pelo Ministério da Agricultura a Comissão Estadual de Semente de Trigo Fiscalizada - CEST-RS e posteriormente, em 1969, era criada a Subcomissão Estadual de Semente de Soja - CESSOJA-RS. Mais tarde a Portaria Ministerial nº 55, de 22 de março de 1971 criava a Comissão Estadual de Sementes e Mudanças - CESM-RS, englobando as anteriormente citadas e ainda mais atualmente a SESMIS-RS (milho e sorgo), SESF-RS (forrageiras) e as subcomissões para produção de semente fiscalizada de cevada e feijão.

A semente é o insumo moderno mais importante na formação de uma lavoura e as respostas em relação ao aumento de produção e da produtividade estão diretamente ligadas ao seu grau de qualidade. A COTRIJUI, através de seu Departamento Técnico tem procurado através dos meios de comunicações, rádio, jornal (Cotrijornal) e também em reuniões nos núcleos dos produtores, a conscientização para a

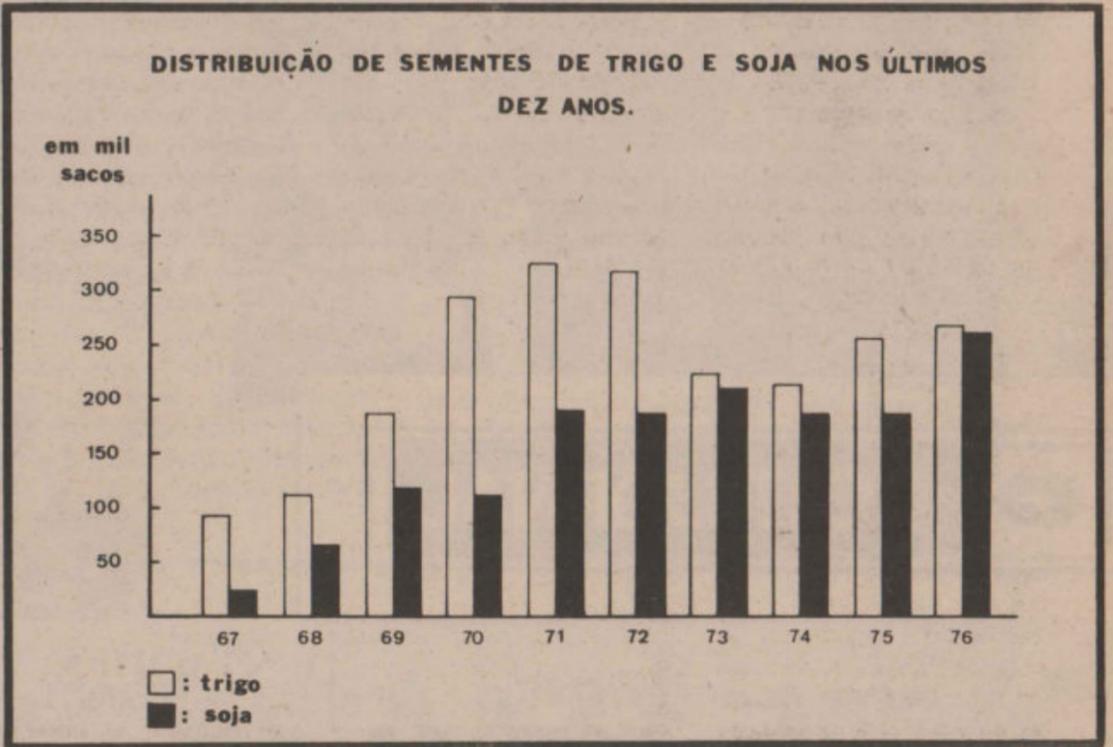
produção de semente de alta qualidade. Um passo importante neste sentido foi a criação do Conselho de Produtores de Semente, eleito livremente em votações pelos próprios produtores, abrangendo representantes das quatro unidades produtoras de Ijuí, Santo Augusto, Tenente Portela e Vila Jôia, no município de Tupanciretã. Este conselho tem participado ativamente das decisões relacionadas à produção de semente, como por exemplo na adoção dos padrões de classificação de semente de soja, prática já adotada há três anos, com a presença dos interessados no momento do beneficiamento. Esta padronização irá influenciar mais tarde nos valores de bonificação pagos ao produtor. Desta maneira o bom produtor é estimulado, ao passo que aquele que está produzindo uma semente de má qualidade, ou se enquadra no esquema ou é eliminado. Este esquema adotado para semente de soja deverá aos poucos ser transferido para as demais espécies.

A criação do Laboratório de Análise de Semente, em 1971, veio dar maior consolidação ao esquema de produção de sementes da COTRIJUI. Realizando uma média de 12.000 análises por ano, este laboratório dotado de moderno equipamento está credenciado para análise e emissão de boletins para todas as espécies produzidas pela cooperativa.

A produção de semente

a granel é outra grande iniciativa, cujos estudos se encontram em fase adiantada para, provavelmente ainda este ano, dotar inicialmente a unidade de Santo Augusto com este tipo de instalação, para posteriormente estender a outras unidades.

Naturalmente, para que um maior número possível de produtores se beneficiem deste tipo de instalação, será necessário um grande senso de responsabilidade e cooperação por parte dos mesmos.



# HISTÓRIA BREVE DO COTRIJORNAL

Neste Suplemento histórico da cooperativa, onde procuramos dar-lhe um retrato, mesmo que sucinto, de seus 20 anos de atividades, nada mais justo do que apresentar o próprio COTRIJORNAL, pois ele que em si é o repositório dos fatos que marcam o dia-a-dia da COTRIJUI, plasmando-lhe a vida na eternidade da letra de forma, tem também a sua própria história.

Circulando pela primeira vez a 20 de julho de 1973, está completando quatro anos de circulação ininterrupta, neste 20 de julho. Do sucesso deste empreendimento, nós da redação somos suspeitos para falar.

Depois, conforme diz o ditado certo: "quem defende causa própria, exagera ou mente, decerto".

Falam nossa seção de cartas, que sai à página 23 e o prêmio ABERJE, de âmbito nacional, conquistado em 1975. A título de lembrança, limitamos a citar duas campanhas lançadas pelo COTRIJORNAL, com repercussão inclusive em

âmbito nacional. A primeira delas e a mais significativa, foi sem dúvida a Ligação Ibicuí-Jacui. Na edição de agosto de 1975 saiu a primeira reportagem focalizando o importante assunto, sob o título "Uma hidrovia vai atravessar o Rio Grande do Sul". Na edição seguinte a manchete: "Desde o Império que se fala na ligação Ibicuí-Jacuí". Em outubro, com manchete fotográfica de capa, mostramos a "Desembocadura do Ibicuí no rio Uruguai, com pesquisa de reportagem inclusive na Argentina (localidade de Yapeyu, província de Corrientes). Na edição de novembro, com entrevista exclusiva feita no Rio de Janeiro com o engenheiro Affonso Portugal, então diretor de Vias Navegáveis do antigo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN), hoje PORTOBRAS, focalizamos a "Ligação Ibicuí-Jacuí e a economia nos transportes". Em dezembro apresentamos reportagem com o governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli, na qual sua excelência declarou: "Ligação Ibicuí-Jacuí começa no meu

Governo". Em janeiro de 1976 voltamos a apresentar o tema, analisando-o sob o ângulo da integração sul-americana. Em março mostramos uma série sobre os rios europeus e norte-americanos colocados a serviço do homem, no qual procuramos consolidar o interesse global em relação ao projeto Ibicuí-Jacuí. Em abril, nova e ampla matéria sobre a importante via aquática, quando julgamos cumprida a missão do jornal. Como fecho de reportagem publicamos um rodapé explicativo sobre nosso trabalho jornalístico.

Outra campanha importante para a região, ainda não consolidada, porém com excelentes perspectivas de êxito, é a estrada Ijuí-Três Passos. As cartas-abertas publicadas ao sr. Governador do Estado sensibilizaram sua excelência para uma obra de extrema necessidade para a produção de toda esta região, que vinha sendo prometida e esquecida sucessivamente, desde o primeiro Governo do sr. Ildo Meneghetti.

Ficamos por aqui. Achamos que basta a citação dessas

duas campanhas de reportagem para justificar a importância

de um jornal voltado para as causas da coletividade.

## COTRIJORNAL

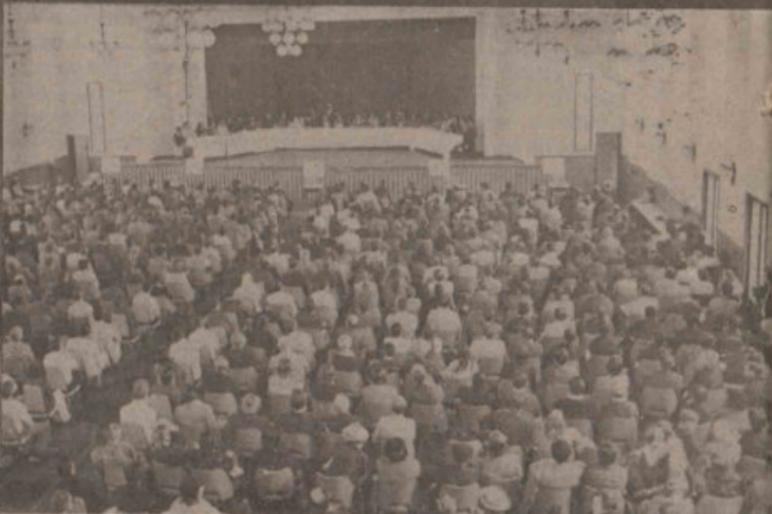
ANO 1 - LUIZ, mês de julho de 1973 - Nº 1

### É DOS AGRICULTORES O MAIOR TERMINAL

**LUIZ FOGLIATTO, O COOPERATIVISTA**

**PRESIDENTE DO BB DESTACA O CRESCIMENTO DO BANCO**

**Reprodução de capa da primeira edição do "COTRIJORNAL".**



 **COTRIJORNAL**

